

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS
MESTRADO EM GEOGRAFIA**

CLÁUDIO CRISTHIANO DA SILVA NOGUEIRA

**A REPRODUÇÃO DO ESPAÇO URBANO DE ITAPORÃ: UMA ANÁLISE A
PARTIR DAS RELAÇÕES/ARTICULAÇÕES COM DOURADOS-MS**

UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS
Cláudio Cristhiano da Silva Nogueira

**A REPRODUÇÃO DO ESPAÇO URBANO DE ITAPORÃ: UMA ANÁLISE A
PARTIR DAS RELAÇÕES/ARTICULAÇÕES COM DOURADOS-MS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD) como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Geografia.

Área de concentração: *Produção do Espaço Regional e Fronteira.*

Orientação: Prof^a. Dr^a. Maria José Martinelli Silva Calixto.

Dourados-MS
2011

CLÁUDIO CRISTHIANO DA SILVA NOGUEIRA

DISSERTAÇÃO PARA OBTENÇÃO DO TÍTULO DE MESTRE EM GEOGRAFIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA – PPGG/UFGD

BANCA EXAMINADORA

Presidente e orientadora
Prof^ª. Dr.^a. Maria José Martinelli Silva Calixto (UFGD)

1º Examinador
Prof. Dr. Oscar Alfredo Sobarzo Miño (UFRGS)

2º Examinador
Prof^ª. Dr.^a. Mara Lúcia Falconi da Hora Bernardelli (UEMS)

A Cidade

*A cidade é um chão de palavras pisadas
a palavra criança a palavra segredo.*

*A cidade é um céu de palavras paradas
a palavra distância e a palavra medo.*

*A cidade é um saco um pulmão que respira
pela palavra água pela palavra brisa.*

*A cidade é um poro um corpo que transpira
pela palavra sangue pela palavra ira.*

*A cidade tem praças de palavras abertas
como estátuas mandadas apagar.*

*A cidade tem ruas de palavras desertas
como jardins mandados arrancar.*

A palavra sarcasmo é uma rosa rubra.

A palavra silêncio é uma rosa chá.

*Não há céu de palavras que a cidade não cubra
não há rua de sons que a palavra não corra
à procura da sombra de uma luz que não há.*

(José Afonso)

*"No interior da grande cidade de todos está a cidade pequena em
que realmente vivemos".
(José Saramago)*

*"Cidade é um lugar onde as pessoas ficam
sozinhas juntas".
(Herbert Prochnow)*

À Ciência geográfica, por mudar minha maneira de pensar/ver o mundo

À minha companheira Karina, pelo seu amor e compreensão

À minha mãe Diva, pelo apoio e exemplo de coragem

Ao meu sobrinho Kauan Felipe, simplesmente por sua existência

À Zezé pelo exemplo de mestre, dedicação e amizade

AGRADECIMENTOS

*Primeiramente a **Deus**, por me conceber a vida, a inteligência e a capacidade de lutar por meus objetivos.*

*De maneira muito especial agradeço à **Karina**, por sua compreensão durante minha ausência, pelas longas conversas, por sua simplicidade, seu amor a mim dedicado e acima de tudo, por fazer parte da minha vida.*

*À minha **mãe**, pelo exemplo de pessoa, por sua dedicação, conselhos, seu carinho, por ser responsável por minha existência e acima de tudo por ter me ensinado a ser quem sou.*

*À minha orientadora Maria José (**Zezé**), pelos diálogos, discussões, ensinamentos e confiança e, sobretudo por ter contribuído, incomparavelmente à minha trajetória acadêmica. À Zezé, o meu **MUITO OBRIGADO!***

*Agradeço ao meu sobrinho **Kauan Felipe**, por nos ter trazido a felicidade.*

*Agradeço aos **meus irmãos**, pelo companheirismo e por tudo que já compartilhamos.*

*À minha prima **Lucia** pelo incentivo, pelo exemplo de determinação, de coragem e acima de tudo superação.*

*Aos **professores** do Programa de Mestrado em Geografia, pelas discussões a respeito da ciência geográfica.*

Aos professores **Oscar Sobarzo** e **Mara Bernardelli**, pela disposição e contribuição com a pesquisa, durante a qualificação.

Aos amigos da escola **Cecília Meireles**, pela força e por entenderem minha ausência durante o curso. De maneira especial Agradeço à **Andréia** e à **Mirian** por terem colaborado com a pesquisa e a **Elisabeth**, por ter dado continuidade ao meu trabalho durante o curso.

Aos **meus alunos**, por terem me despertado a coragem e a busca por novos conhecimentos.

À minha amiga **Ana Cristina**, por compartilhar as dificuldades, as discussões e anseios durante o curso.

À **Valéria**, pelo exemplo de pessoa, por sua amizade, pelas contribuições/discussões acerca das cidades médias e acima de tudo pelo exemplo de dedicação.

Aos **colegas** do Programa de Mestrado (turma 2009), pelas discussões atreladas à Geografia.

Aos **alunos do grupo PET/Iniciação Científica** pelas discussões travadas acerca do urbano.

Aos amigos e companheiros de trabalho **Alessandra, Daniel, Jonas, Lislaine, Alessandro e Paulo** por transmitirem a certeza de que torcem pelo meu sucesso acadêmico.

À minha prima **Ivanilda**, por sua simplicidade e determinação.

Ao **Hamilton**, pela ajuda e paciência no momento de impressão do trabalho.

À **CAPES** pelo auxílio financeiro, que tornou possível a atividade da pesquisa.

*Aos amigos da **ReCiMe**, pelos valiosos debates acerca das Cidades Médias e por transmitirem o exemplo de dedicação e comprometimento com a pesquisa.*

*Aos **moradores** dos bairros analisados, pelas valiosas entrevistas e depoimentos.*

Finalmente, agradeço a todos aqueles que de maneira direta ou indireta contribuíram para o desenvolvimento da pesquisa e que por um lapso não foram citados.

SUMÁRIO

LISTA DE TABELAS-----	11
LISTA DE QUADROS-----	12
LISTA DE FIGURAS-----	13
LISTA DE FOTOGRAFIA-----	16
RESUMO-----	18
ABSTRACT-----	19
INTRODUÇÃO-----	21
1- AS RELAÇÕES/ARTICULAÇÕES ESTABELECIDAS ENTRE AS CIDADES MÉDIAS E AS CIDADES PEQUENAS -----	27
2- O MEIO TÉCNICO-CIENTÍFICO-INFORMACIONAL E AS NOVAS RELAÇÕES/ARTICULAÇÕES ENTRE ITAPORÃ E DOURADOS-----	49
3- A REPRODUÇÃO DO ESPAÇO URBANO DE ITAPORÃ: UMA ANÁLISE A PARTIR DAS RELAÇÕES/ARTICULAÇÕES COM DOURADOS-----	66
4- AS ARTICULAÇÕES ENTRE ALGUNS BAIROS DE ITAPORÃ E A CIDADE DE DOURADOS -----	98
5- CONSIDERAÇÕES FINAIS-----	134
6- REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS-----	138
7-ANEXOS-----	142

LISTA DE TABELAS

01-MATO GROSSO DO SUL (2011)	
Contingente populacional nos municípios de pequeno porte (%)-----	29
02-BRASIL, MATO GROSSO DO SUL, DOURADOS-MS E ITAPORÃ-MS (2010)	
POPULAÇÃO RURAL E URBANA -----	30
03- ITAPORÃ-MS (2011)	
Meios de Locomoção Utilizados no deslocamento Itaporã/Dourados-----	111
04- ITAPORÃ-MS (2011)	
Opinião dos entrevistados em relação ao Transporte Coletivo-----	112
05- Itaporã-MS (2011)	
Serviços/atividades procurados em Dourados-----	117

LISTA DE QUADROS

01- ITAPORÃ-MS (2011)	
Unidades comerciais e/ou prestadoras de serviços-----	33
02- IDEB (ÍNDICE DE DESENVOLVIMENTO DA EDUCAÇÃO BÁSICA)-----	35
03- DOURADOS (2010)	
Empresas comerciais associadas à produção rural -----	44
04- BRASIL (2010)	
Comparação do índice de desenvolvimento humano (IDH)-----	45
05- REGIÃO DA GRANDE DOURADOS (2006)	
Distribuição de propriedades rurais por municípios-----	51
06- ITAPORÃ-MS (2011)	
Conjuntos Habitacionais Implantados entre as décadas de 1970 e 1990-----	77
07- ITAPORÃ-MS (2007)	
Produto Interno Bruto (PIB)-----	82
08- EVOLUÇÃO DA POPULAÇÃO-----	89
09- ITAPORÃ-MS (2011)	
Conjuntos Habitacionais Implantados a partir do ano 2000-----	94
10- ITAPORÃ-MS (2011)	
Equipamentos e Serviços Urbanos-----	108
11- ITAPORÃ-MS (2011)	
Centros Religiosos-----	130

LISTA DE FIGURAS

01- MATO GROSSO DO SUL (2011)	
Localização dos municípios de Itaporã e Dourados-----	22
02- MATO GROSSO DO SUL (2011)	
Dourados – área de influência-----	32
03- ITAPORÃ-MS (2011)	
Expansão territorial urbana entre as décadas de 1970-1990-----	73
04- ITAPORÃ-MS (2011)	
Expansão territorial Urbana a partir do ano 2000-----	76
05- ITAPORÃ-MS (2011)	
Expansão territorial urbana – Loteamentos privados-----	78
06- ITAPORÃ-MS (2011)	
Bairros desprovidos de equipamentos e serviços urbanos básicos-----	81
07- ITAPORÃ-MS (2011)	
Loteamentos pesquisados-----	99
08- ITAPORÃ-MS (2011)	
Origem dos Moradores (%)-----	100
09- ITAPORÃ-MS (2011)	
Área Central	
Nível de Escolaridade-----	101
10- ITAPORÃ-MS (2011)	
Conjunto Antonio Rodeline	
Nível de Escolaridade-----	102
11- ITAPORÃ-MS (2011)	
Área Central	
Renda Familiar (em salário mínimo)-----	104

12- ITAPORÃ-MS (2011)	
Conjunto Antonio Rodeline	
Renda Familiar (em salário mínimo)-----	105
13- ITAPORÃ-MS (2011)	
Meios de Locomoção-----	106
14- ITAPORÃ-MS (2011)	
Jardim Copacabana	
Condição do imóvel-----	107
15- ITAPORÃ-MS (2011)	
Deslocamento Itaporã/Dourados-----	109
16- ITAPORÃ-MS (2011)	
Área Central	
Serviços/atividades procurados em Dourados-----	113
17- ITAPORÃ-MS (2011)	
Vila Irmã Daniela	
Serviços/atividades procurados em Dourados-----	114
18- ITAPORÃ-MS (2011)	
Jardim Copacabana	
Serviços/atividades procurados em Dourados-----	115
19- ITAPORÃ-MS (2011)	
Conjunto Antônio Rodeline	
Serviços/atividades procurados em Dourados-----	116
20- ITAPORÃ-MS (2011)	
Área Central	
Opinião dos moradores em relação à atuação do poder público-----	121
21- ITAPORÃ-MS (2011)	
Vila Irmã Daniela	
Opinião dos moradores em relação à atuação do poder público-----	123

- 22- ITAPORÃ-MS (2011)
Conjunto Antonio Rodeline
Opinião dos moradores em relação à atuação do poder público-----125
- 23- ITAPORÃ-MS (2011)
Jardim Copacabana
Opinião dos moradores em relação à atuação do poder público-----126

LISTA DE FOTOGRAFIAS

01- ITAPORÃ-MS (2011) Acesso Itaporã/Dourados-----	50
02- ITAPORÃ-MS (1968) Área Central-----	59
03- ITAPORÃ-MS (2011) Frigorífico Mar e Terra-----	60
04- ITAPORÃ-MS (2011) Extração de pescados na Empresa Mar e Terra-----	61
05- ITAPORÃ-MS (1960) Cinema -----	63
06- ITAPORÃ-MS (1968) Área comercial-----	67
07- ITAPORÃ-MS (2011) Área comercial-----	67
08- ITAPORÃ-MS (2011) Área comercial-----	69
09- ITAPORÃ-MS (2011) Contraste social urbano-----	74
10- ITAPORÃ-MS (2011) Kitinete e residência de padrão elevado (Área central)-----	79
11- ITAPORÃ-MS (2011) Empresa Agro Jangada-----	83
12- DOURADOS-MS (2011) Empresa Agro Jangada-----	84

13- ITAPORÃ-MS (2011)	
Rodovia MS-156 Dourados/Itaporã-----	88
14- ITAPORÃ-MS (2011)	
Conjunto Habitacional João Rodrigues de Freitas-----	91
15- ITAPORÃ-MS (2011)	
Jardim Santa Terra-----	92
16- ITAPORÃ-MS (2011)	
Lançamento da obra - Praça dos Ipês-----	93
17- ITAPORÃ-MS (2010)	
Propaganda/Conjuntos Habitacionais-----	95
18- ITAPORÃ-MS (2011)	
Área central-----	103
19- ITAPORÃ-MS (2011)	
Conjunto Antonio Rodeline-----	103
20- ITAPORÃ-MS (2010)	
Alagamento na Vila Irmã Daniela-----	124
21- ITAPORÃ-MS (2010)	
Área Central – Praça/Calçadão-----	128
22- ITAPORÃ-MS (2011)	
Praça central – “Paquera na Avenida”-----	129

RESUMO

Considerando as transformações socioespaciais na rede urbana sul mato-grossense, a partir da década de 1970, ocasionadas pelo êxodo rural, em consequência da mecanização da agricultura, a pesquisa tem a pretensão de analisar a redefinição do espaço urbano em Itaporã-MS, considerando as relações/articulações com Dourados-MS. Nesse sentido, é visível a situação de interdependência entre as duas cidades, pois enquanto Itaporã se destaca como uma cidade de pequeno porte e considerada pacata, Dourados exerce papel de centro intermediário, tornando as demais cidades do sul do estado dependentes em relação a produtos e serviços urbanos especializados. As relações/articulações entre as mesmas reforçam as características de Dourados como uma cidade média, que na rede urbana regional funciona como centro polarizador. Outro viés importante na discussão refere-se às características de Itaporã, que pode ser entendida como cidade dormitório, já que inúmeras pessoas a procuram como local de moradia, mas trabalham, estudam e consomem em Dourados. A realidade acarreta mudanças no espaço urbano de Itaporã, que se redefine em função da demanda por moradias. Economicamente, Itaporã depende da agropecuária e se destaca enquanto exportadora de peixes, colocando em xeque a tradicional hierarquia urbana. Mesmo considerada uma cidade de pequeno porte, apresenta problemas, principalmente, relacionados à ausência de infraestrutura, saneamento básico, lazer, dentre outros. A realidade se agrava em função da falta de comprometimento por parte do poder público, em investimentos, principalmente em serviços/obras que atendam a população de baixa renda. A pesquisa foi estruturada em 4 capítulos, nos quais buscamos possibilidades para reflexão sobre as relações/articulações entre as cidades pequenas e as de maior porte, ou médias.

Palavras-chave: Cidades Pequenas; Cidades Médias; Articulações Regionais; Papéis Urbanos.

ABSTRACT

Considering the socio-spatial transformations in the urban network southern Mato Grosso, from the 1970s, caused by rural exodus as a result of the mechanization of agriculture, research purports to examine the redefinition of urban space in Itaporã-MS, considering the relationships/joints with Dourados-MS. Accordingly, is visible the situation of interdependence between the two cities, because while Itaporã stands as a small city and considered quiet, plays a role in center intermediate making other cities in the southern state dependent in relation of products and specialized urban services. The relationship / linkage between them reinforce Dourados as the characteristics of an average city that in regional urban system works as the polarizer. Another important bias in the discussion refers to the characteristics of Itaporã, which can be understood as a dormitory town, since many people look for as place of housing but they work, study and eat in Dourados. The reality causes changes in the urban space of Itaporã that is redefined as a function of demand for housing. Economically, Itaporã depends on agriculture and stands out as an exporter of fish, putting into question the traditional urban hierarchy. Although considered a small city, has problems, mainly related to lack of infrastructure sanitation, leisure, among others. The reality worsens according lack of commitment by the government, investments, mainly in services/works that serve low-income population. The research was structured in four chapters, where we seek opportunities for reflection about the relationships / linkages between small towns and larger, or average.

Keywords: Small Cities, Medium Towns; Regional Joints, Urban Papers.

“A cidade - e, por extensão, a rede urbana – é vista como se fosse uma coisa, destituída de vida social e, portanto, de interesses antagônicos, de conflitos: é assim passível de um tratamento marcado por uma postura pretensamente neutra”.

Roberto Lobato Corrêa

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa, ligada ao Programa de Pós-Graduação (Mestrado em Geografia), da Universidade Federal da Grande Dourados — UFGD, se desenvolve a partir de uma análise das relações estabelecidas entre uma cidade considerada média¹ e uma de pequeno porte. Tomaremos como objeto de análise a cidade de Itaporã-MS e suas relações com Dourados-MS (ver Figura 01), tendo em vista a proximidade das mesmas e as articulações com relação aos serviços urbanos especializados.

A cidade de Itaporã situa-se a 17 quilômetros de Dourados e conta com significativo fluxo de pessoas, que migram diariamente à cidade vizinha por diferentes motivos, como: trabalho, lazer, compras, ensino superior, serviços médico/hospitalares mais especializados, dentre outros. Assim, Itaporã acaba estreitando suas relações com Dourados, que se coloca como centro fornecedor de produtos e serviços urbanos especializados.

Nesse sentido, enquanto Itaporã se caracteriza como uma cidade com funções urbanas pouco expressivas², Dourados se configura como centro urbano fornecedor de equipamentos e serviços urbanos especializados não disponíveis nas cidades pequenas, estreitando as condições de interdependência.

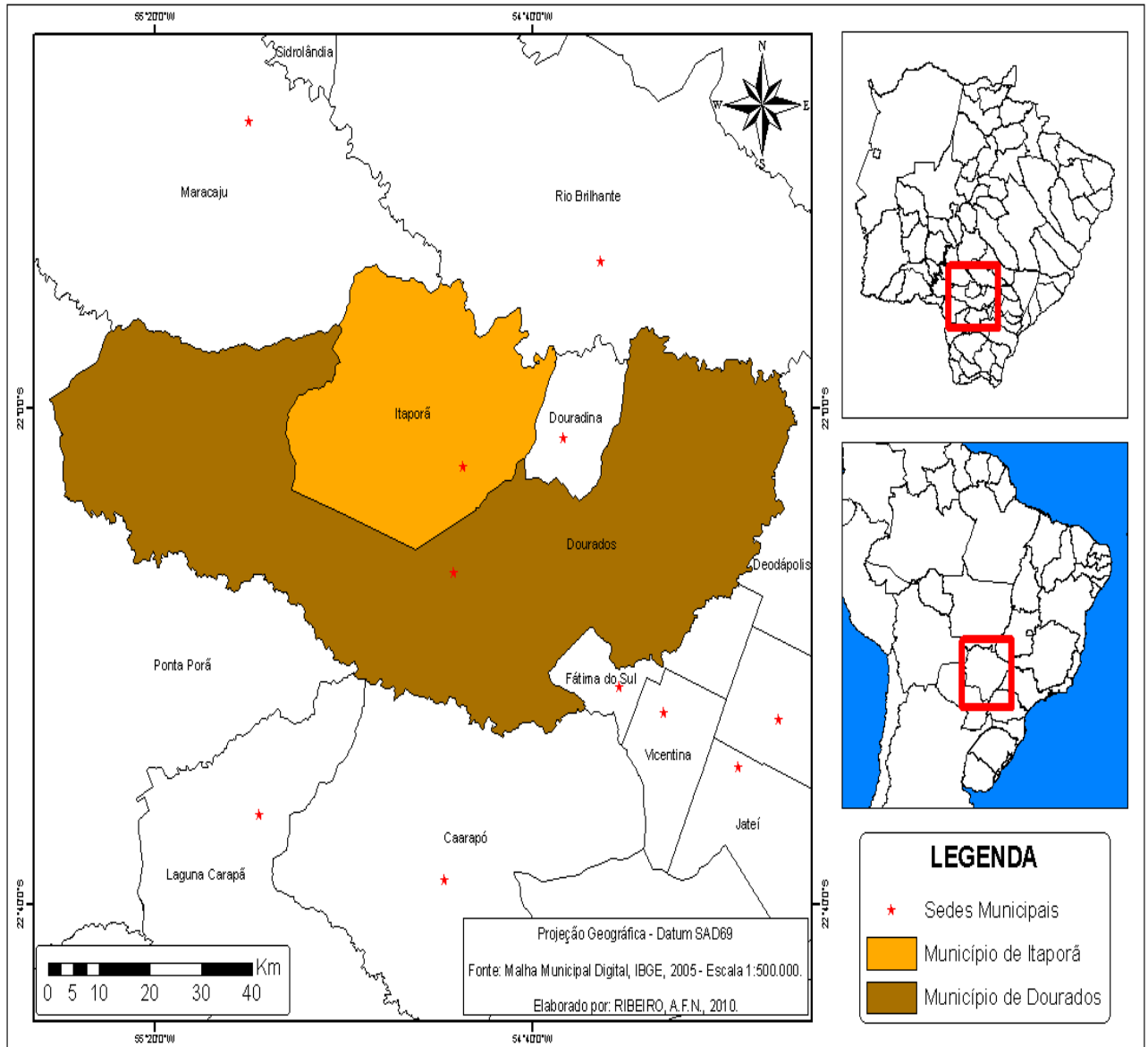
As relações entre as duas cidades se acentuam em função das novas formas de trabalho e de produção adotadas no campo, sobretudo, a partir da década de 1970, influenciadas pela inserção de técnicas consideradas modernas na agricultura e o avanço de novas relações de produção.

Com a introdução de técnicas exigidas pelas novas formas de produção agrícola, as pequenas cidades do sul do Mato Grosso do Sul não são capazes de atender as necessidades especializadas, mas somente serviços básicos.

¹ Vale ressaltar que o interesse pela temática partiu das discussões no grupo de pesquisa sobre Cidades Médias – ReCiMe (Rede de Pesquisadores sobre as Cidades Médias), em que participam pesquisadores de varias formações. Nesse sentido, entendemos que as cidades médias são as que possuem papel de intermediação entre as cidades pequenas e as grandes. Funcionam como polarizadoras da área de influência a partir da condição de oferta de produtos considerados mais sofisticados e serviços urbanos especializados.

² CORRÊA (1999), ao apontar cinco padrões funcionais de pequenas cidades, para o início do século XXI, afirma que os pequenos centros urbanos funcionam como focos de concentração de trabalhadores agrícolas, núcleos dependentes de recursos externos e em subúrbios-dormitório.

FIGURA 01
MATO GROSSO DO SUL (2011)
LOCALIZAÇÃO DOS MUNICÍPIOS DE ITAPORÃ E DOURADOS



A maioria das pequenas cidades do sul do estado de Mato Grosso do Sul, apresentam atividades econômicas de pouca expressão, sem muitas opções de emprego à população local, exceto àquelas ligadas ao setor agropecuário, ao comércio local e à administração pública. Parcela dos moradores dessas cidades se desloca para trabalhar em cidades que apresentam papéis urbanos mais expressivos (BERNARDELLI, 2009).

Dessa forma, é necessário recorrer às cidades de maior porte, já que as cidades pequenas não apresentam expressão econômica e tecnológica. Nesse contexto, Dourados exerce a função de mediadora entre o campo e as pequenas cidades atendendo as necessidades da população das cidades pequenas, referentes à procura de serviços urbanos especializados, exercendo papel de pólo regional e reforçando as funções de uma cidade média³ na porção sul do estado de Mato Grosso do Sul.

Diante das relações estabelecidas entre Itaporã e Dourados, podemos “caracterizar” a primeira como “cidade dormitório”, haja vista a procura por moradias. A realidade exposta contribui, dentre outros motivos, para a redefinição do espaço urbano de Itaporã.

Percebe-se que a procura por moradias está atrelada à facilidade de deslocamento no sentido Itaporã/Dourados e a “tranquilidade” apresentada pelas cidades menores. Assim, um número considerável de pessoas que moram em Itaporã são atraídas a Dourados por empregos e necessidade/desejo de consumo, não apenas no comércio da área central, mas principalmente no shopping da cidade.

Vale ressaltar que esta pesquisa não tem a pretensão de apresentar um aprofundamento acerca de questões teóricas sobre as relações entre cidades médias e pequenas, mas busca identificar alguns elementos que possibilitem compreender essas cidades e suas inter-relações.

Outro fator que nos instigou a realizar o trabalho é a inexistência de pesquisas no Mato Grosso do Sul que abordem o papel das pequenas cidades, mesmo a temática não sendo nova na Geografia. Inúmeros geógrafos demonstram preocupação com a importância de estudos referentes às cidades pequenas, mas se comparado aos estudos relacionados às metrópoles, percebe-se uma deficiência com relação a pesquisas mais aprofundadas acerca dessas cidades. Assim, consideramos o presente estudo como um desafio, que poderá contribuir e instigar possíveis e futuras reflexões acerca da temática⁴.

³ Vale ressaltar atualmente a existência de uma rede de pesquisas envolvendo cidades médias (ReCiMe), em que a cidade de Dourados é objeto de estudo.

⁴ As cidades pequenas constituem-se um fenômeno numeroso no cenário urbano brasileiro. Por isso mesmo, são também uma referência familiar ou de caráter afetivo para uma grande contingente de pessoas. Contudo,

Para a Geografia, é necessário o estabelecimento de critérios para melhor compreensão das pequenas e médias cidades brasileiras. No entanto, qualquer delimitação é arbitrária se não considera as condições históricas, geográficas e culturais de cada local, principalmente no caso do Brasil que é constituído por imensurável complexidade e diversidade socioespacial (MELO, 2005).

Nesse sentido, conforme apontamentos de Melo, para definirmos se uma cidade é pequena ou média, deve-se levar em consideração as condições da mesma, nos seus diversos aspectos. Conforme já pontuado, a pesquisa não se compromete em buscar elementos que possibilite conceituar cidades médias e pequenas, mas sim entendê-las a partir de suas inter-relações regionais.

Para realização da pesquisa, tornou-se necessário um recorte espacial/temporal, tomando como objeto para análise os municípios de Dourados e Itaporã, devido às mudanças nas relações de trabalho desencadeadas com a introdução da mecanização no campo, que por sua vez causaram reflexos nas cidades. “No Brasil, entre 1940 e 1980, deu-se verdadeira inversão quanto ao lugar de residência da população brasileira, caracterizando a passagem do Brasil Rural para o Brasil Urbano” (Santos 2005), assim, as cidades passam a ter seus papéis redefinidos, alterando também as relações socioespaciais.

Vale ressaltar que, para a efetivação da pesquisa, foram importantes além da revisão bibliográfica, pesquisa de campo e coleta de dados em diversos órgãos como Prefeitura Municipal, Secretaria de Planejamento e Habitação, IBGE, dentre outros. Visando uma maior fundamentação, foi realizada uma enquete, em alguns bairros de Itaporã, para identificar os tipos de relações que os moradores mantêm com a cidade de Dourados e que tipo de serviços buscam na cidade vizinha.

Nesse sentido, o trabalho se estrutura da seguinte forma:

No primeiro capítulo, apresentamos uma reflexão acerca dos papéis e relações estabelecidas pelas cidades pequenas e médias, destacando a importância da temática para a Geografia.

Posteriormente, no segundo capítulo, propomos uma discussão a respeito das transformações ocorridas nas inter-relações entre as cidades em estudo a partir da década de 1970, com a introdução do chamado *meio técnico-científico-informacional*.

A reprodução do espaço urbano em Itaporã e as relações/articulações com Dourados é o viés de discussão do terceiro capítulo.

trabalhos técnicos ou científicos que as tenham como objeto são ainda relativamente pouco numerosos (LOPES, 2010).

No quarto capítulo, realizamos uma análise comparativa entre quatro bairros da cidade, em que a partir da realização de uma enquete com os moradores, pudemos perceber contradições socioespaciais, que interferem nos motivos, frequência e forma de deslocamento de Itaporã para Dourados. Além disso, realizamos uma análise da atuação do poder público em Itaporã, partindo dos relatos coletados nas entrevistas.

Logo a seguir, apresentamos as Referências Bibliográficas e os Anexos.

CAPÍTULO 01

"A cidade se reproduz na contradição entre a eliminação substancial e manutenção persistente dos lugares de encontros e reencontros, da festa, da apropriação do público para a vida. Há resíduos e resistências nos subterrâneos que fogem ao processo homogeneizador e terrificante do capital".

Ana Fani

1 AS RELAÇÕES/ARTICULAÇÕES ESTABELECIDAS ENTRE AS CIDADES MÉDIAS E AS CIDADES PEQUENAS⁵

Nessa primeira parte do trabalho, faremos um diálogo com alguns autores que se preocupam em entender as pequenas e médias cidades e os papéis desempenhados por elas.

Porém, inúmeras indagações poderão permanecer sobre a temática, haja vista, que a cidade é reflexo das ações de uma sociedade que constantemente se modifica, se “moderniza”, enfim, se transforma. Dentre essas ações, que acarretam transformações no espaço físico da cidade, podemos pensar em uma escala mais ampla, as relações socioespaciais entre duas cidades distintas, mas que se interligam em função de diversos papéis. Dessa forma, analisamos os papéis e as funções desempenhados por Itaporã-MS e Dourados-MS e as articulações regionais entre as mesmas.

Inúmeras dificuldades foram encontradas no decorrer do trabalho. Dentre elas, podemos nos referir à insuficiência de bibliografias, resultado da inexistência de pesquisas mais aprofundadas que abordem as pequenas cidades em Mato Grosso do Sul, sobretudo nas relações entre elas e as de maior porte. Outro fator que dificultou o andamento da pesquisa refere-se às dificuldades no acesso a dados, principalmente aqueles referentes aos setores públicos, haja vista, que nas pequenas cidades essa realidade ainda se coloca como um desafio a ser enfrentado, pois é visível a falta de vontade ou disponibilidade das pessoas que trabalham em tais órgãos, em contribuir com pesquisas acadêmicas.

Dentre os desafios encontrados para o encaminhamento da pesquisa, podemos afirmar que se iniciam com a própria delimitação do que pode ser considerado cidade pequena⁶ e cidade média. Assim, vale ressaltar que neste trabalho discutiremos a respeito das relações entre cidade pequena e cidade média, a partir dos papéis que elas desempenham regionalmente, não considerando apenas dados demográficos.

Acreditamos ser importante considerar que a rede urbana é também uma condição para a divisão territorial do trabalho. A cidade em suas origens constitui-se não só em uma expressão da divisão entre trabalho manual e intelectual, mas também em um ponto no espaço

⁵ Vale ressaltar que nosso interesse pela temática sobre cidades médias iniciou-se a partir das discussões com o grupo ligado à Rede de Pesquisa (ReCiMe), haja vista, que nosso propósito inicial não se referia a esta temática.

⁶ Conforme apontamentos de Soares e Melo: O Brasil possui grande número de pequenas cidades localizadas em todas as regiões do país. Conforme dados do ano de 2000, cerca de 83% dos 5.507 municípios existentes tinham como sede municipal núcleos cuja população era inferior a 20 mil habitantes. [...] a noção de pequena cidade, levando-se em conta certos modos de vida, se apóia em um conteúdo perceptivo que é, de certa forma, subjetivo. Muitas vezes, para os moradores de grandes cidades, as chamadas pequenas cidades não se constituem em áreas urbanas, mas para os que vivem nestas localidades, ou mesmo no meio rural, suas percepções as identificam como urbanas (2010, p. 236-237).

geográfico que, através de apropriação de excedentes agrícolas, passou de certo modo a controlar a produção rural. Este papel de condição é mais tarde transmitido ampliadamente à rede urbana: sua gênese e evolução verificam-se na medida em que, de modo sincrônico, a divisão territorial do trabalho assumia progressivamente, a partir do século XVI, uma dimensão mundial (CORRÊA, 2006, p. 26).

Dessa forma, podemos pensar a relação entre as cidades médias e pequenas, em que na rede urbana regional se coloca a condição de dependência. Vale ressaltar, que, em alguns aspectos, essa condição de dependência é relativizada, pois cada cidade possui características próprias, principalmente no que diz respeito ao viés econômico.

A cidade é resultado da materialização das relações sociais e, dessa forma, demonstra ações do cotidiano, resultado de lutas e reivindicações e transformam-se em decorrência das necessidades impostas pelo modo de produção capitalista.

Em relação a esse assunto, Carlos explica:

Nessa direção a cidade pode ser entendida, dialeticamente, enquanto produto, condição e meio para a reprodução das relações sociais, enquanto produtoras da vida humana, no sentido amplo da reprodução da sociedade. Aqui a cidade se reafirma enquanto espaço social na medida em que se trata da realização do ser social ao longo do processo histórico. Deste modo, a análise da cidade, em sua dimensão espacial, se abre para a análise da vida humana em sua multiplicidade (2004, p. 20).

Assim, as cidades se redefinem como condição e produto da ação dos agentes sociais. Essas relações e movimentos podem ser caracterizados a partir da concentração e dispersão e nesse sentido, percebe-se que as cidades pequenas superam, em quantidade, as cidades consideradas médias e grandes. As inúmeras pequenas cidades apresentam-se dispersas pelo território, mas apresentam dados significativos relacionados à quantidade de indivíduos que habitam as mesmas.

No estado de Mato Grosso do Sul, a realidade não se difere do exposto. Verifica-se, número considerável de indivíduos que habitam as pequenas cidades (Tabela 01), reforçando a importância das mesmas.

TABELA 01
MATO GROSSO DO SUL 2011
CONTINGENTE POPULACIONAL NOS MUNICÍPIOS DE PEQUENO PORTE (%)⁷

TOTAL DE HAB. NO MS	POPULAÇÃO URBANA NO MS	POPULAÇÃO TOTAL NOS MUNICÍPIOS DE PEQUENO PORTE	POPULAÇÃO URBANA NAS PEQUENAS CIDADES
2. 449. 341	2. 097. 716	1. 260. 575	949. 471
100%	85, 64%	51, 46 %	45, 26%

Fonte: IBGE

Org.: Cláudio C. S. Nogueira

Os dados da tabela revelam o expressivo contingente populacional existente nas pequenas cidades do estado de Mato Grosso do Sul. É considerável também, o percentual da população urbana no estado (85, 64%). Outro viés importante se refere aos dados relativos à quantidade de população nas pequenas cidades do estado (51,46%), confirmando a importância das mesmas na rede urbana regional e comprovando, que mesmo dispersas pelo território, as cidades pequenas apresentam-se expressivas em relação à sua quantidade. Vale ressaltar que o estado de Mato Grosso do Sul é um dos que possui a rede urbana mais limitada em número de cidades.

Nesse sentido, a realidade regional, na qual as cidades estão inseridas, deve ser levada em consideração na análise sobre o urbano, já que, o espaço urbano é produzido e redefinido a partir de relações intra-urbanas e também relações inter-urbanas.

Com o advento do *meio técnico-científico-informacional* a hierarquia urbana assume nova característica, pois uma cidade pequena pode manter relações com outras de diferentes tamanhos, próximas ou distantes, ou até mesmo com outros países.

Para melhor fundamentar essa idéia, nos apoiamos às reflexões de Santos:

É assim que as cidades constituem, cada vez mais, uma ponte entre o global e o local, em vista das crescentes necessidades de intermediação e da demanda também crescente de relações. Os sistemas de cidades constituem uma espécie de geometria variável, levando em conta a maneira como as diferentes aglomerações participam do jogo entre o local e o global (2008, p. 281).

No Brasil, as maiores transformações nas cidades e na própria população urbana se remetem à segunda metade do século XX, resultado da industrialização crescente. Nesse contexto, o campo vivencia mudanças com a introdução de novas técnicas de trabalho e a

⁷ Nessa análise, para considerarmos pequena cidade, levamos em conta os dados demográficos, dos quais, foram excluídas as cidades com mais de 100.000 habitantes (Campo Grande, Dourados, Corumbá e Três Lagoas).

mecanização da agricultura⁸. As transformações ocorridas no campo contribuem para a redefinição dos papéis urbanos, sobretudo nas cidades pequenas e médias. A Tabela 02 nos permite analisar o contingente populacional nas cidades de Dourados e Itaporã.

TABELA 02
BRASIL, MATO GROSSO DO SUL, DOURADOS-MS E ITAPORÃ-MS
POPULAÇÃO RURAL E URBANA

	Brasil	%	Mato Grosso do Sul	%	Dourados	%	Itaporã	%
Total	190.732.694		2.449.341		196.068		20.879	
Pop. urbana	160.879.708	84,35	2.097.716	85,64	181.086	92,36	13.302	63,71
Pop.rural	29.852.986	15,65	351.625	14,36	14.982	7,64	7.577	36,29

Fonte: IBGE (2010)

Org.: Cláudio C. S. Nogueira

Os dados acima reforçam o expressivo contingente populacional nas cidades. E, nesse sentido, o município de Dourados se sobressai em relação aos números nacional e estadual. Fazendo uma comparação entre os dados do Brasil, do Mato Grosso do Sul e de Dourados, a cidade de Itaporã apresenta maior percentual populacional na zona rural. Assim, as cidades médias, devido aos papéis desempenhados regionalmente, possuem maior poder de atração da população rural que as cidades de pequeno porte. Ao se referir ao papel das cidades médias, Sposito afirma:

Desde as duas últimas décadas do século XX, em algumas regiões do país, as cidades médias passaram por substanciais transformações em face da implantação de novos serviços, sobretudo os logísticos, de informação, de comunicação, de transportes, de educação e de turismo. Assim sendo, apareceram como alternativa de moradia, por oferecerem melhores condições e qualidade de vida em relação às áreas metropolitanas. (...) em relação às cidades médias sente-se, claramente, que tanto aquelas definidas como aglomerações não-metropolitanas quanto às reconhecidas como centros urbanos estão fadadas a novos papéis, no âmbito da rede urbana brasileira (2007, p. 52).

Ao analisar Dourados e a sua relação com as cidades de menor porte do sul do estado de Mato Grosso do Sul (Ver Figura 2), reforça-se a situação apontada por Sposito. Observa-se que Dourados desempenha papel de uma cidade média, pois regionalmente apresenta-se como

⁸ A introdução de novos meios de produção representa economia de força de trabalho, logo, aumenta a emigração para as cidades, paralelamente, ao aparecimento de um tipo específico de assalariado, o jornaleiro ou o trabalhador temporário (COSTA, 1985).

fornecedora de serviços urbanos especializados e, nesse sentido, apresenta a necessidade de mão de obra mais qualificada⁹. Dessa forma, contribui para atrair pessoas das cidades de menor porte do sul do estado, à procura de emprego, lazer, serviços urbanos especializados como serviços médicos, por exemplo, ou ensino superior.

Em suas reflexões Sposito, afirma:

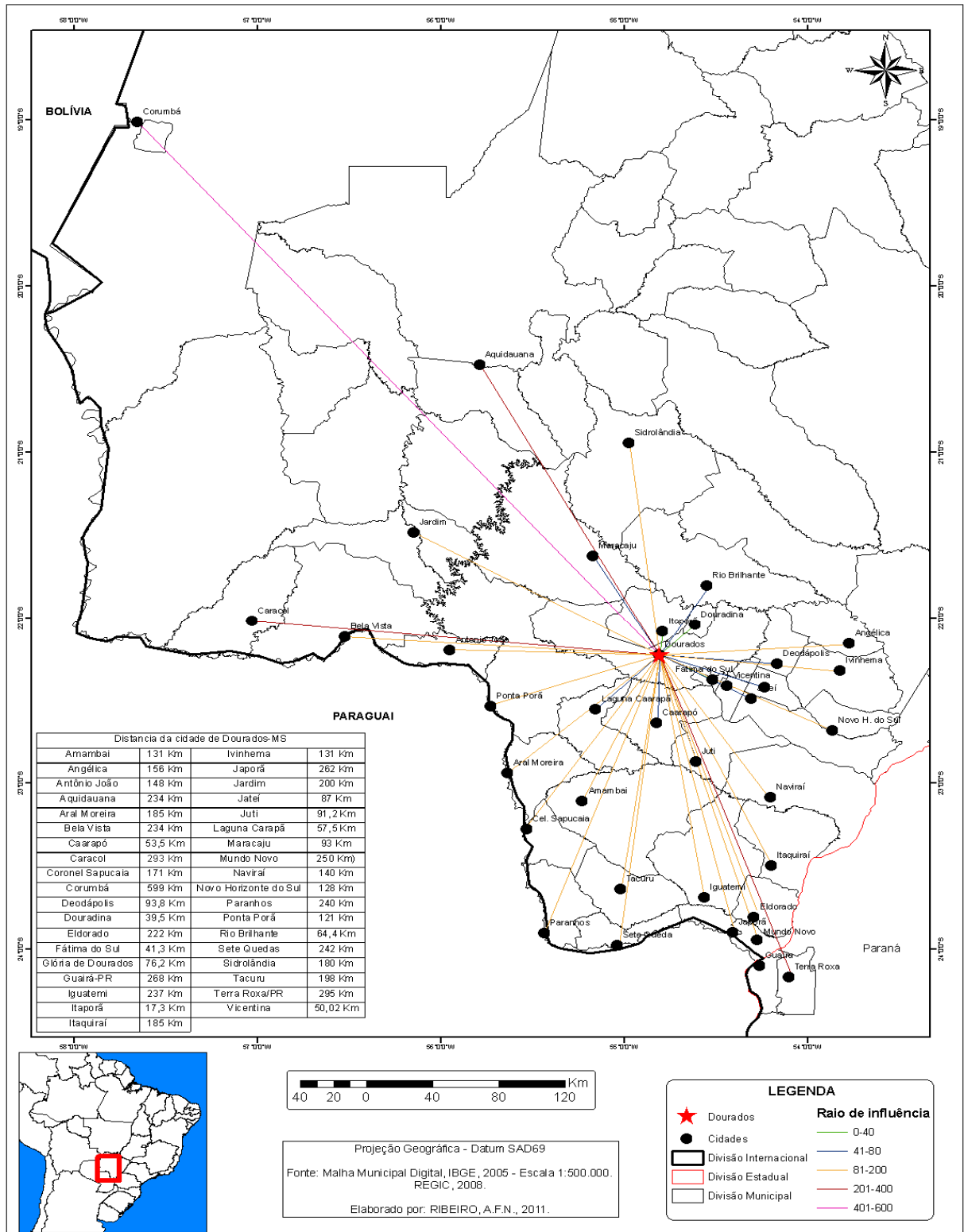
No geral, o que se quer entender historicamente como cidades médias, não são cidades de porte médio (aquelas que têm tamanho demográfico médio), mas são aquelas cidades que na rede urbana, desempenham o papel de intermediação entre as pequenas e as grandes, então são cidades que comandam uma região, que polarizam uma região, que crescem em detrimento da sua própria região ou crescem em função da sua própria região. (2009, p. 19)

Como afirma a autora, devemos ter cautela na caracterização/conceituação dessas cidades, pois não devemos nos prender aos dados demográficos e sim aos papéis urbanos desempenhados. Por sua vez, Santos alerta para os cuidados que devemos tomar ao utilizar os dados estatísticos nas ciências humanas, pois os números possuem significados diferentes, em momentos distintos.

O que chamávamos de cidade média dos anos de 1940/1950, naturalmente não é a cidade média dos anos 1970/1980. No primeiro momento, uma cidade com mais de 20 mil habitantes poderia ser classificada como média, mas, hoje, para ser cidade média, uma aglomeração deve ter população em torno dos 100 mil habitantes. Isto não invalida os dados estatísticos, mas sugere cautela em sua interpretação (SANTOS, 2005. p. 79).

⁹ O estado de Mato Grosso do Sul possui atualmente 78 municípios. No sul do estado a rede urbana revela-se mais densa, composta em sua maioria por pequenos municípios, havendo maior proximidade entre os centros urbanos. Os pequenos municípios ao sul do estado encontram-se polarizados especialmente por Dourados (BERNARDELLI, 2009).

FIGURA 02
MATO GROSSO DO SUL (2011)
Dourados – área de influência



É notável a relação de interdependência entre as cidades médias e as cidades pequenas, em que as primeiras assumem a oferta de serviços urbanos mais especializados, lazer, dentre outros. Já as cidades pequenas se estruturam como lugares predominantemente destinados a moradia e a atender algumas necessidades básicas. Nesse sentido, ao nos atentarmos para a realidade da cidade de Itaporã, essa situação se reforça, quando consideramos, por exemplo, suas unidades comerciais (Quadro 01).

QUADRO-01
ITAPORÃ-MS (2011)
UNIDADES COMERCIAIS E/OU PRESTADORAS DE SERVIÇOS

Tipo de Comércio	Quantidade
Bares e lanchonetes	58
Comércio varejista de vestuários	23
Oficina mecânica e/ou funilarias	20
Armazéns e secadores de cereais	12
Farmácias	05
Supermercados	01
Mercearias e mini-mercados	09
Assessorias para atividades da agropecuária	07
Livrarias e papelarias	03
Frigorífico de peixes	01
Frigorífico bovino	01
Escolas públicas	10
Escolas particulares	02
Escolas de idiomas	01
Lojas de móveis e eletrodomésticos	03

Fonte: Setor de Tributação/Prefeitura Municipal
Org.: Cláudio C. S. Nogueira

Os dados nos permitem apontar que predominam na cidade, estabelecimentos comerciais que atendem às exigências consideradas mais básicas da população, como comércio varejista de vestuários, farmácias e mercearias. Vale ressaltar também a quantidade de armazéns, secadores e oficinas mecânicas, número considerável para uma cidade de pequeno porte, revelando a expressividade da agropecuária no município.

No que se refere aos setores de serviços, como os ligados à educação e saúde, percebe-se que mesmo possuindo várias escolas, existem alunos da educação básica, que migram diariamente para Dourados para estudarem em escolas particulares ou, em menor número, nas públicas. Em relação à saúde, a população conta apenas com um hospital público e quatro

postos de saúde. Os mesmos só oferecem atendimento às emergências e, dependendo do caso, o paciente é diretamente encaminhado a Dourados.

Os pacientes que necessitam de consultas a especialistas, recorrem à Secretaria de Saúde do município e reivindicam agendamento em Dourados. Segundo observações *in locu*, percebemos que dependendo do especialista, o prazo para atendimento varia entre 6 e 8 meses, como é o caso de dermatologistas, cardiologistas, alergistas, psicólogos, dentre outros¹⁰.

Sobre as relações entre Dourados e as cidades de menor porte do sul do estado e o papel desempenhado pelo SUS (Sistema Único de Saúde), Silva afirma que:

Embora, o SUS seja um sistema de atendimento a necessidade da população de baixa renda observa-se que o país apresenta dificuldades para assegurar este direito, ainda que exista um orçamento significativo ao setor, políticas públicas e aparelhos modernos, o que se observa é a dificuldade do governo de facilitar o acesso à saúde. [...] As cidades médias brasileiras já concentram serviços de saúde de média e alta complexidade, antes apenas encontrados nos grandes centros urbanos. Esta particularidade oferece suporte para o consumo desse e demais serviços ao mesmo tempo em que se observa a centralização desses fluxos (2011, p. 73-74).

Ao nos reportarmos ao setor educacional, a cidade de Itaporã conta com dez escolas públicas, que atendem da educação infantil ao ensino médio, duas escolas particulares, ofertando serviços da educação infantil e fundamental, e uma escola de idiomas, porém é considerável a procura por escolas na cidade de Dourados. Apenas para dimensionarmos a questão em um de seus aspectos, diariamente deslocam-se sete ônibus de Itaporã, levando estudantes para Dourados. Assim, aproximadamente trezentos alunos da educação básica à superior buscam tais serviços na cidade vizinha.

Ao fazermos uma análise nos dados do IDEB¹¹ (Quadro 02), percebemos que na cidade de Dourados os índices são inferiores à cidade de Itaporã. Nota-se que os alunos da educação básica buscam as escolas de Dourados por *status*, ou apenas por dedução de que nas cidades de maior porte há melhor qualidade na educação. Já os alunos de Nível Superior, não possuem outra alternativa, já que, em Itaporã não existe universidades ou mesmo faculdade.

¹⁰ A realidade reforça a premissa de que só é cidadão quem pode pagar por sua cidadania, pois as pessoas de baixa renda estão sujeitas a tal realidade. Enquanto isso o poder público local se omite a buscar soluções para o problema.

¹¹ De acordo com o Ministério da Educação, o IDEB foi criado em 2007, com a finalidade de medir o nível da Educação Básica de cada escola. O indicador é calculado com base no desempenho do estudante em avaliações do INEP e em taxas de aprovação. Assim, para que o IDEB de uma escola ou rede cresça é preciso que o aluno aprenda, não fique retido e frequente a sala de aula. O índice é medido a cada dois anos e o objetivo é que o país, a partir do alcance das metas municipais e estaduais, tenha nota 6 em 2022 – correspondente à qualidade do ensino em países desenvolvidos.

QUADRO 02
BRASIL (2001 – 2021)
IDEB (ÍNDICE DE DESENVOLVIMENTO DA EDUCAÇÃO BÁSICA)

ANO	BRASIL	MATO GROSSO DO SUL	DOURADOS	ITAPORÃ
2005	3,8	3,4	3,7	3,7
2007	4,2	3,9	4,2	4,5
2009	4,6	4,1	4,2	4,4
2021*	6,0	5,4	5,9	5,9

Fonte: Ministério da Educação

Org.: Cláudio C. S. Nogueira

*Estimativa

A partir de tais dados, podemos apontar que Dourados e Itaporã apresentam características diferenciadas desde as suas estruturas físicas e funções, mas são interligados, constituindo relações de interdependência.

Segundo Sposito:

Não dá para pensar apenas cidades médias de um lado e cidades pequenas de outro. A relação entre esses dois elementos passa por essa combinação, por essa articulação entre polarização e difusão, sobretudo no período do desenvolvimento do capitalismo em que o consumo é o elemento central de organização econômica e, portanto, também a meu ver, de organização espacial (2009, p. 25).

Percebe-se, conforme pontuado anteriormente, que as funções dos pequenos centros urbanos estão ligadas à influência de seu entorno e principalmente às necessidades oriundas das atividades rurais. Esses centros nas reflexões de Santos (2005) são denominados de cidades locais, devido às funções estabelecidas com objetivo de atender às exigências do lugar.

Corrêa, ao refletir sobre as relações entre a cidade e o campo, aponta:

A cidade é, em muitos casos, um local de consumo da renda fundiária rural. (...) a cidade é também um centro de comercialização da produção agrícola. Seja uma cidade regional pequena ou grande, um porto exportador ou um centro industrial, para ela converge uma produção destinada ao abastecimento de sua população em produtos alimentares, à reexportação para mercados extra-regionais ou às indústrias da cidade (2006, p. 32-33).

As cidades pequenas se desenvolvem a partir da organização de uma estrutura ligada ao comércio, ao setor administrativo e à rede bancária, com o objetivo de atender as necessidades imediatas do campo. Nesse sentido, essas cidades passam a ter relações com outras de maior porte, principalmente atreladas à busca por “mercadorias” que não existem nas cidades pequenas, e, nesse sentido, com predomínio daquelas ligadas à agropecuária,

consumo e informações. Essa realidade contribui e nos ajuda a compreender a inter-relação existente na rede urbana regional. Podemos utilizar das palavras de Sposito para exemplificar a relação entre as cidades de Itaporã e Dourados.

É no campo do consumo de bens e serviços especializados ligados à modernização do setor agropecuário que se tem visto um avanço significativo do papel comercial e de serviços das cidades de porte médio. (...) Há a manutenção daquela que vem do período pré-técnico-científico-informacional, exigindo-se ainda, a proximidade física entre quem compra e quem vende, prática essa que predomina entre pequenos produtores rurais, ainda que os grandes produtores e empresas agropecuárias, para muitos produtos e serviços, mantenham essa forma de consumo, definida, então, pela proximidade e gerando a configuração de regiões contínuas, sob o domínio de uma cidade média (2007, p. 47).

É importante considerar o surgimento de cidades de tamanhos variados, em que se destacam aquelas que possuem infraestrutura e estão equipadas de serviços, oferecendo “melhores condições de vida” para uma sociedade cada vez mais exigente em termos de consumo. A realidade descrita serve como exemplo das relações existentes entre as cidades de Itaporã e Dourados, em que é perceptível a condição de interdependência entre as mesmas, evidenciada a partir das relações sócio-econômica-espaciais.

Nas últimas décadas, o modo de vida da sociedade, tanto da população do campo, como da cidade, mudou consideravelmente, devido à presença e influência dos meios de comunicação e do próprio avanço tecnológico. O consumo ocorre de forma diferenciada, devido às desigualdades relacionadas ao poder aquisitivo da população, principalmente nas áreas urbanas. Nesse sentido, as cidades de maior porte, que aqui chamamos de cidades médias, se desenvolvem com o intuito de atender as novas exigências da sociedade local e regional. Dessa forma, há uma mudança nas relações estabelecidas regionalmente.

Para Sposito:

A circulação das informações coloca um novo elemento para se compreender a realidade, são as discontinuidades, quer dizer, eventualmente uma cidade, mesmo uma cidade média ou uma cidade pequena, numa dada região, pode estabelecer vínculos e interações com espaços distantes e que são descontínuos à área e à região à qual ela pertence (2009, p. 20).

Atualmente é notória a existência do que Sposito chama de discontinuidade, pois não existe mais, em alguns aspectos, a relação de dependência entre cidades de tamanhos diferentes, principalmente no que se refere às questões econômicas. Nesse caso, algumas cidades, por menores que sejam, possuem relações do ponto de vista comercial, de serviços,

etc. com outras cidades distantes, na maioria das vezes metrópoles, ou até com outros países, descaracterizando as relações de hierarquia urbana.

Nesse sentido, podemos apontar como exemplo as relações comerciais entre Itaporã e o exterior, no que se refere às exportações de carne bovina, peixes e produtos oriundos da agricultura. Tomamos como referência os dados publicados no site do Frigorífico Mar e Terra¹², na cidade de Itaporã. Ao se referir ao sistema de transportes de peixes, as informações do site são as seguintes:

A Mar e Terra utiliza 3 formas de transporte: rodoviário, marítimo e aéreo. A distribuição para o mercado interno é realizada em caminhões equipados com uma divisória térmica que permite o transporte de produtos congelados e resfriados. Os produtos Mar e Terra podem ser encontrados nos estados de São Paulo, Rio de Janeiro, Espírito Santo, Minas Gerais, Rio Grande do Sul, Mato Grosso do Sul, Bahia e Pernambuco. Para o mercado externo, os cortes resfriados são transportados por via aérea e os congelados por via marítima. No exterior a Mar e Terra está presente em Portugal, Alemanha, Suíça, Dinamarca, Inglaterra, França, Uruguai, Estados Unidos e Japão. Todas as rotas são otimizadas e há um controle rigoroso das condições de temperatura durante os trajetos.

O site da empresa Mar e Terra, portanto, deixa claras as relações existentes entre a cidade de Itaporã, com outros estados e com o exterior. Nesse sentido coloca em xeque a condição de hierarquia na rede urbana regional.

Atualmente em alguns aspectos há uma redefinição da hierarquia urbana, acarretando expansão nos fluxos de pessoas e mercadorias, conforme já pontuado. A multiplicidade de fluxos e avanço nos meios de transportes e comunicações contribui para uma redefinição da rede, descaracterizando sua concepção tradicional.

Nas palavras de Santos:

Esta distribuição espacial das atividades modernas e a ausência de uma hierarquia entre os centros explicam a multiplicidade dos fluxos ascendentes (pessoas) e descendentes (bens), que levam a um verdadeiro desmantelamento da rede ou, em todo caso, o desmantelamento da rede urbana em sua concepção tradicional. Todas as cidades do sistema têm relações diretas com as cidades maiores, sem necessidade de intermediárias (2008, p. 334).

¹² O frigorífico “Mar e Terra”, localizado no município de Itaporã – MS ocupa uma área de 1900 m². É considerado um dos mais modernos do país. Após a programação de despesca e da produção os peixes chegam vivos no frigorífico, passam por um período de redução de stress, em tanque com água de renovação e controle de temperatura e oxigênio dissolvido, seguem para abate, evisceração, filetagem, resfriamento e embalagem. O processamento é desenvolvido por uma equipe altamente treinada e qualificada em tecnologia de pescados e totalmente monitorado e fiscalizado através do programa APPCC (Análise de Perigos e Pontos Críticos de Controle), além de suprir os 18 elementos que são estabelecidos pelo Ministério da Agricultura e direcionados pelo SIF 2985 - Serviço de Inspeção Federal (www.mareterra.com.br/processo-productivo.asp).

A partir dessa realidade, observa-se o desenvolvimento de infraestrutura de informações, rede de transportes, rodovias, serviços e equipamentos públicos e privados, com o objetivo de interligar esses espaços nacionalmente. Em contrapartida, ao nos reportarmos à realidade estudada, podemos pontuar o seguinte:

A modernização agrícola supõe um aparelho comercial, administrativo e bancário de que as pequenas cidades, e muitas vezes as cidade médias não podem dispor. As grandes cidades açambarcam o essencial das trocas com as regiões rurais em crescimento e às outras aglomerações da rede só deixam responsabilidades e lucros mínimos. O papel das pequenas cidades torna-se cada vez mais o de redistribuição, e cada vez menos o papel de coletora (SANTOS, 2008, p. 335).

As palavras do autor contribuem para a compreensão da realidade estudada, principalmente ao nos reportarmos aos serviços bancários, que nas pequenas cidades, como é a realidade de Itaporã, apresentam dificuldades, principalmente às associadas à liberação de créditos para investimentos na agricultura.

Outra realidade percebida é a que se refere às modificações intra-urbanas. A cidade se reestrutura e se redefine em função da demanda de novos moradores e serviços exigidos pelo mercado e pela sociedade, além das necessidades impostas pelo modelo vigente no campo, estruturado em função do comércio de exportação. Nesse sentido, a cidade de Itaporã apresenta expansão territorial urbana, em função do surgimento de novos bairros e/ou loteamentos, tanto pela iniciativa pública, quanto pela iniciativa privada.

As reflexões de Elias são pertinentes para a compreensão desta realidade:

É possível identificar várias áreas nas quais a urbanização se deve diretamente à consecução do agronegócio globalizado. Como é notório a modernização e a expansão dessas atividades promovem o processo de urbanização e o crescimento das áreas urbanas, cujos vínculos principais se devem às inter-relações cada vez maiores entre o campo e a cidade. Estas se desenvolvem atreladas às atividades agrícolas e agroindustriais circundantes cuja produção e consumo se dão de forma globalizada. Além disso, representam um papel fundamental para a expansão da urbanização e para o *crescimento de cidades médias e locais*, fortalecendo-as, seja em termos demográficos ou econômicos (2007, p. 115-116 – grifo nosso).

A modernização da agricultura, em função das novas exigências do mercado, permite a ocorrência de novas funções e papéis às cidades, principalmente nas chamadas cidades médias, uma vez que o aumento no fluxo de transportes, das redes de comunicação e a diversificação do comércio e serviços acarretam uma nova característica na estrutura espacial dessas cidades e da área influenciada por elas.

A relação entre Itaporã e Dourados, por exemplo, implica na necessidade de instalação de novas infraestruturas, bem como readequação das existentes. Podemos apontar como

exemplo a duplicação da rodovia MS-156 que liga as duas cidades. A obra foi efetivada em razão do crescente fluxo de automóveis entre os centros e outros como Maracaju e Sidrolândia.

É importante ressaltar que nem todas as mudanças vivenciadas nas cidades, sejam elas médias ou pequenas, são oriundas da mecanização do campo, pois a sociedade urbana¹³ está em constante transformação e, nesse sentido, as cidades se reestruturam a partir das necessidades dessa sociedade, cada vez mais globalizada. Em contrapartida, o campo mecanizado exige a existência de uma infraestrutura que atenda as necessidades do mercado interno e externo e, dessa forma, as cidades vão tendo seus papéis e funções redefinidos.

Sobre essa questão, Corrêa afirma:

As alterações no processo produtivo no campo circunvizinho, que alteram a estrutura agrária, provocando a diminuição das densidades demográficas e da demanda de bens e serviços para a população, atuaram no sentido de reduzir as funções centrais, as atividades de beneficiamento de produtos rurais e o comércio atacadista de distribuição de inúmeros pequenos centros que perderam seus mercados. Em outras palavras, verificou-se uma ampliação do alcance espacial mínimo, em muitos casos atingindo a área de influência de outro centro próximo e com maiores possibilidades de sofrer um impacto negativo menor por parte das transformações no campo. A ampliação da acessibilidade corrobora para a perda da centralidade (1999, p. 48).

As palavras do autor nos instigam a refletir sobre as mudanças de papéis de alguns centros urbanos, a partir das novas exigências no processo produtivo no campo circunvizinho e, dessa forma, as cidades pequenas se tornam locais de concentração de força de trabalho e de prestação de serviços vinculados à agricultura moderna. Abriga também pessoas oriundas da zona rural à procura de melhores condições de vida, mas que permanecem ligadas às atividades rurais, uma vez que a própria cidade pequena se reestrutura em função do campo.

Essa realidade é perceptível na cidade de Itaporã, que “abriga” considerável número de pessoas que mantêm atividades relacionadas ao campo, na condição de empregados permanentes, proprietários ou trabalhadores no sistema de bóias-frias. O período de maior oferta de trabalho na zona rural coincide com o plantio e a colheita de produtos como soja, milho ou a cana-de-açúcar. Segundo consta no site da Prefeitura Municipal está prevista a instalação de uma usina, que disponibilizará aproximadamente 1.500 vagas para trabalhadores rurais¹⁴.

¹³ Conceito utilizado por Lefebvre.

¹⁴ Segundo informações veiculadas no site da Prefeitura Municipal, “A Usina Eldorado LTDA – Unidade Itaporã, lançou oficialmente a pedra fundamental para a instalação de seu parque industrial que será construído

Com a introdução de novas técnicas de trabalho no campo, aumenta o excedente da mão de obra e as cidades, principalmente as pequenas, se tornam locais de recepção dessa mão de obra. Nesse sentido, há uma transformação dessa população, que deixa de ser rural e passa a ser agrícola¹⁵, ou seja, mora na cidade e trabalha no campo. Conforme já mencionado, tal realidade é vivenciada em Itaporã, em que é relevante a quantidade de pequenos proprietários rurais ou latifundiários, que residem na cidade e exercem atividades no campo.

Bernardelli, a esse respeito, acrescenta:

A discussão sobre pequenas cidades e os papéis urbanos que desempenham na rede urbana tem suscitado inúmeros debates, tendo em vista que muitas apresentam inexpressivas atividades econômicas urbanas e elevado grau de dependência em relação ao centro regional mais próximo, no caso específico, representado pela cidade de Dourados. Este fato obriga o deslocamento de uma parcela expressiva de moradores das pequenas cidades para o trabalho no campo ou em cidades maiores (2009, p. 2).

Conforme aponta a autora, parcela significativa da população das cidades pequenas muda ou migra diariamente às cidades maiores à procura por emprego ou serviços mais especializados. Segundo observações *in loco*, nos transportes coletivos entre Itaporã e Dourados podemos constatar a situação, conforme será analisado neste trabalho. Número significativo de pessoas que residem em Itaporã realiza o trajeto diariamente para estudar e/ou trabalhar em Dourados.

Devido às novas infraestruturas existentes, principalmente ligadas à malha rodoviária, além da proximidade das cidades de maior porte, as cidades pequenas se tornam, muitas vezes, locais de atração populacional.

A partir de análise das relações presentes entre Itaporã/Dourados, afirmamos que as cidades pequenas funcionam como local de atração principalmente como local de moradia, devido à “tranquilidade” e o valor do aluguel, mais acessível¹⁶. Salientamos também que as mesmas possuem “poder de absorção” da mão de obra oriunda do campo mecanizado e se transformam em local que apresenta dificuldades socioeconômicas semelhantes aos maiores centros urbanos.

na Fazenda São Thomé, na Rodovia MS 157, km 39. Nesta mesma área serão plantados os primeiros viveiros de mudas. A princípio serão feitos os levantamentos topográficos no local, onde a empresa irá montar uma Usina, com capacidade de produção estimada em 400 milhões de litros de álcool/ano envolvendo uma área de 40 mil hectares para a produção de cana-de-açúcar. Com a instalação da usina estão previstos 600 empregos diretos a profissionais especializados e 1.500 trabalhadores rurais” (www.itapora.ms.gov.br).

¹⁵ Conforme explica Santos (2008).

¹⁶ Em Itaporã, a média no valor do aluguel de uma casa com cinco cômodos em local considerado acessível é em torno de R\$ 300, 00.

Nesse sentido, as pequenas cidades estão ligadas às cidades maiores ou às consideradas médias, constituindo a rede urbana através do comércio e nas últimas décadas ampliaram os fluxos de lazer e serviços urbanos especializados. A realidade desponta para a necessidade de investimentos em infraestrutura interurbana, visando maior facilidade e rapidez no deslocamento.

Segundo Sposito:

O papel da proximidade continua a ter importância, mas as distâncias a partir das quais os consumidores estão dispostos a se deslocar ampliaram-se, porque o tempo para esses deslocamentos tem diminuído, já que melhoraram as formas de transportes, inclusive, com o aumento do número de veículos próprios, bem como a frequência das viagens propiciadas pelo sistema de transporte coletivo. Esses fluxos definem-se, assim, no âmbito da região e marcam e são marcados pela existência de um espaço de continuidade territorial, cuja configuração é a de uma área (2007, p. 49).

Ao nos reportarmos ao nosso objeto de análise, vale ressaltar a facilidade no deslocamento entre as duas cidades, devido às condições oferecidas pela rodovia MS-156, recentemente duplicada e totalmente iluminada. A facilidade no deslocamento entre as cidades de Itaporã e Dourados é resultado, dentre outros fatores, da existência dos transportes coletivos, que realizam o itinerário várias vezes ao dia, com tarifa considerada acessível.

Vale ressaltar que o valor cobrado nos transportes coletivos no itinerário Itaporã–Dourados corresponde ao mesmo valor da tarifa interna na cidade de Dourados (R\$ 2,30), reforçando a ideia de acessibilidade entre os dois centros. Outro fator relevante refere-se à existência de transportes coletivos oito vezes ao dia (aproximadamente a cada duas horas), de Itaporã a Dourados e oito vezes no sentido oposto (Dourados/Itaporã).

O primeiro horário de transporte coletivo de Itaporã a Dourados é às 5h55 min, visando atender aos estudantes, cujas aulas em Dourados iniciam-se às 7h. Às 7h10min, outro ônibus se dirige rumo a Dourados; neste, há o predomínio de pessoas que moram em Itaporã e trabalham na cidade vizinha. Vale ressaltar a super-lotação nesses horários e nos últimos que saem de Dourados em direção a Itaporã, às 17h15min e 18h40min.

Essa realidade é resultante da condição de interdependência, em que cada cidade apresenta suas funções sem a necessidade de produzir tudo aquilo que é exigido pela população. Nesse sentido Arroyo afirma:

Com a difusão dos transportes e das comunicações, e conforme avança a expansão capitalista, criam-se condições para que os lugares se especializem, sem a necessidade de produzir tudo para sua reprodução. Assim, ao passo que a economia local deixa de ser preponderantemente autárquica, estabelece-se uma crescente divisão territorial do trabalho. Esse processo – progressivo e acelerado com a incorporação de novas

técnicas – ocasiona uma intensificação dos intercâmbios, que se dá em espaços cada vez mais amplos (2006, p. 74).

Ao analisar as relações e papéis urbanos das cidades médias e pequenas, observa-se a realidade apontada pela autora. É marcante a relação de intercâmbios na rede urbana, principalmente nestas cidades. Nesse sentido, as cidades médias desempenham a função de oferecer maior diversidade em bens e serviços urbanos especializados, como aqueles atrelados à saúde e à educação, além de criarem postos de trabalho e, nesse caso, para atender também a população de cidades menores e que estão inseridas na mesma rede urbana.

As relações/articulações entre Itaporã e Dourados se intensificam, dentre outros fatores, a partir da procura por serviços médico hospitalares da população de Itaporã, haja vista a precariedade deste setor na cidade. Ao se referir à realidade de Dourados no contexto das cidades médias, principalmente relacionando o setor da saúde e a dependência dos municípios menores Silva afirma:

Os serviços de saúde reforçam o papel de centralidade de Dourados, pois cerca de 60% dos atendimentos realizados somente nos hospitais são de usuários de outros municípios, que se deslocam, diariamente ou mensalmente, de acordo com o serviço buscado (que varia desde consultas de rotina a tratamentos mais especializados). A cidade de Dourados configura-se, neste contexto, como concentradora de serviços de baixa, média e alta complexidade, classificados de acordo com a orientação da Organização Mundial de Saúde em postos de saúde, unidade mista, policlínica, pronto-socorro e hospital (2011, p. 81).

No que diz respeito à saúde, o papel das cidades médias na rede urbana se desenvolve a partir da expansão da dinâmica econômica e social, atraindo atividades econômicas e criando condições para a fixação populacional, a partir do deslocamento de pessoas de outros locais, principalmente dos pequenos centros urbanos e do campo.

Sobre esse assunto, recorreremos às palavras de Bernardelli:

A rede urbana é, em si mesma, expressão e base da divisão territorial do trabalho, viabilizando a produção, a circulação, o consumo; permitindo o movimento de uma série de fluxos: pessoas, capital, mercadorias, informações (também hoje colocada como uma mercadoria) e idéias. Portanto, ao mesmo tempo em que manifesta concretamente a divisão territorial do trabalho, a rede urbana também acaba por defini-la, colocando-se como condicionadora dela (2004, p. 33).

A reflexão da autora contribui para a nossa análise sobre a rede urbana local e nesse aspecto, é importante ressaltar que a diferenciação está presente entre as cidades que a compõe, já que, a noção de rede não significa uma homogeneidade, ao contrário, intensifica as contradições entre os centros inter-ligados. Dessa forma, à medida que as transformações

ocorrem, a rede urbana se redefine, pois alguns centros “declinam” e outros emergem, ou passam a ter suas funções redefinidas.

Assim, podemos observar a conectividade entre as cidades médias e a sua região, na medida em que oferecem serviços e trabalho à população de seu entorno. Em contrapartida é relevante a relação entre as cidades médias e outras do mesmo nível ou mesmo com as metrópoles.

Por sua vez, as cidades pequenas são fundamentais para seu entorno imediato, promovendo distribuição, circulação e principalmente consumo que em sua maior parte é satisfeito localmente. Além disso, constituem a própria base da rede urbana, visto que são contribuintes do desenvolvimento, da integração entre os diferentes centros urbanos e as áreas rurais.

Segundo Bernardelli:

A atual estruturação da rede urbana não deve, pois, ser entendida tendo como fundamento somente os fluxos entre cidades de uma região ou em um território limitado. É necessário considerar articulações mais amplas. (...) se no passado, o tamanho de uma cidade praticamente definia seu papel na rede urbana, no período contemporâneo tal correspondência já não encontra a mesma validade, na medida em que vemos cidades com porte populacional semelhante desempenharem papéis bastante diferentes (2004, p. 42).

Ao analisar o papel das pequenas cidades na rede urbana, não podemos deixar de ressaltar a importância socioespacial que representam na região e na própria rede.

As pequenas cidades, numerosas que são, sobretudo em Mato Grosso do Sul, geram, via de regra, expressiva densidade de centros que se situam a uma pequena distância média entre si, ainda que esta possa variar de acordo com a densidade demográfica da região em que se localizam. Nas regiões densamente povoadas, o número de centros é elevado e a distância média entre eles é pequena (como é o caso de nosso objeto de estudo, em relação à distância entre as duas cidades); nas regiões escassamente povoadas, ao contrário, o número de centros diminui, aumentando a distância média entre eles (CORRÊA, 1999).

Para o autor, o momento atual de desenvolvimento do capitalismo ocasiona novas funcionalidades para as pequenas cidades, que se dão a partir da perda de centralidade acompanhada às novas funções devido às exigências do campo e da inserção de novas atividades nesses núcleos urbanos.

Ainda levando em consideração as palavras de Corrêa (1999), e buscando refletir sobre as pequenas cidades no sul do Mato Grosso do Sul, podemos afirmar que existem inúmeros pequenos centros, cada um com suas especificidades econômicas e sociais. Tais

idades se desenvolvem a partir da interdependência de uma cidade maior, no caso, Dourados, que na rede urbana sul mato-grossense exerce considerável influência a partir da oferta de serviços urbanos especializados e inexistentes nas pequenas cidades, além de produtos considerados mais sofisticados que são procurados pelos produtores rurais.

Para Calixto *et al*:

Dourados caracteriza-se pelos elevados índices de produção agropecuária direcionada à exportação e conta com investimentos de tecnologia avançada nesta área. É inegável a influência por Dourados como pólo de atração na porção sul do estado, pois oferece uma rede de comércio e prestação de serviços que atende diversos municípios [...] (2010, p. 03).

A condição apontada por Calixto exemplifica as relações travadas entre Dourados e as cidades pequenas do sul do Mato Grosso do Sul, dentre elas Itaporã, que recorre a Dourados, principalmente à procura por equipamentos considerados tecnologicamente mais avançados, pois a primeira também se destaca no cenário regional com a “oferta” de equipamentos destinados a agropecuária.

Podemos exemplificar o exposto, com os dados apresentados pelo relatório da ReCiMe, sobre os estabelecimentos destinados ao comércio de produtos agropecuários (Quadro 03).

QUADRO 03
DOURADOS (2010)
EMPRESAS COMERCIAIS ASSOCIADAS À PRODUÇÃO RURAL

Sector de abrangência	Quant.	Sector de abrangência	Quant.	Sector de abrangência	Quant.
Agricultura e pecuária	49	Topografia e Agrimensura	01	Usina de açúcar e álcool e refinarias	03
Administração e Planejamento Agropecuários	09	Corretores de Cereais	22	Transporte Rodoviário	28
Comércio Agrícola, de Insumos Agropecuários	37	Comércio de Importação e Exportação de Produtos Agrícolas	06	Planejamento Rural	02
Assessoria e Pesquisa	37	Cooperativas	08	Produtos agroindustriais	01
Aviação Agrícola	05	Estabelecimentos de produtos agrícolas	80	Produtos veterinários	15
Beneficiamento de Cereais / Cerealistas	04	Indústria de máquinas e implementos agrícolas	46	Projetos Industriais – Agricultura e Pecuária	01
Tratores – peças e acessórios	05	Irrigação	01	Rações	02
Sementes	13	Silos	02	-----	-----

Fonte: Relatório ReCiMe – 2010

Org.: Cláudio C. S. Nogueira

Nesse sentido, a cidade de Dourados exerce papel de pólo regional, na oferta de equipamentos destinados ao campo. Possui cinco unidades comerciais para peças, tratores e acessórios; cinco unidades referentes ao comércio de produtos de aviação; 15 estabelecimentos que comercializam produtos veterinários, dentre outras atividades.

Outro viés importante para nossa reflexão se refere à análise do Índice de Desenvolvimento Humano (IDH¹⁷) dessas cidades, dando ênfase à cidade de Itaporã, que possui IDH de 0,712. Muitas cidades pequenas no país necessitam de maiores investimentos em educação, saúde, infraestrutura, saneamento básico e moradias, visando maior qualidade de vida para população local. Nesse sentido, comparando aos dados nacional, regional e estadual, a cidade possui IDH inferior. Em contrapartida os seus dados mostram-se superiores à cidade de Dourados.

QUADRO 04
BRASIL (2010)
ÍNDICE DE DESENVOLVIMENTO HUMANO – IDH

BRASIL	REGIÃO CENTRO-OESTE	MATO GROSSO DO SUL	DOURADOS	ITAPORÃ
0,813	0,838	0,830	0,701	0,712

Fonte: PNUD/Atlas de Desenvolvimento Humano
Org.: Cláudio C. S. Nogueira

Algumas obras, em tais cidades, são realizadas com o intuito de buscar o desenvolvimento econômico, ou beneficiar apenas pequena parcela da população, acarretando desigualdades socioespaciais. Nesse sentido, a população das cidades pequenas, passa a enfrentar problemas semelhantes à população de centros maiores, no que tange a emprego, educação, habitação, lazer, saneamento básico, dentre outros. As reflexões de Rodrigues, embora se referindo à realidade das grandes cidades servem para exemplificar o exposto:

Muitos loteamentos são realizados e colocados à venda, com pouca ou nenhuma infra-estrutura, o que significa que de várias formas os compradores se organizam e lutam para obter os equipamentos e serviços coletivos (2001, p. 20-21).

Podemos tomar como base a reflexão da autora para compreender a relação entre o papel do poder público e dos agentes imobiliários na reprodução do espaço urbano. A realidade apontada serve como referência para entendermos as ações dos agentes imobiliários e do poder público na reprodução do espaço urbano em cidades pequenas, sobretudo em

¹⁷ Para tal análise, leva-se em consideração a expectativa de vida, renda *per capita* e nível de escolaridade.

Itaporã que mesmo sendo considerada de pequeno porte, apresenta problemas semelhantes aos encontrados nas cidades médias ou mesmo nas cidades de maior porte.

O poder público assume papel fundamental no processo de redefinição do espaço urbano, interferindo na sua configuração socioespacial. A racionalidade, presente nas formas de intervenção do poder público, reforça a imposição de um espaço inóspito à vida. (FARIA, CALIXTO 2008, p. 140)

Assim, a população de baixa renda, não possui o direito em escolher um local para morar, é “confinada” nas periferias desprovidas de infraestrutura, saneamento básico, áreas de lazer, dentre outros. É perceptível a problemática urbana em Itaporã, nessas questões. Podemos citar como exemplo, na cidade, pontos de alagamentos, como é o caso da Vila Irmã Daniela e do Bairro da Lagoa. Em alguns bairros, a ausência de asfalto dificulta o dia a dia dos indivíduos com a poeira ou o barro. A problemática não se restringe às áreas periféricas. A região central enfrenta problemas relacionados a alagamentos, conforme a intensidade das chuvas.

Outra questão importante na discussão se refere à problemática relacionada à falta ou precariedade nas moradias, sobretudo as destinadas à população de baixa renda. Unidades residenciais foram construídas, porém não condizem com a real necessidade dos indivíduos, já que predominam casas de tamanho reduzido, construídas com materiais de baixa qualidade, desprovidas de infraestrutura e saneamento básico.

Faria e Calixto, ao tratar desse assunto na cidade de Dourados afirmam:

No que se refere à habitação, há tempos que os conjuntos habitacionais são implantados e carregam consigo o discurso da solução para falta de moradia. No entanto, quando consideramos a parcela da população que não possui recurso financeiro (ou que não pode auferir renda pelo emprego ou trabalho), a possibilidade de habitar uma casa em conjunto habitacional é remota, pois a grande maioria desses projetos está condicionada a financiamentos, que exigem a comprovação de renda. Essa condição impede o acesso daquela que, a princípio, seria a parcela da população mais necessitada de ser atendida por projetos habitacionais (2008, p. 137).

A realidade é vivenciada em Itaporã, em que a população de baixa renda, na maioria das vezes, sem alternativa, recorre aos programas de habitação. Passam por constrangimentos, devido à burocracia no momento da realização dos cadastros, principalmente na comprovação de renda e correm o risco de serem privadas ou excluídas de tais programas.

Percebe-se que as pequenas cidades estão perdendo o caráter de “lugares pacatos”, sem “problemas urbanos” como falta de moradia, presença de favelas, violência, dentre

outros. Enquanto tais problemas estão se alastrando, o poder público continua a administrar essas cidades, na maioria das vezes, sem considerar as desigualdades socioespaciais.

Atualmente é perceptível em Itaporã a existência dos problemas citados anteriormente, principalmente no que se refere à questão da violência urbana e a ausência de moradias para população de baixa renda, mesmo que a produção habitacional, para atender a essa camada da população, esteja inserida entre as prioridades propagadas no discurso do poder público local.

Ao nos referirmos à violência urbana registramos que é comum na cidade o uso de entorpecentes, acarretando brigas, inclusive assassinatos, conforme notícias veiculadas nos jornais locais. De acordo com dados divulgados pelo Conselho Tutelar, nos anos de 2010 e 2011 (ver Anexo B), é considerável o número de ocorrências relacionadas à prática de furtos, abandono de menores, formação de gangues, prostituição infantil, ingestão de bebidas alcoólicas, dentre outros delitos.

No que se refere ao uso de entorpecentes, algumas informações coletadas no Conselho Tutelar, asseguram que são transportados da cidade de Dourados, em alguns casos, por adolescentes, que fazem o percurso de bicicletas. Dessa forma, consideramos que em Itaporã se manifestam problemas semelhantes aos dos maiores centros, porém, em escala diferenciada.

Assim, mesmo diante da falta de consenso sobre a definição conceitual das pequenas cidades, não podemos deixar de nos preocupar com a importância de pesquisas mais aprofundadas sobre a temática, haja vista, a quantidade de pessoas que essas cidades abrigam e que, mesmo possuindo papéis considerados secundários na rede urbana, também revelam o conteúdo multifacetado da urbanização brasileira.

Nesse sentido, no próximo capítulo faremos uma reflexão sobre as transformações ocorridas nas cidades em análise a partir da introdução mais efetiva do *meio técnico-científico-informacional*¹⁸.

¹⁸ Para tal análise nos apoiamos em alguns autores que discutem a temática, dentre eles, Santos (2005 e 2008) e Sposito (2007 e 2009).

CAPÍTULO 02

“Houve um tempo em que se podia tratar a rede urbana como uma entidade onde as cidades se relacionavam segundo uma hierarquia de tamanho e de funções. Esse tempo passou. Hoje, cada cidade é diferente das outras, não importa o seu tamanho, pois entre as metrópoles, também há diferenças”.

Milton Santos

2- O MEIO TÉCNICO-CIENTÍFICO-INFORMACIONAL E AS NOVAS RELAÇÕES/ARTICULAÇÕES ENTRE ITAPORÃ E DOURADOS

Neste capítulo temos como propósito analisar as novas relações/articulações entre Itaporã e Dourados a partir da introdução do meio técnico-científico-informacional.

Terra habitada primeiramente por nativos, de quem herdou a denominação Itaporã¹⁹, que na língua indígena significa “pedra bonita”. Essa caracterização, porém, se perdeu a partir da implantação na cidade, do frigorífico de peixes Mar e Terra, quando então, ficou conhecida como a “cidade do peixe” (Foto 01).

Localiza-se na zona fisiográfica do planalto sedimentar da bacia do rio Paraná. Faz limite territorial com Dourados (por linha seca), com o município de Rio Brilhante, tendo como divisão territorial o rio Brilhante e com Maracaju, limitando-se a partir do rio Santa Maria. Pertence à microrregião de Dourados²⁰.

¹⁹Os primeiros colonizadores contam que chegaram em Dourados em carros de bois, com os homens indo à frente para abrir a mata com foices e machados. Todas as construções comunitárias foram erguidas no sistema de mutirão, pois cada colonizador trazia consigo um ofício. Em 1950 foi construída a primeira igreja católica. Nos anos seguintes, houve uma **“explosão” de colonos** vindos do sul, principalmente do Paraná: “Entre 1952 e 1953 batia-se martelo noite e dia em Itaporã (as casas eram feitas de madeira), nem dava para dormir”. O progresso da Colônia Municipal e o apoio de políticos fizeram com que ela fosse elevada à categoria de município sem ter passado pela de distrito (de Dourados). Houve uma reação negativa da Prefeitura de Dourados, alegando a inconstitucionalidade da elevação de categoria sem ter-se seguido todos os níveis estabelecidos em lei, mas a intervenção de políticos influentes no Rio de Janeiro, então capital do país, fez valer o que seria inconstitucional. Assim, em 10 de dezembro de 1953 a Colônia de Dourados foi elevada a Município de Itaporã. O novo município passou por grandes dificuldades iniciais por não ter equipamentos e recursos; uma grande campanha desencadeada por Dourados pressionava os proprietários rurais a recolherem os impostos pela linha seca, aproveitando-se de um equívoco na redação da Lei que ratificava a elevação da Colônia a município, onde eram incompletas as informações sobre os limites da linha seca entre os dois municípios. Este equívoco ainda tramitava, sob a forma de um processo jurídico, em outubro de 2003 (ASMUS, 2004).

²⁰ Fonte: Site oficial da Prefeitura Municipal de Itaporã.

FOTO 01



Acesso Itaporã/Dourados

Foto: Prefeitura Municipal de Itaporã (2010)

Por ser considerada de pequeno porte e apresentar características de cidade aparentemente “pacata”, por exemplo, Itaporã mantém peculiaridade de ter ruas pouco movimentadas, ainda, com a existência do trânsito de carroças e cavalos em meio aos carros e bicicletas. Ainda preserva-se a tradição da ficha nas padarias, mercearias, açougues, lojas e bares, pois praticamente todos se conhecem (ASMUS, 2004).

Nesse sentido, mesmo com a modernização tecnológica, presente tanto no campo, quanto na cidade, persistem aspectos tradicionais, como as fichas ou cadernetas, com o objetivo de marcar as contas da população que compra a prazo. Nas pequenas cidades a situação é visível, pelo fato da maioria das pessoas serem conhecidas e as relações serem mais diretas. Essa realidade é predominante nas mercearias, farmácias, pequenos bares ou lojas de roupas, aquelas consideradas mais tradicionais ou antigas na cidade, como exemplo, a Mercearia Brilhante, a Casa São Pedro, a Casa São Paulo, A Princesinha, a Farmácia Santo Antônio, dentre outras.

Mesmo existindo considerável procura por mercadorias em Dourados, principalmente no shopping Avenida Center, nos hipermercados Atacadão ou Extra, o comércio local ainda persiste. Dentre os fatores que contribuem para isso, ressaltam-se as necessidades da população do campo, que se dirige à cidade, principalmente no início ou final do mês, para

fazer compras. Ao nos referirmos à população do campo, vale ressaltar a realidade da estrutura fundiária de Itaporã, em que é fato a concentração de parcela considerável da terra nas mãos de poucos proprietários (Quadro 05).

QUADRO 05
REGIÃO DA GRANDE DOURADOS (2006)
Distribuição de propriedades rurais por municípios

Municípios	Estabelecimentos										
	Mais de 0 até menos 10 ha		10 ha até menos que 100 ha		100 ha até menos que 500 ha		500 ha até menos que 1000 ha		Mais de 1000 ha		Total de Estab.
	Quan	%	Quan	%	Quan	%	Quan	%	Quan	%	Quan
Caarapó	387	42	286	31	159	17	58	6	38	4	928
Deodápolis	166	22	469	62	100	13	15	2	11	1	761
Douradina	43	24	95	53	27	15	09	5	04	3	178
Dourados	550	27	929	46	376	19	97	5	62	3	2.014
Fátima do Sul	507	47	524	49	42	4	----	--	----	--	1.073
Glória de Dourados	147	16	639	73	87	9	09	1,6	02	0,2	884
Itaporã	217	25	430	49	168	20	46	5	12	1	873
Jateí	48	10	239	57	92	18	25	5	47	10	451
Juti	22	8	112	40	89	32	22	7	38	13	283
Rio Brillhante	143	11	737	61	185	15	71	5	90	6	1.226
Vicentina	213	31	406	60	54	7	02	1	02	1	677

Fonte: Relatório ReCiMe – 2010
Org.: Cláudio C. S. Nogueira

Nesse sentido, percebe-se a existência de número considerável de pequenas propriedades rurais, em que, na maioria se pratica a agricultura familiar (como por exemplo, do cultivo de goiaba e abacaxi), principalmente, no distrito de Santa Terezinha. Em contrapartida, percebe-se também, que poucas propriedades rurais utilizando-se da mecanização dominam grandes parcelas de área, onde são cultivados, soja e/ou milho, destinados a atender o mercado externo, ou ainda, em menor escala a cana-de-açúcar, para abastecer as usinas da região.

Nas palavras de Asmus:

Numericamente, predominam as propriedades pequenas, características da agricultura familiar. Mas de acordo com o Incra/FAO (2000), em relação à área agrícola, predominam as grandes propriedades, com mais de 120 ha (quatro módulos rurais). Os estabelecimentos familiares ocupam 27% da área agrícola. Ainda assim, a situação de Itaporã é um caso particular no estado, onde a área agrícola ocupada com estabelecimentos familiares é de 7%. O bom desenvolvimento agrícola deve-se muito ao solo areno-argiloso, fértil, e às boas condições ambientais. Na safra 2002, a soja em Itaporã alcançou um rendimento de 3.060 kg/ha, acima da média do estado (2.732

kg/ha) e do país (2.574 kg/ha), conforme Indicadores da Produção Agrícola do IBGE (2004, p. 81).

A partir das reflexões da autora, reforça-se que a cidade de Itaporã possui significativas relações comerciais com o exterior, em consequência do comércio oriundo de produtos agrícolas. Nesse viés, rompe com a hierarquia urbana tradicional.

A partir da inserção do que chamamos de *meio-técnico-científico-informacional*, as relações se transformam. Até então, as relações no campo se davam a partir do trabalho familiar praticado em forma de policultura, ou ainda, o cultivo de café, amendoim e feijão, visando subsistência e/ou o comércio interno.

As transformações decorrentes da mecanização do campo, sobretudo a partir da década de 1970, refletiram nas relações de produção e de trabalho. Desencadeia-se, a partir de então, a produção com o objetivo de atender o mercado externo²¹. As relações se intensificam com a produção de soja, trigo e milho e a monocultura mecanizada torna-se fator relevante na economia regional, acarretando transformações nas cidades, que se estrutura com o objetivo de atender a essas necessidades.

Em contrapartida, persiste na cidade, formas de trabalho comumente encontradas no campo, como a produção de hortaliças, destinada ao comércio na feira ou para abastecer os mercados e mercearias locais. Nesse caso, exemplificamos com a realidade do “Sacolão Vieira”, em Itaporã, em que predomina o trabalho familiar e atende o comércio local.

Nas palavras de Fabrini:

Os traços agrários das pequenas cidades são verificados na esfera política, produtiva, dos valores, costumes, etc. Na esfera da produção, por exemplo, não é raro encontrar nas pequenas cidades uma agricultura urbana, sobretudo naquelas cidades pequenas e onde a fertilidade da terra proporciona elevada renda da terra diferencial. Hortas e criação de animais também são

²¹ Um breve resgate histórico nos permite verificar que as mudanças ocorridas nas formas de trabalho e produção no campo no sul do estado de Mato Grosso do Sul e nesse caso também em Itaporã, vivenciadas a partir da década de 1930, com as interferências da Colônia Agrícola Nacional de Dourados (CAND), e intensificadas a partir da década de 1970 com a mecanização na agricultura foram fundamentais nas mudanças de estrutura econômica existente até então no sul do estado. Através da colônia, a área começou a beneficiar-se com a implantação de infraestrutura, principalmente ligadas à abertura de estradas e confecção de pontes, com o objetivo de facilitar o escoamento da produção agrícola. Nesse sentido, a colônia trouxe repercussão, principalmente com a chegada dos colonos que exerceram papel de desbravadores. Com a chegada dos mesmos, foi surgindo novas demandas e necessidades, o que possibilitou a ampliação na infraestrutura. Dessa forma, a CAND, foi a mola propulsora para o desenvolvimento da porção sul do estado. Já a partir da década de 1960, a corrente migratória predominante vem do sul do Brasil. São os fazendeiros agricultores denominados “granjeiros”. Em termos econômicos, foi constituída uma nova forma de aproveitamento agrícola, com base na agricultura mecanizada de cereais, que se intensifica a partir da década de 1970, voltados para o mercado externo e subsidiada por políticas de financiamentos dos bancos estatais e assistência técnica especializada (NOGUEIRA, PEREIRA, 2003, baseados em SILVA, 1992).

exemplares de atividades rurais que se reproduzem nas cidades (2009, p. 150).

As reflexões do autor contribuem para atentarmos para a realidade de Itaporã, em que coexiste na cidade, traços da realidade rural. Há chácaras no perímetro urbano, em que são produzidos produtos como leite, queijo, requeijão, ovos, frangos, doces, dentre outros, além do cultivo de abacaxi e goiaba, que são vendidos no comércio local, na feira, ou em bancas na área central da cidade. Como exemplo podemos citar as bancas nas esquinas do Banco do Brasil, da farmácia Drogaria Itaporã e na área que permite acesso a Dourados, próximo às rotatórias. Nesse sentido, se faz presente uma cultura econômica considerada “ultrapassada”, concomitantemente à mecanizada.

Ressaltamos também que o município conta com uma agência de correio localizada na área central da cidade e quatro agências de correios comunitárias (nos distritos). Para atender a movimentação financeira, existem três agências bancárias: uma do Banco do Brasil, uma do Bradesco e uma do SICRED (Sistema de Crédito Cooperativo), além de uma casa lotérica, responsável pela movimentação da Caixa Econômica Federal.

A partir da década de 1970, com o desenvolvimento do *meio-técnico-científico-informacional*, o processo de urbanização brasileiro registra uma nova etapa, em consequência das modificações na estrutura urbana existente, pois o espaço se recria a partir da inserção da técnica, da informação e do desenvolvimento da ciência. Dessa forma, o espaço torna-se mais dinâmico com maior mobilidade de produtos, ideias e principalmente do capital.

Ao se referir a esse processo, Santos afirma que:

Esse meio técnico-científico (melhor será chamá-lo de meio técnico-científico-informacional) é marcado pela presença da ciência e da técnica nos processos de remodelação do território essenciais às produções hegemônicas, que necessitam desse novo meio geográfico para sua realização. A informação, em todas as suas formas, é o motor fundamental do processo social e o território é também, equipado para facilitar a sua circulação (2005, p. 38).

Esse processo interfere nas novas formas de organização da sociedade. Inúmeras pessoas, que se tornam desempregadas no campo, a partir da utilização de máquinas e equipamentos agrícolas, migram para as cidades e contribuem para o surgimento de novos centros urbanos, ou acarretam transformações nos já existentes, devido às novas exigências oriundas do avanço tecnológico. Conforme salientamos, a cidade assume nova reconfiguração socioespacial, em função das mudanças vivenciadas no campo.

Para melhor compreensão dessa realidade, recorreremos às palavras de Santos:

A cidade já não é o lócus por excelência dos capitais novos. Esse lócus do capital hegemônico facilmente difundido é o campo, onde as horizontalidades que se estabelecem têm como base material a ciência, a tecnologia e a informação. A cidade é um lugar que se recusa a essa difusão rápida e fácil do capital novo. O campo é o lugar onde uma certa tipologia de capital, de tecnologia e de organização se dá de forma espalhada sobre certas áreas, redefinindo-as (2008, p. 90-91).

E continua:

A cidade, ao contrário é o lugar onde se podem associar diversos capitais e, por consequência, diversos trabalhos. Isto se deve exatamente ao fato de que a paisagem urbana reúne e associa pedaços de tempo materializados de forma diversa e, desse modo, autoriza comportamentos econômicos e sociais diversos (2008, p. 91).

Nesse sentido, a cidade de Itaporã, na sua dinâmica de reconfiguração, vai revelando os novos conteúdos desse processo. Nessa dinâmica, a tecnologia e a informação contribuíram para reforçar e estruturar um novo sistema surgido a partir da década de 1970. Esse novo sistema acarreta transformações tanto no campo, quanto na cidade e, assim as pequenas e médias cidades têm seu espaço reconfigurado.

(...) os anos 70 são também um marco na modernização da agricultura, no desenvolvimento do capitalismo agrário, na expansão das fronteiras agrícolas e na intensificação dos trabalhadores volantes (SANTOS, 2008. p. 49).

As transformações ocorridas no Brasil, devido ao avanço tecnológico, acarretam considerável modificação em toda a estrutura social e no espaço geográfico brasileiro, já que o mesmo teve que se redefinir em função das novas tendências mundiais. Assim, a industrialização se desenvolve e impulsiona o processo de urbanização no território brasileiro.

Segundo Carlos:

A análise do mundo moderno impõe a todos o conhecimento do espaço enquanto noção e enquanto realidade, pois cria hoje, as condições através das quais a reprodução da sociedade se realiza. Assim, a cidade e campo como momentos reais do movimento de realização da sociedade revela os conteúdos da vida. Cidade e campo como momentos da reprodução da sociedade saído da história da industrialização (2004, p. 135).

As principais metrópoles do país se tornam centros da economia devido as melhores condições em termos de equipamentos e serviços urbanos, despertando o interesse da população, que anteriormente vivia no campo, às novas formas de vida, atreladas, principalmente ao consumismo. Contudo, as mudanças ocasionadas com o advento da técnica e desenvolvimento científico, não se restringem apenas às metrópoles, as mesmas são vivenciadas também nas pequenas e médias cidades.

Segundo Bessa:

As cidades médias vêm apresentando considerável desempenho na dinâmica recente assumida pela urbanização brasileira, especialmente quando afetadas pela expansão do meio técnico-científico-informacional, seja pela complexificação da configuração territorial, seja pela possibilidade de geração de fluxos materiais e de fluxos imateriais, que resultam do destacado desenvolvimento econômico, no qual sobressaem primordialmente as atividades de caráter urbano – indústria, comércio e serviços, que, em áreas agrícolas, atendem também às demandas das atividades da agropecuária modernizada. Convém ressaltar que tais fatores ampliam o processo de urbanização nesses centros, visto que as novas formas da urbanização são tanto mais avançadas quanto mais densos e complexos forem os conteúdos do meio técnico-científico-informacional, resultando na ampliação da importância das cidades médias, que se inserem de forma simultaneamente diferenciada e integrada na rede urbana brasileira (2005, p. 1920).

A reflexão da autora contribui para atentarmos para os novos papéis estabelecidos pelas cidades brasileiras a partir do que é chamado de *meio técnico-científico-informacional*, em que passam a vivenciar mudanças no espaço, a partir da necessidade de atender a demanda por serviços urbanos e equipamentos modernos, principalmente aqueles relacionados à produção agrícola. Nesse sentido, a realidade aponta para a importância das cidades médias na rede urbana brasileira, que revelam um novo conteúdo do processo de urbanização, e tornam-se atrativas principalmente no que diz respeito a oferta de mão de obra mais qualificada, intensificando as relações entre as mesmas e as cidades menores.

Dessa forma verificamos que tanto Dourados quanto Itaporã possuem seus papéis redefinidos. Enquanto a primeira desponta como centro fornecedor de produtos e serviços considerados mais especializados, a segunda se destaca, principalmente como centro que absorve mão de obra para o campo ou para a cidade maior (Dourados). As reflexões de Fabrini, se reportando a Bernardelli ao se referir à realidade da região de Catanduva em São Paulo, apontam:

As pequenas cidades da região possuem apenas o papel de moradia, principalmente com a formação de conjuntos habitacionais criados pelo Estado. Assim, o Estado não atuou somente na política de modernização da agricultura como o Pró-álcool, mas também em políticas públicas, através da formação de conjuntos habitacionais nas pequenas cidades para servir aos trabalhadores do complexo agroindustrial. A partir desse exemplo, verifica-se que as pequenas cidades vinculadas ao universo rural perdem gradativamente sua importância na acumulação capitalista, representando, no máximo, um papel secundário. Contudo, cabe indagar se, ao perderem suas funções importantes para a acumulação de capital, as pequenas cidades perderam também os “papéis humanos”, de resistência ou negação da ordem mercadológica (2009, p. 144).

Atentando para a realidade de Itaporã, consideramos que a expansão urbana, nos últimos anos, a partir da implantação de novos conjuntos habitacionais, destinados à população de baixa renda, vem acarretando redefinições socio-econômicas-espaciais.

Ao nos reportarmos às mudanças socioeconômicas, percebe-se que a sociedade assume novos costumes, atrelados ao consumo. O avanço tecnológico e o desenvolvimento da ciência trazem uma nova roupagem à forma de vida da sociedade, atrelada ao desenvolvimento da economia de mercado.

Segundo Santos:

Essa união entre a técnica e a ciência vai dar-se sob a égide do mercado. E o mercado, graças exatamente à ciência e a técnica, torna-se um mercado global. A idéia de ciência, a idéia de tecnologia e a idéia de mercado global devem ser encaradas conjuntamente (...). Nesse período, os objetos técnicos tendem a ser ao mesmo tempo técnicos e informacionais, já que, graças à extrema intencionalidade de sua produção e de sua localização, eles surgem como informação: e na verdade, a energia principal de seu funcionamento é também a informação. (...) estamos diante da produção de algo novo, a que estamos chamando de *meio técnico-científico-informacional* (2009, p. 238).

A questão evidenciada nas reflexões de Santos torna-se realidade tanto nas grandes cidades, quanto nas médias e pequenas. Do ponto de vista do consumo, as cidades médias constituem-se pólos para onde os moradores de áreas rurais ou cidades menores estão dispostos a se deslocar para suprir necessidades não presentes em seu local de origem; ou podendo ser adquiridas pelos modernos sistemas de comunicações, sem a necessidade do deslocamento físico do consumidor (PEREIRA, 2004).

Dessa forma, as ideologias do consumo, do crescimento econômico e do desenvolvimento remodelam o espaço, em que a presença da técnica, da ciência e da informação se tornam necessárias ao processo.

Nas palavras de Santos:

A união entre a ciência e a técnica que, a partir dos anos 70, havia transformado o território brasileiro revigora-se com os novos e portentosos recursos da informação, a partir do período da globalização e sob a égide do mercado. E o mercado graças, exatamente à ciência, à técnica e à informação torna-se um mercado global. O território ganha novos conteúdos e impõe novos comportamentos, graças às enormes possibilidades da produção e, sobretudo, da circulação dos insumos, dos produtos, do dinheiro, das idéias e informações, das ordens e dos homens. É a irradiação do meio técnico-científico-informacional que se instala sobre o território (2008, p. 52).

Devido a essa nova realidade na reorganização da economia brasileira, as cidades assumem novo conteúdo, calcado no fornecimento de equipamentos ao campo e visando

atender às novas necessidades da população. Nesse sentido, a cidade de Dourados apresenta uma redefinição socioespacial em função das necessidades do campo e da demanda local e regional.

Em suas reflexões, Calixto afirma:

Em conseqüência dessa nova realidade vivida pelo campo – mecanização da agricultura e conseqüente dismantelamento da pequena produção –, a cidade de Dourados começou a vivenciar um processo de redefinição de papéis, funções, conteúdo, não apenas por contar com um novo tipo de morador, proprietário e técnicos ligados ao novo modelo de agricultura ou trabalhadores e pequenos proprietários expropriados do campo, mas sobretudo em face da demanda da agricultura mecanizada por produtos e serviços que não eram e não são encontrados na própria unidade agrícola de produção como: assistência técnica, aplicação de agrotóxico e corretivos de solo, financiamento, reposição e conserto de equipamentos ou máquinas, etc (2004, p. 67).

A reflexão de Calixto contribui para afirmarmos que a cidade de Dourados se configura em função das necessidades impostas pelo modo de produção vigente, a mecanização da agricultura e o desejo de consumo da população. Dessa forma, se consolida como um centro regional, atraindo investimentos e ampliando a interdependência com as pequenas cidades do sul do Mato Grosso do Sul em diversos aspectos²².

Nesse sentido, há uma reconfiguração do espaço urbano de Dourados com a implantação de estabelecimentos comerciais destinados a atender as necessidades do campo, como o de maquinários agrícolas, de insumos e sementes, etc. Além disso, a cidade passa a contar com atividades comerciais consideradas mais sofisticadas, como lojas que comercializam marcas, restaurantes, ambientes destinados ao lazer e principalmente os serviços ligados à educação, com destaque às universidades, e à saúde, com clínicas especializadas, que passam a fazer atendimento também à população dos municípios próximos.

Assim, vão se revelando os novos conteúdos decorrentes das novas formas de trabalho e produção no campo, acarretando mudanças nas relações socioespaciais. Elias, ao se referir ao processo de urbanização atrelado às mudanças nas relações de trabalho e produção no campo, afirma que a

²² Na década de 1970, a região de Dourados foi eleita pelo governo federal como pólo de desenvolvimento regional, passando a receber investimentos, incentivos governamentais, entre outros, que se revelaram decisivos para a consolidação dos interesses agroindustriais. Foi nesse contexto que o Estado determinou um novo papel reservado à região, com uma inserção na divisão regional do trabalho, definindo um novo perfil para a população urbana (CALIXTO, 2004).

... função principal claramente se associa às demandas produtivas dos setores relacionados à modernização da agricultura. Como observado, nessas cidades, que se caracterizam por serem cidades locais ou que desempenham papéis de intermediação na rede urbana, se realiza a materialização das condições gerais de reprodução do capital do agronegócio (2007, p. 116).

Assim, pode-se afirmar que a década de 1970, foi marcada pela modernização da agricultura, exigência decorrente das necessidades externas, resultando na intensificação do êxodo rural. Ao mesmo tempo, o processo industrial se desenvolve a partir das lógicas de consumo da sociedade.

Segundo Santos:

Desse modo, vivemos cercados por todos os lados, por esse sistema ideológico tecido ao redor do consumo e da informação ideologizados. Esse consumo ideologizado e essa informação ideologizada acabam por ser o motor de ações públicas e privadas (2008, p. 49).

Em contrapartida, o crescimento do consumo e as mudanças na economia, a partir do desenvolvimento tecnológico e científico, acarretam contradições na sociedade. Assim, nas cidades surgem espaços cada vez mais fragmentados, com a finalidade de abrigar populações cada vez mais heterogêneas, já que o acesso às novas técnicas e produtos, ou as melhores parcelas do solo urbano, são destinados à população de maior poder aquisitivo.

Desse modo, o espaço apresenta novas formas/conteúdos e ao mesmo tempo define novos comportamentos, devido às “inúmeras possibilidades” de produção (material e imaterial), circulação de pessoas, produtos, capitais e informações.

Essa realidade ocasiona modificações na estrutura social e o crescimento urbano torna-se ainda mais acelerado, promovendo cada vez mais a circulação de mercadorias e reforçando o papel da técnica e da ciência, refletindo as mudanças na rede urbana.

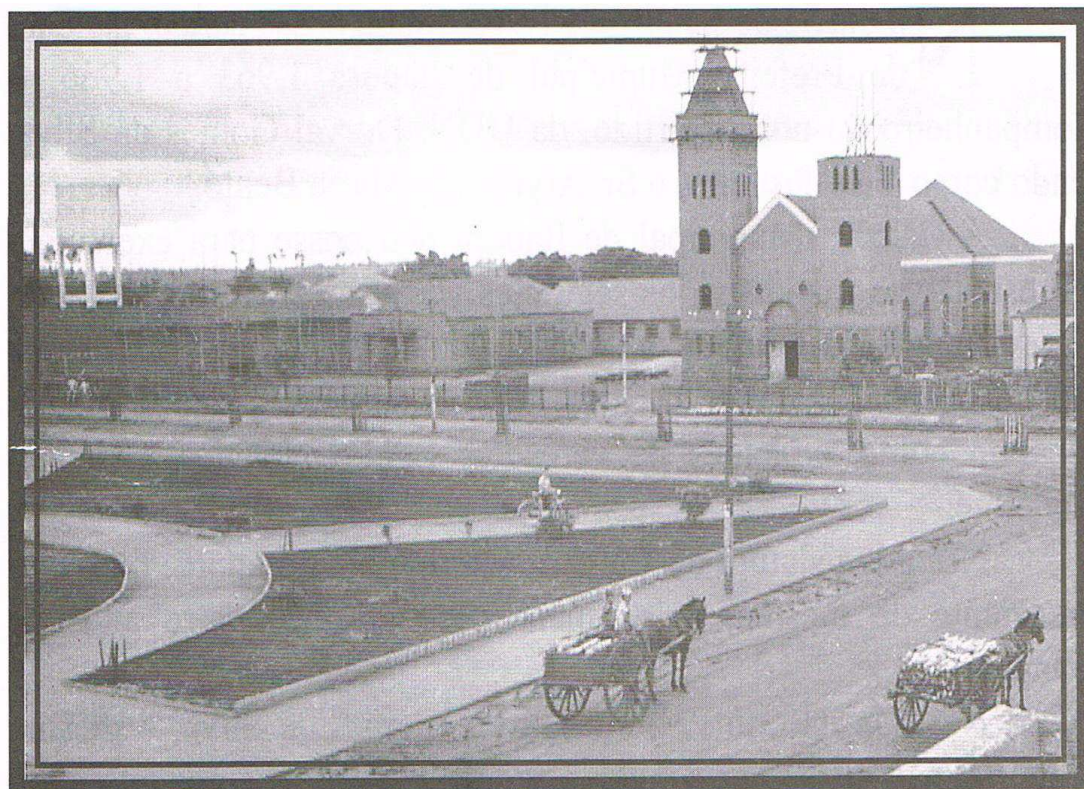
Nesse sentido, as cidades passam a desempenhar outras funções, intensificando a diferenciação nos papéis urbanos estabelecidos entre os grandes e pequenos centros urbanos.

Em sua análise, Bernardelli (2009) afirma que parte das pequenas cidades tornou-se local de concentração de expressivo contingente de força de trabalho utilizada na agricultura, resultante de um processo de modernização que possibilitou, a partir de meados da década de 1970, a expansão da fronteira agrícola para a porção sul do então estado de Mato Grosso, atual estado de Mato Grosso do sul.

Ao analisarmos a realidade nas cidades de Itaporã (Foto 02) e de Dourados, observamos que esse processo se intensifica, sobretudo, a partir da década de 1970, em função da introdução de novas formas de produção e novas relações de trabalho, conforme já

pontuado. Nesse sentido, reforçam-se as articulações entre o campo e a cidade, que na cidade de Itaporã se efetiva em função do comércio atrelado à agropecuária.

FOTO 02



Itaporã-MS (1968) – Área Central
Fonte: Foto Santana

Um exemplo relevante de novas técnicas e novas relações de trabalho e comércio é o que acontece com o frigorífico Mar e Terra (Foto 03). Mesmo instalado em Itaporã, a comercialização de pescados na cidade não é significativa, ocorrendo apenas na peixaria Mar e Terra, que possui filiais em Dourados e em Maracaju. Isso acirra as condições de interdependência na rede urbana. Em contrapartida, o frigorífico comercializa com outros estados e com o exterior, conforme já salientamos²³.

Segundo Santos:

As indústrias voltadas para o exterior não dependem de um mercado local: elas são criadas no plano de um mercado que é, frequentemente,

²³ Vale ressaltar, que na proximidade das comemorações da Páscoa, o poder público municipal, distribui um peixe para cada família de Itaporã, para fazer propaganda da empresa e reforçar a idéia de que Itaporã é a “cidade do peixe”. Outra ocasião em que o poder público realiza propaganda da empresa é durante o Itaporã Fest (tradicional festa da cidade, que ocorre no mês de agosto e conta com a presença de artistas regionais, danças, comidas típicas, etc). Participam do evento pessoas de várias partes do estado e o mesmo, contribui para as arrecadações do município.

internacional. É por isso que sua localização pode dar-se fora das regiões desenvolvidas do país. Elas se inserem nas áreas onde a ausência de desenvolvimento industrial contribui para agravar a degradação do mercado de trabalho. Contudo, sua presença traz poucos efeitos em cadeia e as áreas circundantes continuam a depender das zonas centrais do país para um grande número de provisões. Localmente, essas atividades criam apenas um número reduzido de empregos, enquanto, por outro lado, absorvem uma parte importante dos recursos nacionais (2008, p. 343).

A empresa em questão se destaca a partir das relações com o mercado externo, porém, se utiliza de mão de obra local, principalmente a menos qualificada e barata (Foto 03 e 04). “Oferta” trabalho dessa natureza, tanto nos tanques (área rural), quanto no frigorífico (área urbana).

FOTO 03



Itaporã-MS (2011) – Frigorífico Mar e Terra
Foto: Cláudio C. S. Nogueira

FOTO 04



Itaporã-MS (2011) – Extração de pescados da Empresa Mar e Terra
Fonte: www.mareterra.com.br

Assim, conforme já pontuado, as indústrias voltadas para o exterior demandam poucos serviços locais, mas dirigem-se a outros lugares do país ou do exterior, pois o nível de atividade industrial, em geral, é bem superior ao de outras atividades: a indústria voltada para o exterior, pode se instalar na cidade sem ter muitos laços com as atividades preexistentes (SANTOS, 2008).

A empresa Mar e Terra, mesmo estando inserida no cenário internacional, não interfere de forma considerável no comércio local. Dessa forma, reforça a descaracterização da rede urbana baseada no modelo hierárquico.

Assis (2005), com base em Sposito (1999), chama atenção para o fato de que atualmente, há possibilidades múltiplas de relações entre cidades de diferentes padrões, sem que, necessariamente, elas se estabeleçam hierarquicamente. Nesse contexto, podemos dizer que embora as pequenas cidades ainda recorram, geralmente, às cidades médias mais próximas em busca de certos serviços ou comércio, elas já se articulam, também, diretamente e instantaneamente, com as metrópoles e com o mundo. Por isso, nessa etapa do processo de urbanização brasileira, as cidades pequenas e as médias têm seus papéis redefinidos.

Conforme afirma o autor acima, uma das mudanças vivenciadas nas cidades a partir do desenvolvimento do *meio técnico-científico-informacional* é a quebra na hierarquia urbana, pois com a globalização, o seu significado sofreu alterações. Atualmente, há, em alguns casos,

diminuição da “dependência” de uma pequena cidade em relação a uma maior, revelando cada vez mais, uma relação de interdependência.

Em contrapartida, ao nos referirmos aos setores de serviços, as pequenas cidades tornam-se cada vez mais dependentes das cidades de maior porte, principalmente ao nos referirmos aos mais sofisticados. A análise do nosso objeto de estudo nos permite afirmar que existe interdependência entre centros menores e maiores, em diversos aspectos, como os relacionados ao ensino superior, à saúde, ao lazer, aos serviços bancários, etc.

Nesse sentido, vale ressaltar a importância e os papéis das cidades médias, em que na rede urbana regional, funcionam como fornecedoras de equipamentos e serviços urbanos especializados. Assim, podemos entender Itaporã e Dourados como cidades em que a primeira apresenta como função principal a oferta de equipamentos e produtos necessários ao campo, aqueles mais simples, enquanto a segunda apresenta a oferta de serviços urbanos mais especializados, como comércio mais sofisticados, clínicas médicas, dentistas, com especialidades médica e hospitalares, universidades, lojas de telecomunicações, etc.

Segundo Santos:

As cidades médias têm como papel o suprimento imediato e próximo da informação requerida pelas atividades agrícolas e desse modo se constituem em intérpretes da técnica e do mundo. Em muitos casos, a atividade urbana acaba sendo claramente especializada, graças às suas relações próximas e necessárias com a produção regional (2008, p. 281).

Assim, coloca-se a necessidade de repensar o papel das cidades médias e pequenas frente às novas tecnologias. Nelas, as atividades se desenvolvem a partir das exigências da população local e da área de influência, além, é claro, de exigências de espaços bem mais amplos, pois com a evolução da técnica e da ciência, passaram a adotar novas funções. Vale ressaltar, que enquanto as cidades médias absorvem maior nível de tecnologia e serviços, com maior rapidez, na cidade pequena, permanece lenta a implantação de serviços especializados, lazer, dentre outros. Nesse viés, percebemos que Itaporã teve perdas, pois já contou com clubes, cinema (Foto 05), danceterias, etc. elementos que se perderam com o decorrer dos anos. Atualmente, Itaporã se encontra, cada vez mais, dependente de Dourados nesses quesitos.

Vale ressaltar que a cidade conta apenas com lanchonetes, sorveterias e bares, que são os locais freqüentados pela população, principalmente no período noturno, exemplificando a restrição em opções de lazer e atividades mais diversificadas.

FOTO 05



Itaporã-MS (1960) - Cinema
Fonte: Foto Santana

Nesse contexto, como afirma Santos (2008), as cidades de porte médio passam a acolher maiores contingentes de classe média, um número crescente de letrados, indispensáveis a uma produção material, industrial e agrícola que se intelectualiza, enquanto que a cidade pequena se torna dependente nesses aspectos. Apenas para dimensionarmos este processo, Calixto nos aponta que com relação ao número de pessoas com curso superior, a cidade de Dourados, torna-se lócus privilegiado a partir da década de 1970, quando a mesma passou a absorver cada vez mais engenheiros agrônomos, arquitetos, médicos, professores, etc.

Nas relações/articulações entre Itaporã e Dourados, percebemos que parcela significativa de pessoas com nível superior, procura moradia em Itaporã e trabalha em Dourados, reforçando o que foi exposto acima.

Com o advento da globalização, o comércio e os setores de serviços tornam-se mais sofisticados e diversificados. O setor terciário vem sendo aprimorado redefinindo a forma de pensar e consumir da população. Essa realidade reforça as contradições socioespaciais, já que parcela significativa da sociedade não possui condições financeiras para acompanhar essa dinâmica e é privada de consumir determinados tipos de produtos e serviços. Isso contribui

também para reforçar as desigualdades socioespaciais, pois a cidade se reproduz a partir das relações sociais.

Qualquer cidade, por menor que seja, está inserida nesse processo e essa questão é observada na cidade de Itaporã, a partir das relações econômicas, com outros países, “quebrando” as relações hierárquicas na rede urbana regional. Conforme já pontuado, tais relações se concretizam a partir da exportação de carne bovina e peixes, principalmente para países da Europa e do Oriente Médio. “Assim, as cidades constituem, cada vez mais, uma ponte entre o global e o local, em vista das crescentes necessidades de intermediação e da demanda também crescente de relações” (SANTOS, 2008, p. 281).

Nesse sentido, independentemente de Dourados, Itaporã se articula com espaços mais distantes, travando relações com outros contextos através das exportações de produtos oriundos da agropecuária.

Feitas tais considerações sobre o papel da técnica, da ciência e da informação, na redefinição das cidades que constituem nosso objeto de análise, faremos algumas reflexões sobre a produção do espaço urbano de Itaporã, e as relações com Dourados, a cidade fornecedora de equipamentos e serviços urbanos especializados.

CAPÍTULO 03

“uma vez que se reconhecia que as cidades deviam ser compreendidas historicamente como partes integrantes de sociedades mais abrangentes, era possível discutir a importância da vida urbana para os diferentes fenômenos sociais”.

Rita Amaral

3 A REPRODUÇÃO DO ESPAÇO URBANO DE ITAPORÃ: UMA ANÁLISE A PARTIR DAS RELAÇÕES/ARTICULAÇÕES COM DOURADOS

Nesse momento do texto iniciaremos nossa análise refletindo sobre as transformações socioespaciais a partir da década de 1970, período em que o estado de Mato Grosso do Sul vivencia mudanças significativas nas relações de trabalho e produção no campo²⁴ que, conjugadas a outros fatores impuseram redefinição nas cidades.

Ao nos reportarmos ao nosso objeto de análise, percebemos que as relações campo/cidade se estreitam, uma vez que o campo “vê” a cidade como fornecedora de equipamentos e maquinários agrícolas, além de sementes, adubos e principalmente capital, nesse caso, a partir dos créditos bancários.

Em contrapartida, a redefinição da cidade ocorre em função das transformações no campo mecanizado. A cidade, nesse sentido, se estrutura em função da demanda do campo, seja pela oferta de produtos, linhas de créditos, ou como local de moradia para proprietários e empregados rurais, sobretudo, de mão de obra mais qualificada.

Assim, as relações/articulações entre o campo e a cidade em Itaporã se efetivam, principalmente, em função da produção de soja e de milho, da pecuária extensiva de corte, da suinocultura, da psicultura e em menor escala da avicultura. O espaço urbano é redefinido com a instalação de lojas fornecedoras de produtos agrícolas e pecuários, armazéns, etc. Vale ressaltar, que estes estabelecimentos atendem as exigências mais simples, ficando a cargo de Dourados a oferta de produtos e técnicas mais especializados, já que nas cidades menores as inovações são mais lentas em comparação às cidades maiores.

A esse respeito, Endlich acrescenta:

Nas pequenas cidades, de maneira, geral, as inovações ocorrem de maneira mais lenta, sendo esses locais onde predominam permanências por mais tempo, pois não há um acompanhamento completo do novo perfil desenhado para o comércio e serviços nos últimos anos. Nas cidades brasileiras a diferença é mais profunda em consequência das já mencionadas e enormes diferenças na distribuição da renda. Observam-se alguns estabelecimentos de capital local, como pequenos ou médios supermercados, butiques, lojas de presentes e utilidades de R\$ 1,99 misturadas a outras de perfil antigo, com aspecto de armazéns ou vendas (2009, p. 162).

²⁴ Convém mencionar aqui as palavras de Mizusaki: “Entendemos então que o campo no estado de Mato Grosso do Sul, enquanto fração do território capitalista contém várias faces, inter-relacionadas, mas que tem se apresentado apenas sob a face da modernização técnico-econômica, imagem esta reforçada por empresários capitalistas e intelectuais afinados a esse modo de pensar” (2009, p. 72).

Permanecem em Itaporã os centros comerciais, considerados tradicionais (ver Foto 06), desde lojas de roupas, quitandas e comércio destinado à produção agrícola. Podemos citar como exemplo a “Casa São Paulo” e a “Casa São Pedro”, de roupas e tecidos, a “Casa Estrela do Oriente”, de equipamentos agrícolas, como enxadas, machados, etc. e algumas mercearias que ainda utilizam as cadernetas de fiados. Estas atendem principalmente a população do campo e moradores mais antigos da cidade, como é o exemplo da “Mercearia Brilhante” (Foto 07).

FOTO 06



Itaporã-MS (1968) – área comercial
Fonte: Foto Santana

FOTO 07



Itaporã-MS (2011) – área comercial
Fonte: Cláudio C. S. Nogueira

Podemos perceber que mesmo com a proximidade de Dourados e com a diversidade comercial presente nas cidades maiores, ainda permanece nas pequenas cidades, o comércio mais tradicional. Em entrevistas realizadas com proprietários desses estabelecimentos em Itaporã, foi possível reforçar o exposto, conforme podemos verificar no depoimento abaixo²⁵:

Em qualquer cidade, o setor alimentício é consumido. Mesmo que não vendemos grandes compras, estamos sempre vendendo alguma coisa. O único ponto negativo é que Dourados está muito perto, então as pessoas preferem andar um pouco mais e buscar preços ou status só pra dizerem que compram em Dourados (Maria Elena, proprietária de mercearia).

Referindo-se ao Atacadão, ao Shopping center em Dourados e à implantação do Mercado Abevê²⁶ em Itaporã, a entrevistada continua:

A presença deste mercado interfere em nossa economia, pois a venda por atacado chama muito a atenção principalmente de fazendeiros. Outra coisa é o shopping, as pessoas gostam de passear porque nós não temos opções noturna e acabam comprando lá, mas ele não afetou na parte de mercado. O Abevê também não, porque não possui preços baixos. Por semana, alguns itens estão em promoção, mas em geral o preço é alto, mas muitas pessoas o preferem por ser mercado grande, variedade e conforto (Maria Elena, proprietária de mercearia).

Como podemos observar no depoimento, mesmo com a inserção do considerado “novo” (no caso o supermercado Abevê), nas cidades pequenas o comércio tradicional resiste (Foto 08). O estabelecimento de D. Maria Elena está há 24 anos na cidade, possui quatro empregados, atende, além da clientela da zona rural, escolas, a prefeitura e aos demais moradores da cidade.

²⁵ As entrevistas com proprietários de estabelecimentos comerciais foram realizadas em Outubro de 2010.

²⁶ Segundo o relatório da ReCiMe do ano de 2010, “as redes de supermercados que merece destaque, no sul do estado é o Grupo ABEVÊ, uma das maiores do Mato Grosso do Sul. O Grupo ABEVÊ iniciou-se em 1987 na cidade de Caarapó-MS. A rede possui lojas distribuídas em cinco cidades do estado do Mato Grosso do Sul, Dourados, Caarapó, Maracajú, Três Lagoas e Itaporã. A central de compras está localizada na cidade de Dourados, que conta com quatro lojas, sendo que uma delas está localizada no shopping Avenida Center. O primeiro representante da rede ABEVÊ implantado em Dourados, foi no ano de 2002. Nesse mesmo período foram implantados dois representantes, sendo o primeiro localizado na Rua Abino Torraca e o segundo na Rua Hayel Bon Faker. Com a abertura do Shopping Avenida Center em 2005, outra loja foi instalada no local. A última loja instalada na cidade de Dourados foi no ano de 2007. Enquanto Dourados conta com 04 representantes da rede ABEVÊ, outros municípios do sul do estado contam com apenas um representante, como é o caso dos municípios de Caarapó, Três Lagoas, Maracaju e Itaporã. A realidade evidencia a representatividade de Dourados no sul do estado, enquanto uma cidade média” (2010, p.27).

FOTO 08



Itaporã-MS (2011) – área comercial
Fonte: Prefeitura Municipal

O comércio em Itaporã sempre se concentrou na área central, mais precisamente na Rua Pedro Celestino Correia da Costa, considerada a rua de maior movimento, onde se localiza a agência do Banco do Brasil, farmácias, consultório odontológico, a rodoviária, e permite acesso à praça e à igreja. Com o passar do tempo, houve mudança na estrutura física, acompanhando a própria reconfiguração urbana, porém permanecem os mesmos tipos de lojas, mercearias, bares, etc., comprovando a permanência do tradicional atrelado ao moderno. A estrutura física mudou, mas persistem, no comércio local, relações tradicionais, como por exemplo, as cadernetas.

As compras para revendas são realizadas em Dourados, principalmente no Mercado Atacadão e mesmo com a implantação de um supermercado de maior porte na cidade, estes comércios permanecem, principalmente por atender clientes considerados antigos e que utilizam a caderneta como forma de pagamento.

O depoimento abaixo contribui para reforçar o descrito anteriormente.

A maioria dos clientes que atendo é da classe média baixa. No meu caso a época de maior movimento é perto do Natal. Para revender, eu compro mais dos viajantes e no Atacadão. A implantação do Abevê não interferiu em nada, continuo vendendo e comprando na mesma quantidade. Com relação ao Shopping em Dourados é a mesma coisa, porque o tipo de comércio é bem diferente daquele que temos aqui em Itaporã (Luciana Crespo – proprietária de mercearia).

A partir da análise dos depoimentos, percebemos que parcela dos proprietários de comércio de Itaporã recorre a Dourados para abastecer seus estabelecimentos e, conforme pontuamos, a implantação de novos estabelecimentos em Itaporã e a existência de fornecedores como o Atacadão em Dourados não interferiram na movimentação daqueles considerados mais tradicionais.

Os clientes vão até o Abevê, por causa das ofertas, e um ponto positivo que temos aqui em Itaporã é que conhecemos todo mundo. Isso ajuda, agora como ponto negativo “temos o fiado”, as vezes é difícil para receber do pessoal, mas acabam pagando, porque aqui todo mundo se conhece. As pessoas até vão em Dourados para comprar e aproveitam para passear, porque aqui não temos lazer, mas isso também não muda nada no movimento do nosso comércio (Josimar – proprietário de Mercearia).

O Atacadão não interfere no movimento do meu estabelecimento, apenas ajuda muito, porque o que os viajantes não têm ou quando os produtos são mais caros, no Atacadão eu encontro e bem mais barato pra eu comprar. Apesar de possuir alguns pontos negativos, como poucos trabalhos, em cidades pequenas, não penso em mudar meu estabelecimento para uma cidade maior, porque aqui todos conseguimos por seus meios vender o essencial. Outra coisa, uma cidade maior por incrível que pareça, a segurança é mais precária, não por falta de policiais, mas nas cidades pequenas todos se conhecem e não têm muitos malandros, roubos e crimes (Luciana Crespo – proprietária de mercearia).

Já nos estabelecimentos de maior porte, a situação difere. Percebemos que, a partir da implantação do Abevê, ocorreu inclusive fechamento de outros estabelecimentos, como é o exemplo do mercado WM, que até então era o mais procurado pela população em função da diversidade e melhores preços. Este se manteve na cidade apenas por três anos.

As reflexões de Endlich, ao se referir às relações entre as cidades pequenas e as de maior porte, apontam para a seguinte compreensão:

O debate mais comum, com efeitos universais nos papéis das pequenas cidades, é quanto à difusão do automóvel que coloca os habitantes dessas cidades mais facilmente em contato com centros regionais, com equipamentos comerciais e de serviços mais diversificados e sofisticados (2009, p. 164).

Nesse sentido, destaca-se a questão da infraestrutura, nas relações entre cidades de tamanhos e funções diferenciados. Com referências às relações/articulações entre Itaporã e Dourados, pontuamos investimentos relacionados à duplicação da rodovia. A obra contribuiu para a facilidade no acesso, tanto no uso dos automóveis particulares, quanto também dos transportes coletivos e ônibus de estudantes. A realidade contribui para intensificar a perda de papéis das pequenas cidades, principalmente relacionados à questão do lazer.

Nas palavras de Endlich:

Um dos efeitos do uso do automóvel foi a perda, ao menos relativa, da centralidade das pequenas cidades, pois facilitou o acesso ao comércio nas cidades maiores, dotadas das grandes superfícies dos super e hipermercados, nem sempre presentes em localidades menores (2009, p. 164).

Conforme citado, as cidades pequenas se redefinem em função das necessidades da população local, tanto da urbana, quanto da rural, e isso é relevante no processo de redefinição do espaço urbano de Itaporã, em que economicamente a cidade se apoia na produção rural e torna-se um “elo” entre o campo mecanizado e a cidade de Dourados, principalmente na oferta de produtos especializados e da procura por crédito bancário.

A cidade de Itaporã, conta com três agências bancárias (Banco do Brasil, Bradesco e Sicred), conforme já pontuamos, enquanto Dourados possui 16 agências bancárias, 44 postos de atendimento e outras instituições. Esses números o consolidam como o principal pólo de serviços financeiros na sua microrregião²⁷.

A produção agrícola insere-se cada vez mais na lógica industrial de produção. Para manter os níveis de rendimento desejados, essa atividade precisa elevar constantemente sua produtividade e, para tanto, adotar novas tecnologias de produção e organização. Nesse sentido, é imprescindível o uso da ciência, enquanto saber instrumentalizado, visando o atendimento das exigências do mercado (RAMOS, 2008).

Nesse contexto, Dourados e demais municípios do sul do estado apresentaram um processo de modernização da agricultura, com transformações na base técnica da produção após a incorporação de novos equipamentos. Essas mudanças ocorrem a partir das necessidades de abastecimento do mercado externo, visando o atendimento aos interesses agroindustriais.

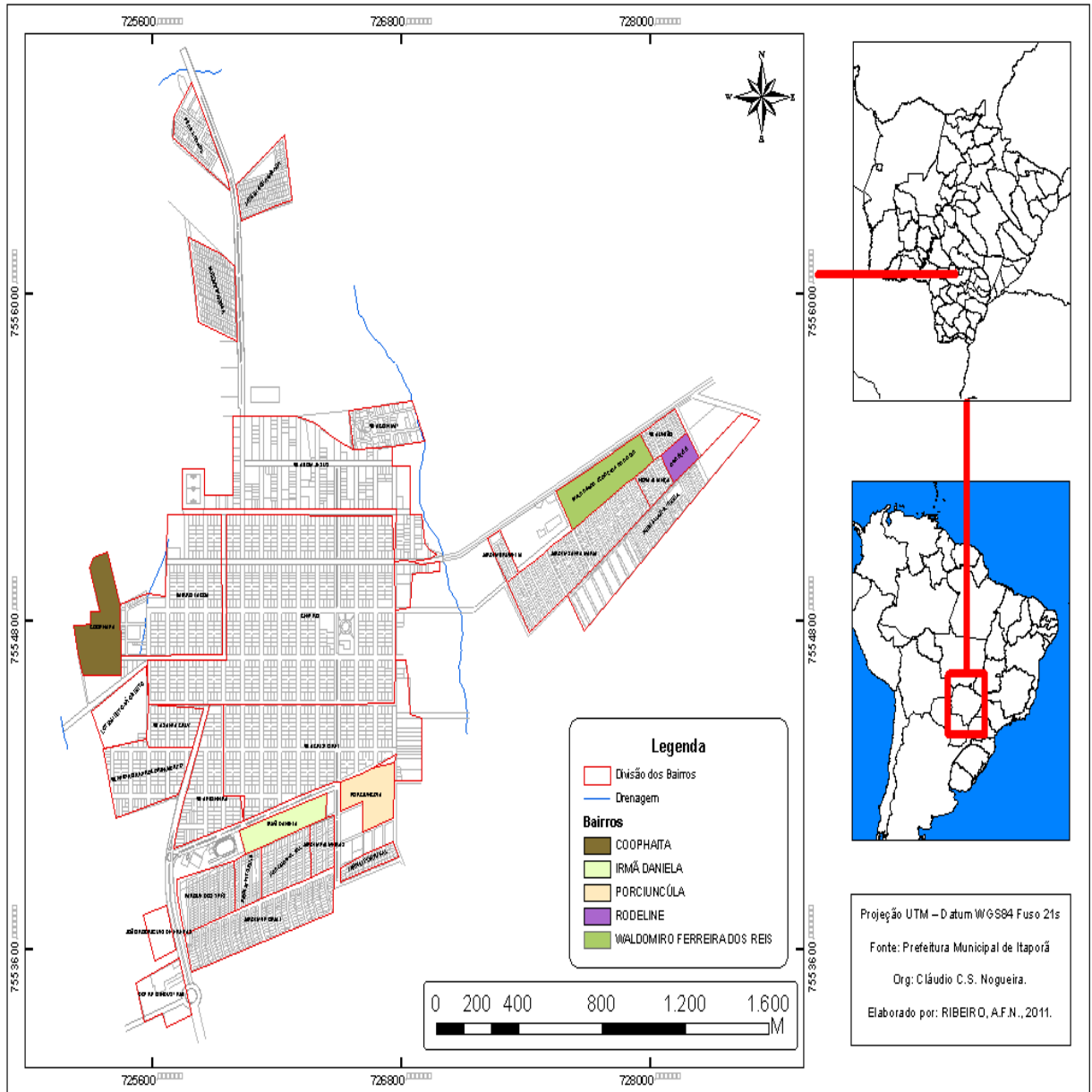
Assim, a cidade de Dourados se redefina, visando atender as necessidades do campo e tornando outras cidades do sul do estado, dentre elas Itaporã, dependentes de determinados tipos de serviços mais especializados, intensificando suas relações com as cidades de menor porte (CALIXTO et al, 2010).

Com as novas formas de organização a partir da década de 1970, as cidades vivenciam redefinições socioespaciais. É possível, a partir de então, perceber um expressivo número de pessoas vivendo nas periferias, privadas de serviços e equipamentos que a cidade oferece, dentre eles os públicos.

²⁷ Fonte: relatório ReCiMe – Dourados (2010).

É dessa maneira que se desencadeia a reprodução do espaço urbano de Itaporã (ver Figura 03). Com a vinda da população da zona rural, em busca de novas oportunidades na cidade, principalmente após a década de 1970, devido à introdução de novas relações de produção e de trabalho adotados no campo, inicia-se o processo de expansão territorial urbana, resultando na falta de moradia e no aumento do preço da terra urbana.

FIGURA 03
ITAPORÃ-MS (2011)
Expansão territorial urbana entre as décadas de 1970-1990



Assim, da mesma forma apontada por Calixto (2000), com relação à realidade de Dourados, o espaço urbano de Itaporã é apropriado de forma diferenciada, fazendo com que a população de baixo poder aquisitivo passasse a ocupar áreas periféricas, intensificando as contradições sociais e, nesse caso, a problemática da moradia se torna presente, principalmente para aqueles que não dispõem de recursos para comprar ou alugar uma casa.

A cidade de Itaporã passa a ser local de atração, para aqueles que se tornavam desempregados no campo e buscavam um local para morar. Por sua vez, os proprietários rurais passam a adquirir casas de padrão mais elevado na área central, contribuindo para a diferenciação socioespacial²⁸ (ver Foto 09).

FOTO 09



Itaporã-MS - contraste socioespacial urbano
Foto: Karina Nátaly da C. Carvalho (2011)

Em contrapartida, apesar das contradições no espaço urbano serem visíveis também em cidades pequenas, a proximidade em relação a Dourados contribui para a procura por moradias em Itaporã, tanto por parte da demanda de poder aquisitivo mais elevado, quanto por aqueles que trabalham no município de Dourados e optam por residir em Itaporã, devido à maior facilidade no deslocamento, a “tranquilidade” existente em cidades pequenas e o preço do aluguel, mais acessível. O depoimento a seguir reforça essa premissa:

Trabalho em Dourados devido à falta de empregos em Itaporã. Em Dourados as pessoas possuem maiores oportunidades. Mas prefiro morar em Itaporã,

²⁸ Percebemos a realidade a partir de trabalho de campo e entrevistas com moradores da cidade.

pois há facilidade no acesso, mas também depende do local em que for trabalhar. Tenho colegas que moram em Dourados e possuem mais dificuldades na locomoção. Tenho uma amiga que mora na Vila Cachoeirinha e trabalha na mesma escola em que trabalho. Ela precisa sair bem mais cedo de casa. Dourados está oferecendo muito trabalho, ao contrário de Itaporã. Mas morar em Dourados é muito difícil, é melhor morar em Itaporã, que é uma cidade sossegada. Muitas pessoas que moram em Itaporã trabalham em Dourados. Das mais de 70 pessoas que vão à Dourados no mesmo ônibus em que vou, mais de 60 vão para trabalhar, em diversos setores, principalmente no comércio. O ônibus é super-lotado. Necessita de mais transportes coletivos (Ana Alzira Spessoto Rodeline – Professora).

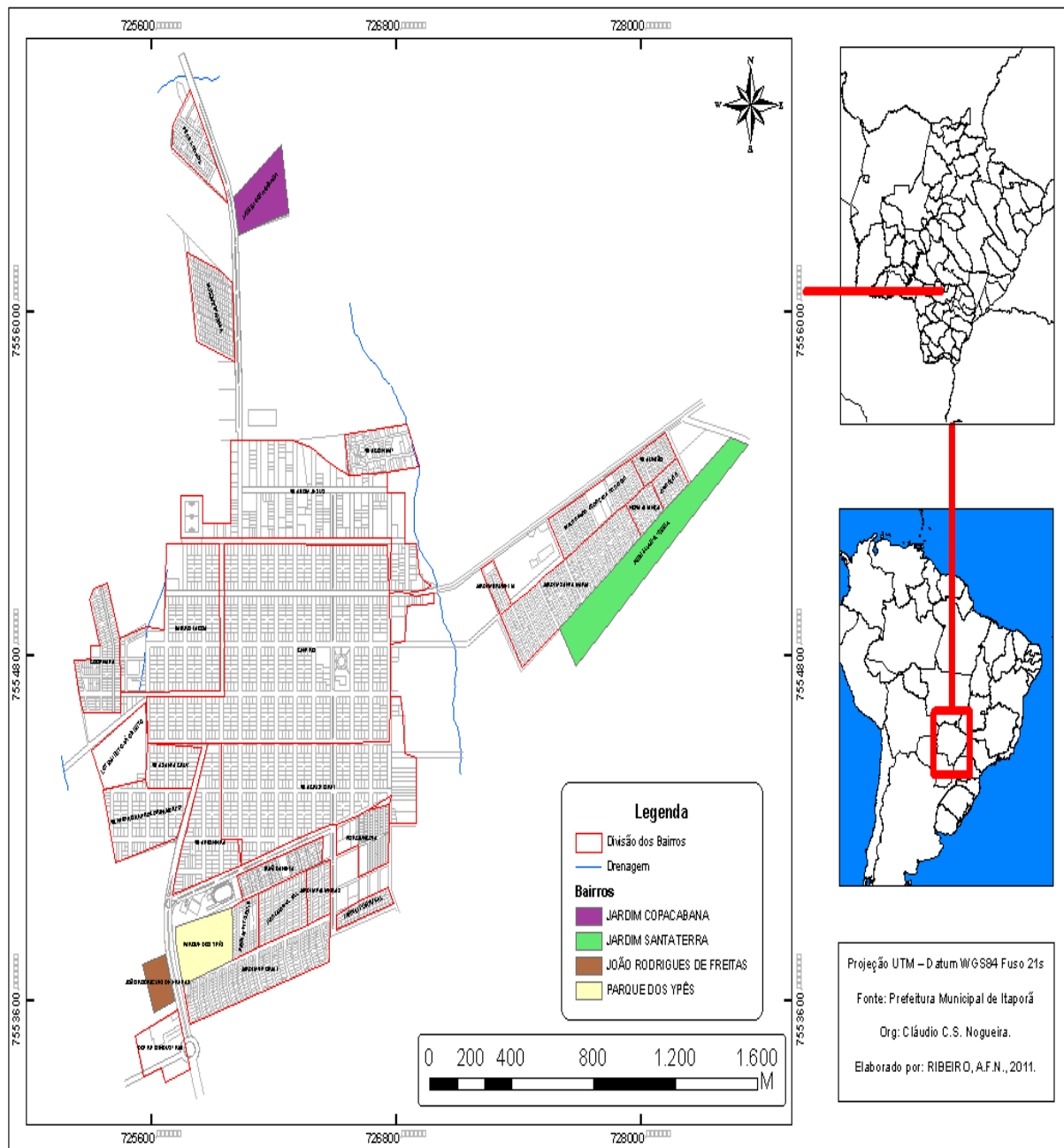
No decorrer da década de 1970, foram implantados os primeiros loteamentos na cidade. O processo de expansão territorial urbana que ocorreu naquele período teve como mola propulsora a vinda de pessoas da área rural, acarretando uma demanda maior por moradia. Assim, o espaço urbano vai sendo reproduzido de forma diferenciada e, a cada momento, ganha novas formas, retratando as diferenças de poder aquisitivo e de possibilidades de acesso dos diferentes segmentos sociais.

Nesse sentido, Calixto afirma:

A reprodução diferenciada do espaço urbano é garantida mediante privilégios e expropriação. Essa reprodução diferenciada é denunciada pela existência, por exemplo, de conjuntos habitacionais em condições inadequadas, por ocupações deterioradas e até consideradas ilegais, consubstanciando-se e, ao mesmo tempo, contrapondo-se a formas de acesso à cidade cada vez mais elitizadas, posto que são mediadas pela posse de uma renda monetária (2004, p. 79).

Devido à procura por moradias, dentre outros fatores, a partir da década de 1990, além da interferência do poder público, com relação à implantação de novos conjuntos habitacionais (Jardim Copacabana, Jardim Santa Terra, Conjunto Habitacional João Rodrigues de Freitas e Jardim Parque dos Ypes), percebe-se a atuação da iniciativa privada na questão imobiliária em Itaporã (ver Figura 04), tornando considerável o número de loteamentos privados, cujos lotes as pessoas vão comprando e neles construindo, geralmente em sistema de autoconstrução.

FIGURA 04
ITAPORÃ-MS (2011)
Expansão territorial urbana a partir do ano 2000



Nesse sentido, podemos apontar como exemplo, o Jardim Santa Maria (494 lotes), Jardim Vitória I e II (399 lotes), Parque Ipanema (500 lotes), Jardim Nova Era (100 lotes) e mais recentemente o Loteamento São Bento (82 lotes), conforme observa-se na figura 05.

A partir do ano 2000, foram construídas, por iniciativa do poder público, aproximadamente 700 moradias (incluindo as dos distritos) distribuídas em quatro conjuntos habitacionais. É um número considerável, se comparado às unidades construídas entre as décadas de 1970 e 1990. Nesse período de três décadas o total de unidades construídas foi de 592, conforme podemos observar no quadro abaixo.

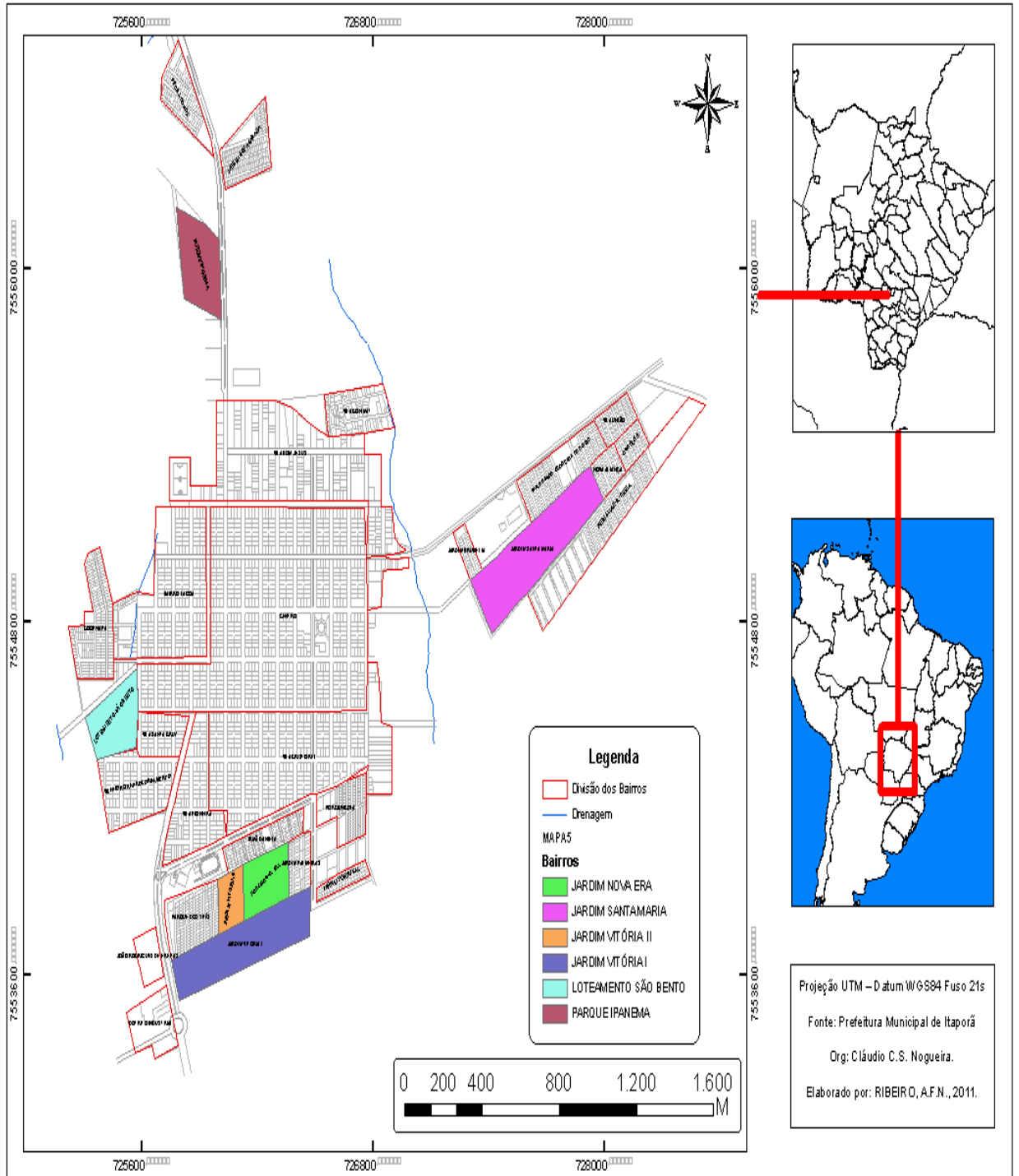
QUADRO 06
ITAPORÃ-MS (2011)
Conjuntos Habitacionais Implantados entre as décadas de 1970 e 1990

Nome do conjunto	Ano de implantação	Órgão financiador	Número de unidades residenciais
Coophaita	1979	BNH/COHAB	179 unidades
Waldomiro Ferreira dos Reis	1982	COHAB	169 unidades
Comunidade Porciúncula	1990	Comunidade Saugal/Prefeitura Municipal	80 unidades
Irmã Daniela	1993	CEF com recursos oriundos do FGTS	114 unidades
Antônio Rodeline	1995	Parceria entre governo do estado/Prefeitura municipal	50 unidades
TOTAL			592 unidades

Fonte: Secretaria Municipal de Habitação
Org.: Cláudio C. S. Nogueira

Por outro lado, constata-se que nos últimos anos além de ter ocorrido uma expansão urbana para as “áreas periféricas”, é possível notar a presença de residências de padrão mais elevado construídas na área central, além de pequenos apartamentos (kitinetes) destinados ao aluguel (ver Foto-10), ocorrendo uma ocupação de lotes até então não edificadas, marcando um processo de redefinição da área central.

FIGURA 05
ITAPORÃ-MS (2011)
Expansão territorial urbana – Loteamentos privados



Vale ressaltar que a redefinição da área central, com a construção de kitinetes, destinadas ao aluguel, marca uma nova forma de produção imobiliária. A realidade demonstra a nova forma de vida dos indivíduos, que optam por morar sozinhos, ou têm necessidade disso. Alguns moradores dessas kitinetes trabalham ou são estudantes universitários em Dourados e moram em Itaporã devido à proximidade e acessibilidade em relação à cidade vizinha. Isso reforça o papel de Itaporã enquanto uma cidade dormitório.

FOTO 10



Itaporã-MS (2011) - Kinetete e residência de padrão elevado (Área Central)

Foto: Cláudio C. S. Nogueira

Além da ocupação desses lotes, é possível verificar também um número considerável de residências sendo reformadas ou ampliadas. Nesse caso, não apenas na área central, mas também nos conjuntos habitacionais implantados por iniciativa do poder público que, na maioria das vezes, são entregues sem a mínima infraestrutura. As palavras de Corrêa nos ajudam a entender essa realidade:

O espaço urbano capitalista – fragmentado, articulado, reflexo, condicionante social, cheio de símbolos e campo de lutas – é um produto social, resultado de ações acumuladas através do tempo, e engendradas por agentes que produzem e consomem o espaço. (...) a cada transformação do espaço urbano, este se mantém simultaneamente fragmentado e articulado, reflexo e condicionante social, ainda que as formas espaciais e suas funções tenham mudado. A desigualdade sócio-espacial também não desaparece: o equilíbrio social e da organização espacial não passa de um discurso tecnocrático, impregnado de ideologias (1989, p.11-12).

A produção, apropriação e uso do espaço urbano de Itaporã, assim como de outras cidades brasileiras, ocorre de forma contraditória e desigual, pois é considerável o número de pessoas vivendo em áreas desprovidas de infraestrutura, equipamentos e serviços básicos. Nesse sentido, podemos apontar como exemplo a Vila União, o Jardim Santa Terra, a Vila Antonio Rodeline (Figura 06), locais em que é visível a problemática considerada.

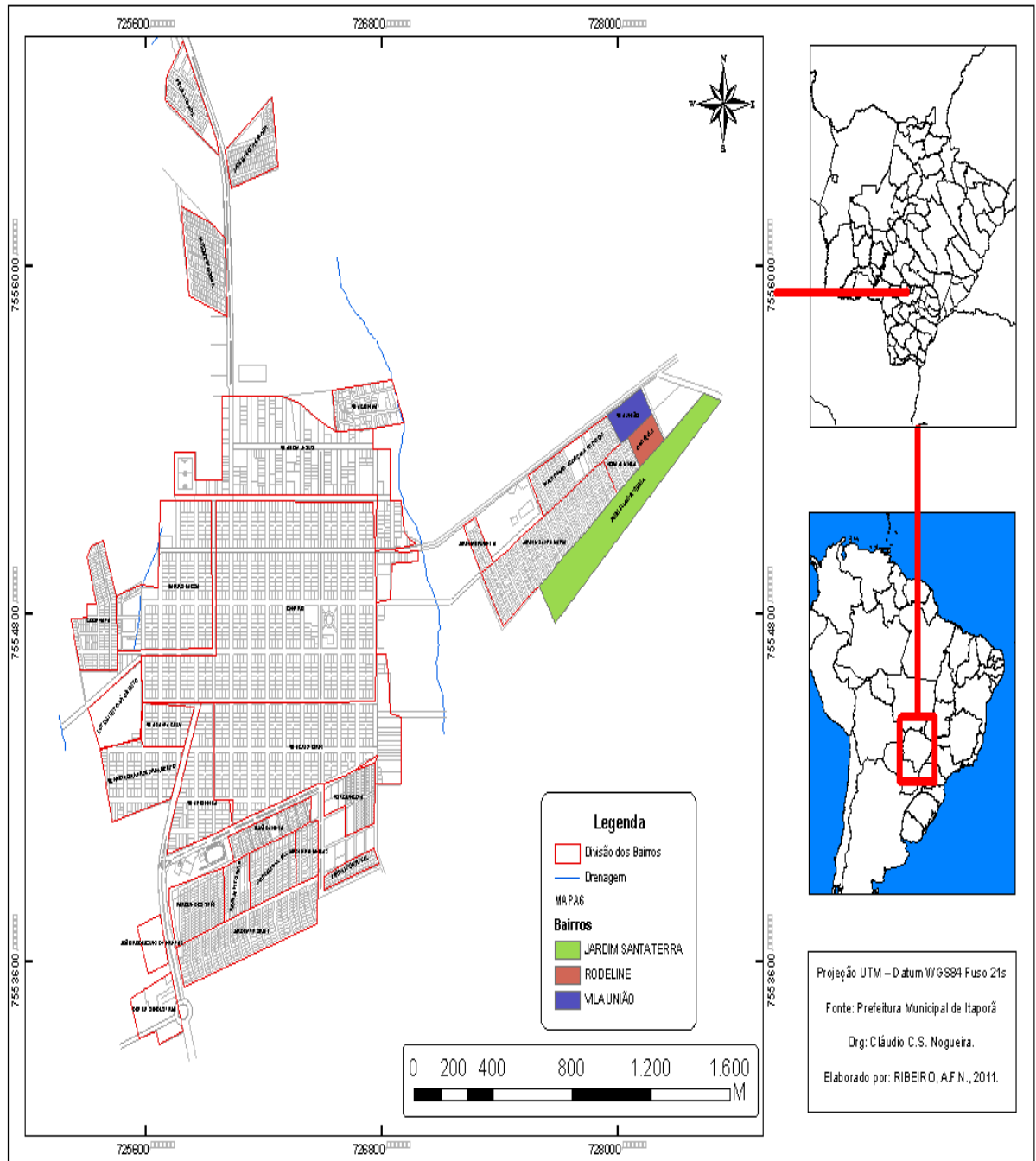
Nas palavras de Santos:

Ao longo do século, mas, sobretudo, nos períodos mais recentes, o processo brasileiro de urbanização revela uma crescente associação com o da pobreza, cujo locus passa a ser, cada vez mais, a cidade (...). O campo brasileiro moderno repele os pobres, e os trabalhadores da agricultura capitalizada vivem cada vez mais nos espaços urbanos. A indústria se desenvolve com a criação de pequeno número de empregos, e o terciário associa formas modernas a formas primitivas que remuneram mal e não garantem a ocupação (2005, p. 11).

A ideia de Santos é fundamental para tentarmos entender a realidade do município de Itaporã. A economia do município depende da agropecuária e do comércio²⁹, conforme podemos observar no Quadro 07. O número de pessoas vivendo no campo, no entanto, é cada vez menor, pois como ocorreu em outros municípios do sul do estado de Mato Grosso do Sul, o avanço tecnológico e a mecanização do campo diminuem os postos de trabalho, “expulsando” os trabalhadores rurais para as cidades.

²⁹ Segundo dados fornecidos pela Prefeitura Municipal, o município arrecada anualmente cerca de R\$ 450.000, dos estabelecimentos comerciais.

FIGURA 06
ITAPORÃ-MS (2011)
Bairros desprovidos de equipamentos e serviços urbanos básicos



QUADRO 07
ITAPORÃ-MS (2007)
Produto Interno Bruto (PIB)

SETORES DA ECONOMIA	VALOR ANUAL EM REAIS
Valor adicionado bruto da agropecuária	450.278 mil reais
Valor adicionado bruto da indústria	25.657 mil reais
Valor adicionado bruto dos serviços	13.361 mil reais
Impostos sobre produtos líquidos de subsídios	27.996 mil reais
PIB a preços correntes	212.292 mil reais
PIB per capita	11.411 reais

Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Contas Nacionais
 Org.: Cláudio C. S. Nogueira

Os dados do Quadro nos permitem apontar que a economia da cidade de Itaporã se sustenta principalmente da produção agrícola e da pecuária, que juntas perfazem um total superior a R\$ 450.000. Em seguida destaca-se o valor oriundo da indústria, com R\$ 25. 657 e dos setores de serviços, com R\$13.361. Ao nos referirmos à questão da indústria no município, destacamos a empresa de pescados Mar e Terra, onde mensalmente são comercializadas 180 toneladas de peixes. Desta quantia, 60 toneladas, são destinadas ao mercado externo.

O referido frigorífico foi criado em 2003, com sede em Itaporã. Conta, atualmente, com 140 funcionários, destes apenas dois não são da cidade, e trabalham na gerência da empresa. Os mesmos residem em Dourados e se deslocam diariamente para Itaporã. A realidade reforça a premissa de que a cidade de Dourados tornou-se lócus de mão de obra mais especializada, acirrando as condições de interdependência na rede urbana.

Destaca-se na criação e processamento de espécies de peixes nativos, como o Pacu, o Pintado, o Pirarucu e o Tambaqui, originalmente dos rios do Pantanal e da Amazônia. Objetiva a comercialização de pescados com padrão elevado de qualidade, atendendo as exigências externas³⁰.

Outro fator relevante na questão da interdependência entre Itaporã/Dourados refere-se ao papel das empresas destinadas a atender as necessidades oriundas da produção agrícola. Destaca-se na cidade de Itaporã a empresa “Agro Jangada” (Foto 11), que comercializa toda linha de insumos e defensivos agrícolas, além de sementes selecionadas, dentre outros.

³⁰ Fonte: <http://www.mareterra.com.br/empresa.asp> e trabalho de campo.

FOTO 11



Itaporã-MS (2011) – Empresa Agro Jangada
Fonte: www.agron.com.br/v/186-agro-jangada-ltda

Ressaltamos também, o papel da empresa na questão da secagem e armazenamento de cereais. A sede da empresa se localiza na cidade de Itaporã e a mesma possui filial no distrito de Carumbé e na cidade de Dourados³¹ (Foto 12), onde se localiza a gerência da mesma, estreitando as articulações entre as duas cidades.

³¹ Segundo matéria publicada no site da empresa: “O Grupo Jangada, presente no mercado do agronegócio há mais de 32 anos, conquista um novo marco na sua história: a nova unidade da Agro Jangada em Dourados. Agora a região de Dourados pode contar com produtos e serviços da mais alta qualidade. A Agro Jangada conquistou credibilidade através de um trabalho de excelência que visa sempre a satisfação de seus clientes na oferta de soluções e resultados para o produtor rural (www.agron.com.br/v/12858-agro-jangada-ltda-filial-dourados).

FOTO 12



Dourados-MS (2011) – Empresa Agro Jangada
Fonte: www.agron.com.br/v/186-agro-jangada-ltda

Conforme já mencionado, significativas transformações foram verificadas nas últimas décadas, provocando mudanças nas formas de produção e conseqüentemente nas relações de trabalho no campo desencadeando reflexos significativos nas cidades. Vale reforçar que, conforme já pontuado, mesmo com as transformações na base técnica da produção no campo, persiste na cidade o trabalho familiar, ligado ao antigo sistema rural, visando à subsistência e comercialização do excedente. Essa forma de produção ocorre em terrenos na malha urbana de Itaporã, ou nas chácaras limítrofes da área urbana, reforçando a característica de cidade pequena, que possui relações estreitas com o campo.

Corrêa, ao se reportar à relação campo/cidade afirma:

Através do absenteísmo dos grandes proprietários rurais, residentes na cidade, parcela ponderável do valor excedente produzido no campo é transferida para a cidade; bairros luxuosos, lojas grã-finas, restaurantes e clubes de muitas cidades têm sua razão de ser em grande parte devido à drenagem de renda fundiária. O campo não é assim capitalizado, mas, sim, a cidade. É de pensar que em área de forte absenteísmo rural, a importância de cada cidade da rede urbana, em termos de captura da renda fundiária, seja proporcional ao seu papel como localidade central: maior o montante de renda fundiária capturada, maior o nível hierárquico da cidade, isto se devendo à importância da demanda da elite rural residente na cidade, gerando a oferta de bens e serviços que acabam se transformando em funções centrais (2006, p. 32).

As reflexões de Corrêa são importantes para atentarmos à realidade de Itaporã, pois se tornam mais significativas as contradições socioespaciais, em que a área central é dotada de infraestrutura e serviços urbanos básicos, enquanto que as áreas periféricas enfrentam problemas relacionados à ausência de determinados serviços.

É perceptível o contraste com residências de padrão elevado na área central e outras com condições de habitabilidade precárias, geralmente nas áreas periféricas, revelando as contradições socioespaciais, “expulsando” a população de baixa renda para as áreas periféricas desprovidas de infraestrutura e serviços urbanos básicos. Nesse sentido, Carlos aponta:

A cidade representa trabalho materializado; ao mesmo tempo em que representa uma determinada forma do processo de produção e reprodução de um sistema específico, portanto, a cidade é também uma forma de apropriação do espaço urbano produzido. Enquanto materialização do trabalho social, é instrumento da criação de mais-valia, é condição e meio para que se instituem relações sociais diversas. Nessa condição apresenta um modo determinado de apropriação que se expressa através do uso do solo (2001, p. 27).

A configuração urbana em Itaporã, que passou a ser redefinida, sobretudo a partir da década de 1970 com a mecanização da agricultura, também foi modificada com a ampliação das áreas periféricas. Sendo assim, foram implantados na cidade novos loteamentos por meio da iniciativa pública ou privada.

Segundo Santos:

A cidade torna-se o *locus* da regulação do que se faz no campo. É ela que assegura a nova cooperação imposta pela nova divisão do trabalho agrícola, por que obrigada a afeiçoar-se às exigências do campo, respondendo às suas demandas cada vez mais prementes e dando-lhe respostas cada vez mais imediatas. Como o campo se torna extremamente diferenciado pela multiplicidade de objetos geográficos que o formam, pelo fato de que esses objetos geográficos têm um conteúdo informacional cada vez mais distinto (o que se impõe, porque o trabalho do campo é cada vez mais carregado de ciência), tudo isso faz com que a cidade local deixe de ser a cidade no campo e transforme-se na cidade do campo (2005, p. 56).

Conforme já pontuado, a produção do espaço urbano de Itaporã ocorre a partir das novas relações trabalho e produção adotadas no campo. E, nesse sentido, acentuam-se as relações/articulações travadas com Dourados que exerce papel de centro polarizador no sul do estado de Mato Grosso do Sul, local em que as cidades pequenas, dentre elas Itaporã, passam a buscar, cada vez mais, atividades mais especializadas de comércio e serviços.

Vale ressaltar, que dentre os serviços especializados, destacam-se aqueles relacionados à saúde e à educação, pois Dourados possui grande número de cursos, concentrados em cinco instituições de ensino superior³², sendo duas públicas e três privadas. Em relação aos serviços de saúde, destacam as clínicas especializadas, consultórios odontológicos, além de hospitais públicos e privados com equipamentos considerados sofisticados.

Em contrapartida, no que se refere aos serviços de saúde, Itaporã conta com apenas um hospital e postos de saúde (muitas vezes em condições precárias) para os atendimentos considerados mais simples. Os casos mais graves são diretamente encaminhados a Dourados (que concentra uma série de clínicas particulares especializadas, além de hospitais públicos ou com convênios, conforme já pontuamos), acentuando o seu papel de pólo-regional.

Segundo Sposito:

Do ponto de vista do consumo, a diminuição dos custos e melhoria desses sistemas propiciam maiores oportunidades de mobilidade territorial, fortalecendo os papéis das cidades médias no cumprimento de funções e no oferecimento de bens e serviços para os moradores de cidades pequenas e de áreas rurais de municípios de diversos tamanhos. (...) Trata-se também da diversificação de bens e serviços colocados ao dispor dos consumidores, chegando, no caso de alguns ramos de atividades, a atingir um grau de sofisticação que pode se equiparar ao das metrópoles (2007, p. 44).

Segundo dados fornecidos pela Secretaria de Saúde de Itaporã, em média 185 encaminhamentos são realizados mensalmente a Dourados. Em alguns casos, esses pacientes se deslocam até Dourados em ambulâncias da prefeitura municipal, que geralmente realiza o percurso duas vezes ao dia (às 6 e às 8 horas). Alguns pacientes se deslocam a Dourados por conta própria, haja vista, que a prefeitura não consegue atender à demanda, ou seja, o número de pessoas é provavelmente maior.

É considerável o número de pessoas que se deslocam diariamente a Dourados, a procura das mais diversas atividades e serviços. Outro fator relevante se refere à oferta de trabalho. Em razão da proximidade e da facilidade no deslocamento, várias pessoas optam por morar em Itaporã e trabalhar em Dourados³³.

³² Universidade Federal da grande Dourados (UFGD), Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), Centro Universitário da Grande Dourados (UNIGRAN), Faculdades Anhanguera e Faculdade Teológica Batista Ana Wollerman.

³³ As vantagens podem ser observadas ao fazermos uma comparação em relação à distância de alguns bairros de Dourados até a área central e a distância entre as duas cidades.

Diariamente vários ônibus de empresas privadas transportam trabalhadores de Itaporã para Dourados, para servirem de mão de obra em empresas como a Perdigão (de aves), a Seara (de suínos) e as usinas sucroalcooleiras Monte Verde, São Fernando e também para Louis Dreyfus (Localizada no município de Rio Brillhante). De acordo com o levantamento realizado com usuários dos transportes, cerca de 250 pessoas se dirigem diariamente a Dourados para trabalharem nessas empresas. As reflexões de Sposito são importantes para entendermos a situação.

As cidades médias são extremamente interessantes para capturar os consumidores de outras cidades e/ou espaços rurais para a esfera econômica delas. Quando esse consumo depender de deslocamento dos consumidores, o baixo custo do transporte coletivo ou individual terá um peso significativo nas escolhas locais. (...) Segundo uma forma de circulação ou a outra, a situação geográfica favorável ao consumo (nesse caso definido nas escalas externas à cidade – regionais, nacionais ou globais) dependerá das infra-estruturas que articulam cada cidade média a diferentes sistemas de circulação – ligados aos transportes de consumidores ou a redes de comunicação que possibilitam o consumo à distância (2007, p. 45).

A relação entre a cidade de Itaporã e Dourados torna-se mais intensa, dentre outros fatores, devido à facilidade de deslocamento, tanto pelo preço do transporte coletivo (R\$ 2,30), quanto pelas atuais condições da rodovia MS-156, que liga os dois municípios. Nesse caso, é visível também a participação do poder público em obras de infraestrutura, principalmente as ligadas à duplicação da rodovia (ver Foto-13).

Vale ressaltar que Itaporã é a única cidade do entorno de Dourados, cujo valor da tarifa inter-municipal é a mesma da área urbana. A realidade reforça a situação de interdependência, pois além de ser o mesmo valor, o tempo gasto no deslocamento entre Itaporã/Dourados é menor, que no deslocamento entre os bairros periféricos e a área central de Dourados.

FOTO 13



Itaporã-MS (2011) - Rodovia MS-156 Dourados/Itaporã
Fonte: www.itapora hoje.com.br

Vale ressaltar que a ação da esfera pública é consequência das exigências a partir do aumento do tráfego, tanto de caminhões transportadores de grãos, quanto de transportes coletivos, principalmente de universitários vindos de Itaporã ou Maracaju, ou carros de passeio, haja vista que a rodovia também permite o acesso aos municípios de Maracaju, Sidrolândia e Campo Grande.

Ao pensarmos a respeito da redefinição do espaço urbano em Itaporã, principalmente pelo viés da habitação, percebemos que mesmo estando inserida nos programas do governo municipal, estadual ou federal, ainda se coloca como um desafio a ser enfrentado, pois segundo informações da Prefeitura Municipal, existe em Itaporã um “déficit Habitacional” superior a 1000 moradias.

O último censo demonstra um crescimento da população em Itaporã, como podemos verificar no quadro abaixo, e, essa realidade também acarreta mudanças no espaço urbano, atrelada à procura por empregos, serviços e principalmente moradia.

QUADRO 08
EVOLUÇÃO DA POPULAÇÃO (2000-2010)

Ano	Brasil	Região Centro-Oeste	Mato Grosso do Sul	Dourados	Itaporã
2000	169.799.170	11.636.728	2.078.001	164.949	17.045
2010	185.712.713	13.677.475	2.404.256	196.035	20.865

Fonte: IBGE (CENSO DEMOGRÁFICO)

Org.: Cláudio C. S. Nogueira

A situação desponta para um “déficit habitacional”, conforme salientado, o que não significa a ausência de moradias para serem compradas ou alugadas, mas em linhas gerais, a renda de parte da população, não permite o acesso a uma moradia. Assim, as áreas da cidade vão sendo produzidas e apropriadas de maneira contraditória, intensificando as desigualdades socioespaciais.

Segundo o censo de 2000, o município possuía 17.045 habitantes. O último censo confirma uma população de 20.865. Em contrapartida, a cidade de Dourados que possuía uma população de 164.949 habitantes em 2000, passou para 196.035 habitantes, de acordo com o último censo. Levando em consideração o contingente populacional das duas cidades, Itaporã obteve um crescimento demográfico de 22,49%. Esse percentual é considerável, em relação ao crescimento populacional de Dourados (18,87%).

Percebe-se que a procura por moradias em Itaporã está relacionada à distância em relação a Dourados (17 Km.). Dessa forma, muitos optam por morar em Itaporã, devido ao menor custo de vida em cidades menores, relacionado, principalmente, ao valor dos imóveis ou aluguéis, maior segurança e tranquilidade³⁴. Assim, o espaço urbano de Itaporã se redefine a partir das relações/articulações com Dourados (tanto pela proximidade, quanto pela oferta de serviços especializados).

Outra maneira de se entender a interdependência entre Itaporã e Dourados, é a partir da presença das imobiliárias douradenses na comercialização de moradias³⁵. Observações *in locu*, nos permitem afirmar que é considerável o papel desempenhado por tais imobiliárias em Itaporã, principalmente relacionado aos aluguéis de kitinetes, pois são visíveis as placas informativas em frente desses imóveis.

A cidade de Itaporã não conta com nenhuma imobiliária, assim, os proprietários dos imóveis destinados ao aluguel, ou para venda, utilizam tais serviços em Dourados, intensificando a condição de interdependência.

³⁴ Fonte: Matéria veiculada no jornal virtual www.douradosagora.com.br em novembro de 2010.

³⁵ É predominante a presença da imobiliária América, da Continental, da Terra e da Central.

A realidade é consequência, dentre outros fatores, da considerável quantidade de edificações destinadas ao aluguel. Percebe-se, principalmente na área central, a construção de kitnetes, para esta finalidade. Outro fator relevante se refere à interferência do poder público na implantação de novos conjuntos habitacionais.

As palavras de Endlich são relevantes para a compreensão da realidade exposta:

Acerca das funções não centrais, as pequenas cidades destacam-se como substanciais espaços de moradia. Nas últimas décadas, acompanhando o ritmo da urbanização brasileira, o citado processo de inversão do local de residência fez dessas cidades, embora com subtração de centralidade, localidades maiores em extensão territorial, relevantes espaços de moradia (2009, p. 186).

Assim, percebe-se que Itaporã apresenta uma rápida expansão territorial urbana, principalmente atrelada à construção de moradias. Outro fator de destaque na redefinição do espaço urbano de Itaporã se refere às novas formas de organização econômica presente com o advento da técnica e da ciência, caracterizada como meio *técnico-científico-informacional*.

Localizada numa região em que a agricultura predomina como principal fonte econômica, a cidade de Itaporã se desenvolve calcada nas necessidades estabelecidas pela produção agrícola e assim desenvolve relações com a cidade de Dourados com a procura de serviços e/ou técnicas considerados mais especializados.

A esse respeito, Melo apresenta as seguintes reflexões:

A produção agrícola necessita, portanto, de equipamentos e serviços, alguns destes precisam ser atendidos no seu entorno imediato, assim, mesmo as pequenas cidades passam a desenvolver algumas funcionalidades para o atendimento de algumas destas necessidades como, por exemplo, os serviços oferecidos por agência bancária; oficinas mecânicas; lojas de revenda de peças para máquinas agrícolas e automóveis; presença de técnicos especializados em atividades agrícola e pecuária e postos de combustíveis (2005, p. 12).

Vale ressaltar que a cidade de Itaporã, por se localizar numa área de produção agrícola exerce as funções apontadas acima.

Podemos afirmar que na rede urbana regional, Itaporã funciona como cidade dormitório, ou um “apêndice” de Dourados, que devido suas características como cidade pequena, dentre elas a “tranquilidade”, parcela da população a utiliza apenas como local de moradia, ficando a cargo de Dourados a “oferta” de empregos, produtos oriundos do comércio mais sofisticado e serviços urbanos especializados. O depoimento abaixo reforça a afirmação:

Trabalho em Dourados, por falta de emprego em Itaporã, mas moro em Itaporã, porque é mais tranquilo e o aluguel é mais barato. O problema é a

super-lotação do ônibus. Vou sempre de pé, acho perigoso e cansativo, mas o trajeto é curto, em torno de 20 ou 30 minutos (Ozenir Andrade da Silva – Secretária).

Nesse sentido, é perceptível a interdependência entre Itaporã e Dourados, e essa questão é determinada a partir das relações de trabalho e produção entre as duas cidades.

Vale salientar que é notável a implantação de novos loteamentos e de novos conjuntos habitacionais, principalmente na porção sul da cidade (ver Foto 14), área que dá acesso à cidade de Dourados, e onde se localiza o Fórum do município.

FOTO 14



Itaporã-MS (2011) - conjunto Habitacional João Rodrigues de Freitas
Foto: Cláudio C. S. Nogueira

A produção de conjuntos habitacionais no município é consequência da procura por moradias. Nesse contexto, o espaço urbano se redefine, visando atender as necessidades da população.

Segundo Endlich:

Esse papel das pequenas cidades relaciona-se diretamente ao apoio logístico que as mesmas representam para o funcionamento da agricultura moderna e das atividades das agroindústrias de modo geral. Ele pode ser apreendido pela paisagem, por meio da qual se verifica que a qualidade das habitações produzidas com a intervenção estatal é visivelmente de moradias para trabalhadores. São comuns conjuntos habitacionais, expressos numa arquitetura repetitiva, relativamente distanciados das plantas principais das cidades, em terrenos menores, com casas igualmente minúsculas. A malha urbana da maioria das pequenas cidades da região evidencia, tanto quanto a paisagem, tal crescimento territorial com os atributos assinalados (2009, p. 186-187).

Assim, tanto nas cidades grandes, quanto nas pequenas, é perceptível a desigualdade entre os indivíduos e, isso, desponta para as contradições socioespaciais. As características físicas dos conjuntos habitacionais, destinados à população de baixa renda, ou a localização dos mesmos, comprovam essa realidade (Foto 15).

FOTO 15



Itaporã-MS (2011) – Jardim Santa Terra
Foto: Cláudio C. S. Nogueira

Ao nos referirmos à expansão territorial, na porção sul da cidade de Itaporã, vale ressaltar a construção de um Parque de Lazer, até então denominado como “Praça dos Ipês” (Foto 16), próximo à rodovia que permite acesso a Dourados, contribuindo para o aumento dos preços na área.

FOTO 16



Itaporã-MS (2011) - lançamento da obra da Praça dos Ipês
Foto: Cláudio C. S. Nogueira

Está presente no nível do discurso, a preocupação relacionada ao bem estar da população, principalmente através do lazer, porém, na prática, isso não se efetiva. Nas pequenas cidades, o descaso público com a sociedade aparenta ser mais intenso. A realidade pode ser comprovada *in locu*, ao observarmos o descaso em relação à construção do denominado Complexo turístico de Lazer Praça dos Ipês. A obra conta com investimento superior a R\$ 657.000, tendo como prazo para entrega o dia 02 de junho de 2010, porém a conclusão da obra ocorreu meses após, evidenciando a falta de comprometimento dos governantes com os investimentos públicos.

Atentando para a reprodução de moradias através de conjuntos habitacionais, e a existência de novos loteamentos na cidade de Itaporã, é visível, tanto a atuação do poder público, quanto da iniciativa privada, que determinam novas maneiras de uso e ocupação do espaço urbano de Itaporã, redefinindo-o e alterando as formas de produção e apropriação.

Segundo Bernardelli:

A produção de conjuntos habitacionais em pequenos municípios manifesta uma multiplicidade de papéis. Esse processo aprofunda as contradições do espaço e, portanto, as contradições sociais, na medida em que há a extensão do tecido urbano, (re) produzindo lugares cuja especialização repousa em manter essa força de trabalho a partir da moradia. (...) importa ressaltar que uma das contradições que emergem reside no fato dessas pequenas cidades apresentarem papéis urbanos

pouco expressivos, obrigando o deslocamento dos habitantes para outras cidades, onde é oferecido um conjunto maior de bens e serviços inclusive trabalho (2004, p. 231).

A reflexão da autora contribui para entendermos o papel de Dourados na expansão territorial urbana de Itaporã, pois mesmo sendo considerada uma cidade pequena com papéis urbanos pouco expressivos, o município apresenta considerável expansão urbana, e para isso é perceptível a atuação do poder público e da iniciativa privada na produção do espaço urbano, principalmente a partir da implantação de novos loteamentos e conjuntos habitacionais, conforme dados do Quadro 09.

QUADRO 09
Itaporã-MS (2011)
Conjuntos Habitacionais Implantados a partir do ano 2000

Nome do Conjunto	Ano de implantação	Órgão financiador	Número de unidades residenciais
João Rodrigues de Freitas	2004	Parceria entre governo municipal e estadual	20 unidades
Jardim Copacabana	2009	Parceria entre governo municipal e estadual	125 unidades
Jardim Santa Terra	2010	Parceria entre governo municipal e federal	300 unidades
Minha Casa, Minha Vida*	2009	Parceria entre governo municipal, estadual e federal	200 unidades
Parque dos Ypes	2008	Parceria entre governo municipal e estadual	65 unidades
Total			710 unidades

Fonte: Secretaria Municipal de Habitação

Org.: Cláudio C. S. Nogueira

* Construção e reformas de casas de pessoas consideradas carentes.

Os dados indicam, conforme já mencionado, que a partir do ano 2000, o número de unidades residenciais disponibilizadas, via iniciativa do poder público, superam a quantia implantada entre as décadas de 1970 e 1990.

Em três décadas, foram implantadas no município 592 unidades habitacionais, via iniciativa do poder público. Em contrapartida, após o ano 2000, foram implantadas 710 residências (Foto 17), em parceria com os governos municipal, estadual e federal, conforme pontuado anteriormente. A realidade exposta demonstra a procura por moradias em Itaporã na

última década, reforçando a expansão do tecido urbano e o papel de Itaporã, como cidade dormitório.

FOTO 17



ITAPORÃ-MS (2010) - Propaganda/Conjuntos Habitacionais
Foto: Cláudio C. S. Nogueira

No anúncio acima fica subentendido a justificativa por parte do poder público local para atender às necessidades da população, se esquecendo que moradia digna está presente dentre os inúmeros direitos, assegurados em lei, dos indivíduos. Tenta-se camuflar a realidade com “doações” de casas minúsculas e em linhas gerais, inadequadas para o cidadão viver com dignidade. Nesse sentido, as pequenas cidades também estão inseridas na problemática relacionada à falta da moradia.

O problema referente à falta de habitação não é isolado, nem o único existente nas pequenas cidades. Percebe-se a falta de investimentos adequados na área de educação, saúde, saneamento básico, lazer, dentre outros, reforçando a ideia de que a população das pequenas cidades enfrenta dificuldades semelhantes aos dos maiores centros.

Para Endlich:

Cotidianamente, diversos fatos expressam problemas das grandes cidades brasileiras, expondo a falência do trânsito, violência, pobreza e poluição, entre outros tantos. Da mesma forma, é freqüente a mídia responsável por

notícias locais e regionais mostrar precariedades nos centros urbanos menores, onde faltam hospitais, delegacias, articulações rodoviárias adequadas etc. Não é novidade que o Brasil urbano compõe-se de realidades bastantes dispare. As cidades brasileiras de maneira geral expressam as contradições presentes no processo de urbanização do país, que produziu uma espacialidade adequada ao desenvolvimento econômico, mas descompassada de um ritmo e de uma condição humana e social apropriados (2009, p. 27).

É notável nas cidades menores, como afirma Endlich, a precariedade em diversos setores, principalmente o relacionado à saúde, obrigando os cidadãos a se deslocarem aos centros maiores. A situação descrita persiste regionalmente, sobretudo, na cidade de Itaporã, acarretando as articulações com Dourados, e reforçando os papéis urbanos de ambas na rede urbana sul mato-grossense.

Atentando para as relações entre as cidades de Dourados e Itaporã e os papéis urbanos redefinidos por e a partir delas, entende-se que a primeira exerce papel de fornecedora de mão de obra mais qualificada para outras cidades do sul de Mato Grosso do Sul, dentre elas, Itaporã, além da oferta de serviços especializados, intensificando a situação de interdependência.

Assim, é perceptível as articulações entre as duas cidades que possuem diferentes papéis e funções. Estabelece-se uma relação de interdependência em diferentes aspectos, como educacional, lazer e o econômico, por exemplo. No entanto, essas relações também implicam em redefinição no espaço urbano, das duas cidades, pois, conforme já pontuado, a cidade é materialização das relações sociais.

Nesse sentido, o espaço urbano de Itaporã, se redefine, reafirmando as relações/articulações com Dourados e intensificando as contradições socioespaciais. Dessa forma, no próximo capítulo, faremos uma análise de alguns bairros da cidade de Itaporã, visando maior compreensão do papel de Dourados na reprodução do espaço urbano dessa cidade.

CAPÍTULO 04

“Cada homem vale pelo lugar onde está: o seu valor como produtor, consumidor, cidadão, depende de sua localização no território. [...] por isso a possibilidade de ser mais ou menos cidadão depende, em larga proporção do ponto do território onde está”.

Milton Santos

4 AS ARTICULAÇÕES ENTRE ALGUNS BAIRROS DE ITAPORÃ E A CIDADE DE DOURADOS³⁶

O principal objetivo da análise que faremos neste capítulo é identificar as relações entre os moradores de Itaporã e a cidade de Dourados, ou seja, quais os tipos de serviços os mesmos buscam na cidade vizinha. Outro fator relevante na investigação é a relação entre a renda da população e a frequência de deslocamento a Dourados.

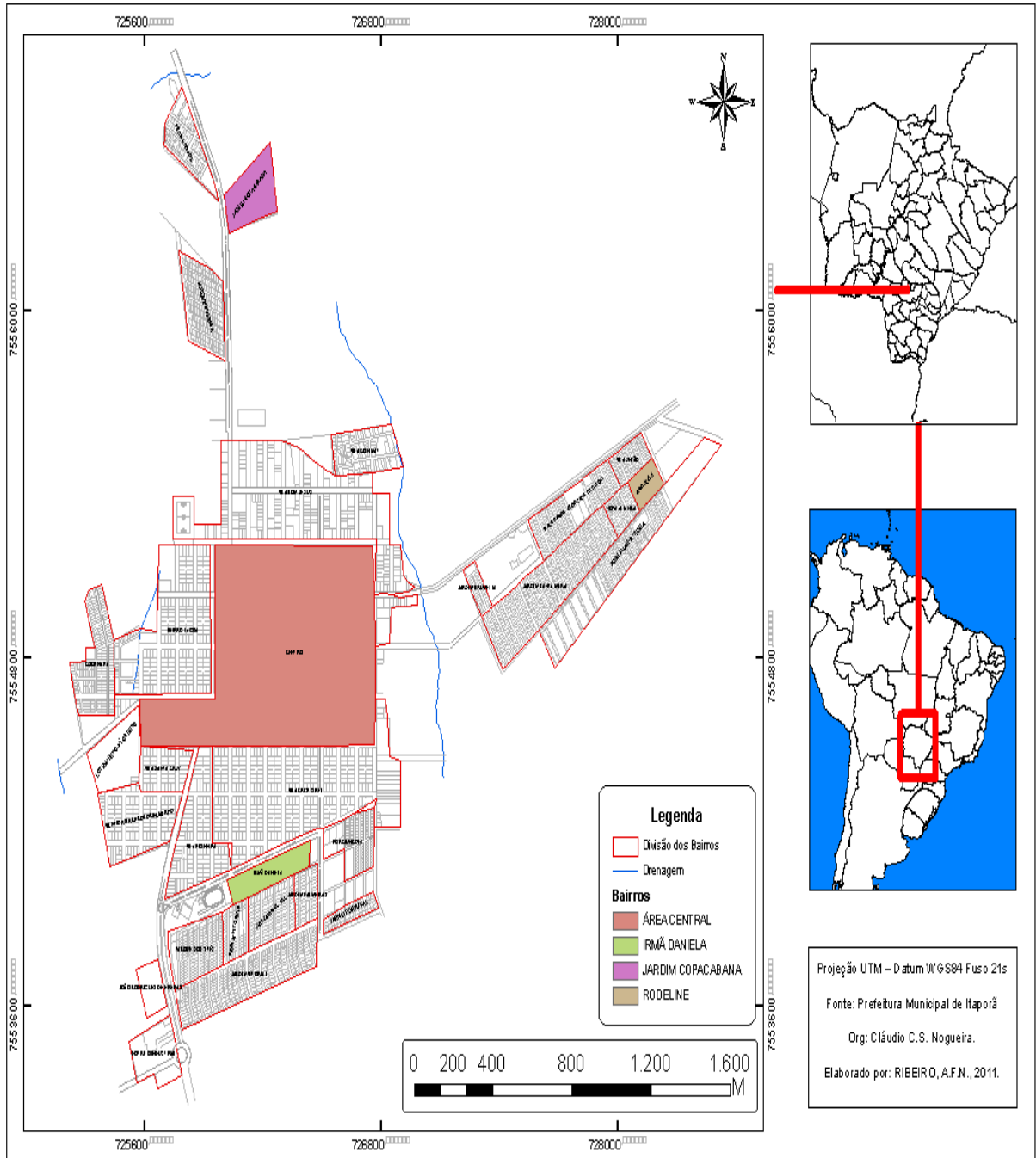
Atentando para as questões dos questionários, faremos uma comparação entre os bairros Vila Irmã Daniela, Jardim Copacabana, Conjunto Antonio Rodeline, Jardim Copacabana e a Área central (Figura 07). Para tal análise, foram selecionados bairros com estrutura física e social diferentes. A Área Central, considerada mais “elitizada”, a Vila Irmã Daniela, considerado bairro intermediário do ponto de vista socioeconômico, o Conjunto Antônio Rodeline, situado na periferia pobre e o Jardim Copacabana, um dos mais novos bairros da cidade.

Considerando o local de nascimento dos indivíduos, percebemos que dentre os bairros a origem rural sobressaiu em relação à urbana no Conjunto habitacional Vila Irmã Daniela³⁷ (Figura 08), em que, segundo os dados da pesquisa de campo, 86,4% dos moradores são de origem rural.

³⁶ Nesse momento da pesquisa faremos uma análise comparativa entre alguns bairros da cidade (Vila Irmã Daniela, Conjunto Antonio Rodeline, Jardim Copacabana e o Centro), em que utilizaremos como método uma enquete com os moradores. Foram aplicados questionários em 25% das residências, com o objetivo de compreensão da realidade do bairro e as relações dos moradores com a cidade de Dourados.

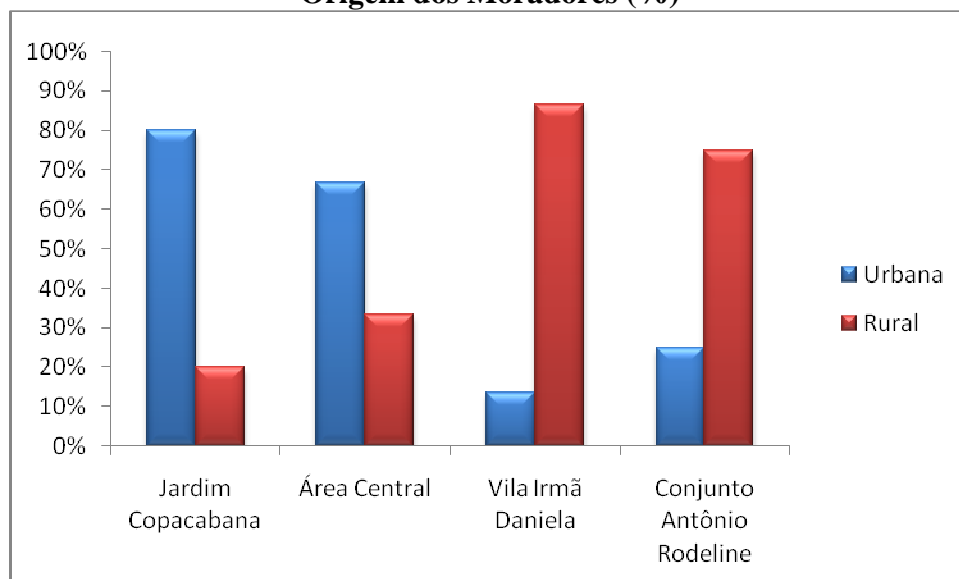
³⁷ O conjunto habitacional Irmã Daniela foi implantado na década de 1990, com recursos oriundos do FGTS, com as residências financiadas pela Caixa Econômica Federal e contou com o CDHU, como órgão financiador. O referido conjunto possui 114 unidades residenciais e se localiza na porção sul da cidade.

FIGURA 07
ITAPORÃ-MS (2011)
Loteamentos pesquisados



Em contrapartida, 80% dos moradores do Jardim Copacabana³⁸, afirmam terem nascido na zona urbana. No caso do conjunto Antonio Rodeline³⁹, 75% dos entrevistados são de origem rural; e na Área Central os dados revelam que 33,4%, dos indivíduos também vieram do campo.

FIGURA 08
ITAPORÃ-MS (2011)
Origem dos Moradores (%)



Fonte: pesquisa de Campo
Org.: Cláudio C. Silva

Outro aspecto relevante na pesquisa refere-se ao nível de escolaridade dos moradores dos bairros analisados. Percebe-se que as pessoas que residem na área central da cidade possuem maior nível de escolaridade, comparado com os demais bairros (Figura 09). Entre os entrevistados, 37% possuem nível superior completo, inclusive com cursos de especialização e 26% Ensino Médio completo.

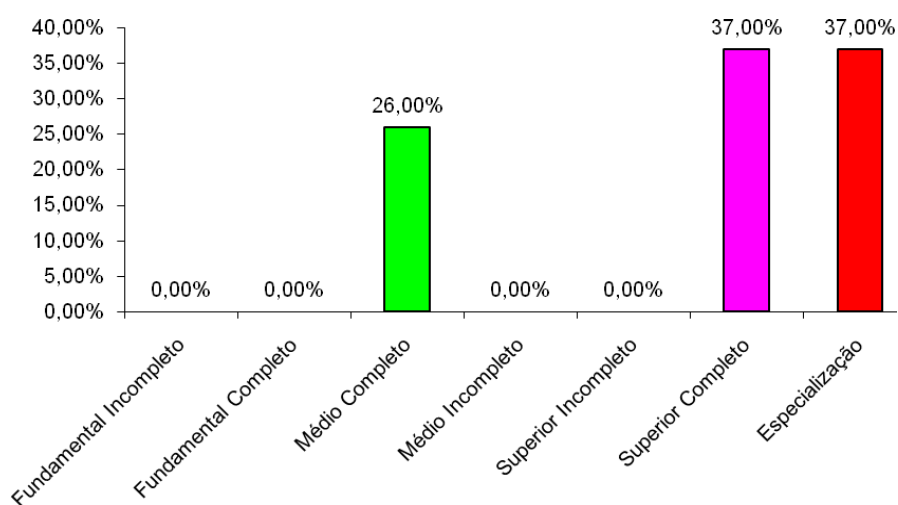
A maior contradição se refere ao Conjunto Antonio Rodeline, em que, segundo a pesquisa, a maior parte dos moradores entrevistados possui o Ensino Fundamental incompleto, perfazendo um percentual de 66,6%, enquanto que 33,4%, possui o Ensino Médio, e nenhum entrevistado possui nível superior.

³⁸ O Jardim Copacabana foi implantado no ano de 2009, na porção norte da cidade. Possui 125 unidades residenciais e faz parte do programa de governo “Minha Casa Minha Vida”.

³⁹ O conjunto Antonio Rodeline foi implantado na segunda metade de década de 1990, contando com recursos oriundos do governo do estado em parceria com a Prefeitura Municipal. Está localizado na porção leste da cidade e possui 50 unidades residenciais. O objetivo do referido conjunto era de atender a parcela da população que não possuía residência e teve como critério de seleção a menor renda.

Os outros bairros ficaram em uma faixa intermediária. Na Vila Irmã Daniela, por exemplo, 40,9% dos entrevistados possuem Ensino Fundamental incompleto, 45,5% possuem Ensino Médio completo e 4,5% fizeram cursos de Especialização.

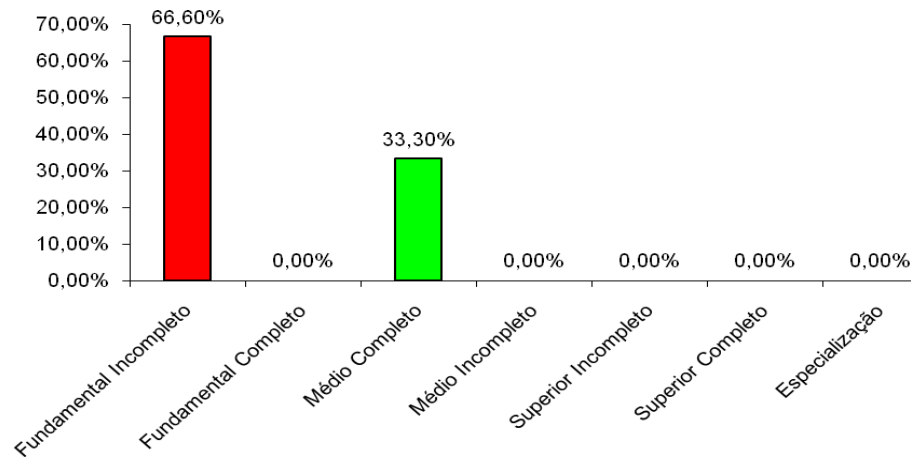
FIGURA 09
ITAPORÃ-MS (2011)
Área Central
Nível de Escolaridade



Fonte: pesquisa de Campo
Org.: Cláudio C. Silva

Vale ressaltar que a população dos bairros mais distantes da área central apresenta menor nível de escolaridade, como é o caso do Conjunto Antonio Rodeline (Figura 10). A realidade comprova que a camada da população de menor renda e menor nível de escolaridade se concentra nas periferias urbanas, desprovidas de infraestrutura e serviços urbanos básicos, como é o exemplo da população do Conjunto Antonio Rodeline.

FIGURA 10
ITAPORÃ-MS (2011)
Conjunto Antonio Rodeline
Nível de Escolaridade



Fonte: pesquisa de Campo
 Org.: Cláudio C. Silva

Atentando para a realidade do conjunto, percebemos as contradições socioespaciais. A condição financeira dos moradores é refletida no espaço físico. Enquanto a área central (Fotos 18 e 19), ou até mesmo o Conjunto Irmã Daniela, considerado nessa comparação como um bairro intermediário, possui algumas vantagens relacionadas à infraestrutura e serviços urbanos básicos, com casa de padrão mais elevado (na área central), por exemplo, os bairros periféricos recebem menor atenção por parte do poder público, além de serem dotados de residências sem condições consideradas adequadas de habitabilidade.

FOTO 18



Itaporã-MS (2011) – área central
Foto: arquivos da prefeitura municipal

FOTO 19



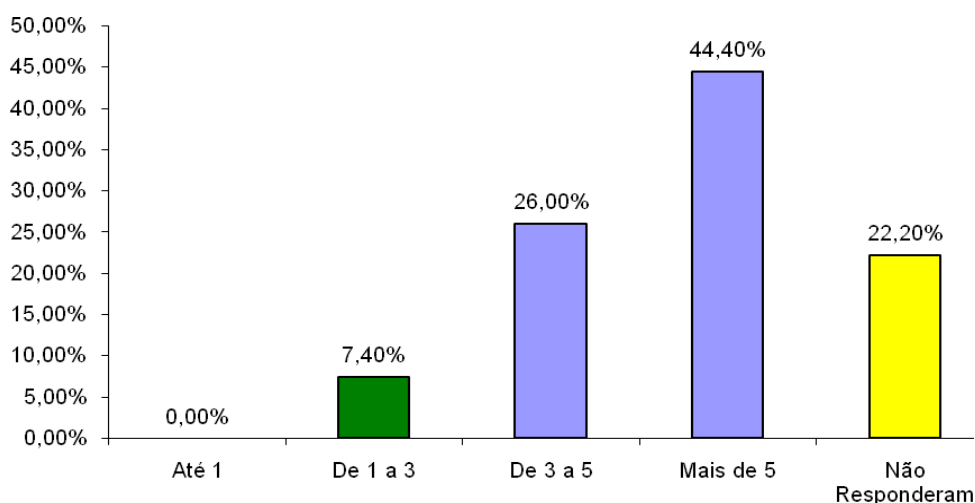
Itaporã-MS (2011) – Conjunto Antonio Rodeline
Foto: Cláudio C. S. Nogueira

As reflexões de Santos permitem maior compreensão da realidade, pois tornam-se perceptíveis, tanto nas grandes como nas médias e pequenas cidades, as contradições socioespaciais, ocasionadas pelas diferenças de renda da população.

A normalidade estabelecida para os pobres por definição oficial, aconselhada e defendida por pseudo-intelectuais, passou a autorizar a construção de habitações tão pequenas que conduzem a toda espécie de confinamentos e promiscuidades; na cabeça tortuosa de tais técnicos, as pessoas têm necessidades essenciais em função da classe a que pertencem. Não foram esses mesmos técnicos que traçaram ou desenharam os quartos de empregada lado a lado com o quarto bem mais amplo dos patrões? Tais fatos, relativos à “normalidade” da maioria dos pobres, são praticamente aceitos pela sociedade, isto é, por uma classe média não culta (1987, p. 46).

Assim, o espaço urbano é resultado das contradições socioeconômicas da população. A renda do indivíduo determina a sua localização na cidade, por isso percebe-se a predominância de pessoas com as maiores rendas na área central de Itaporã (Figura 11).

FIGURA 11
ITAPORÃ-MS (2011)
Área Central
Renda Familiar (em salário mínimo)



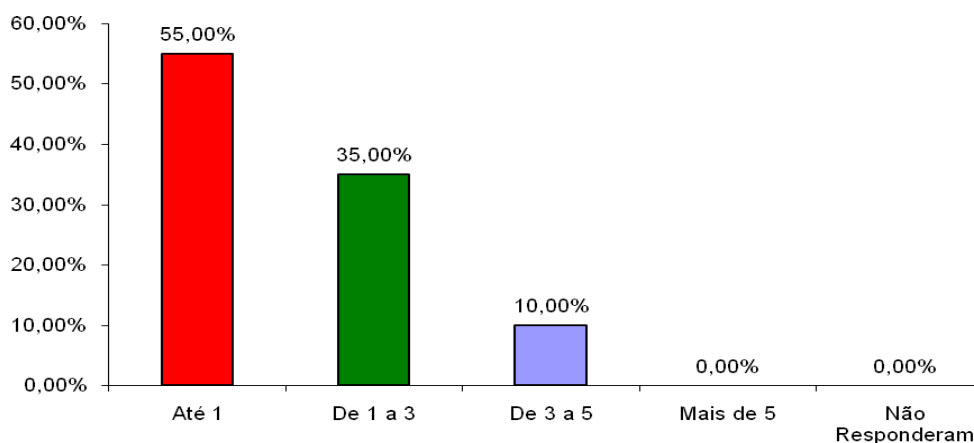
Fonte: pesquisa de Campo
Org.: Cláudio C. Silva

Os dados da Figura acima indicam que 44,40% dos entrevistados da área central de Itaporã possuem renda superior a cinco salários mínimos, 26% possuem renda familiar entre três e cinco salários, 7,40% afirma ter renda entre um e três salários e 22,20% dos entrevistados não responderam à questão.

Em contrapartida, dentre os bairros pesquisados, as pessoas que possuem as menores rendas residem no Conjunto Antonio Rodeline. Os dados contribuem para confirmar a

realidade exposta anteriormente: a maioria da população de baixa renda está concentrada nas áreas periféricas. Percebemos, a partir da análise dos dados, que 55% dos moradores do conjunto possuem renda familiar de até um salário mínimo, 35% entre um e três salários e 10% possui renda superior a três salários (Figura 12).

FIGURA 12
ITAPORÃ-MS (2011)
Conjunto Antonio Rodeline
Renda Familiar (em salário mínimo)

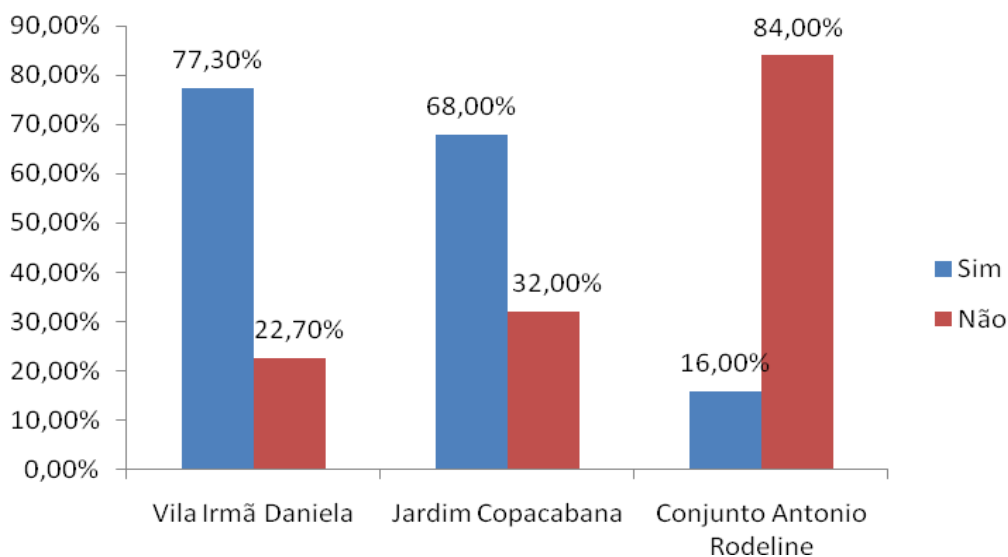


Fonte: pesquisa de Campo
Org.: Cláudio C. Silva

Conforme já pontuado, quanto menor a renda do indivíduo, mais possibilidade de se “confinar” nas periferias urbanas e apresentar menores condições de consumo. Isso foi verificado no decorrer da pesquisa ao nos referirmos aos meios de locomoção. Enquanto 100% dos entrevistados da área central afirmaram possuir meios de locomoção, na Vila Irmã Daniela, 77,3% possuem, no Jardim Copacabana, o percentual é de 68% (Figura 13), e no Conjunto Antonio Rodeline, 16%.

Vale ressaltar que a renda do indivíduo define sua localização no espaço e suas relações enquanto cidadão, pois conforme aponta Santos (2008), ser cidadão de um país, com as dimensões do Brasil em que são intensas as desigualdades sociais, pode-se constituir apenas uma perspectiva de cidadania integral. Nesse sentido, na cidade são manifestadas, com maior intensidade, as contradições socioespaciais decorrentes das diferenças de renda da população.

FIGURA 13
ITAPORÃ-MS (2011)
Meios de Locomoção

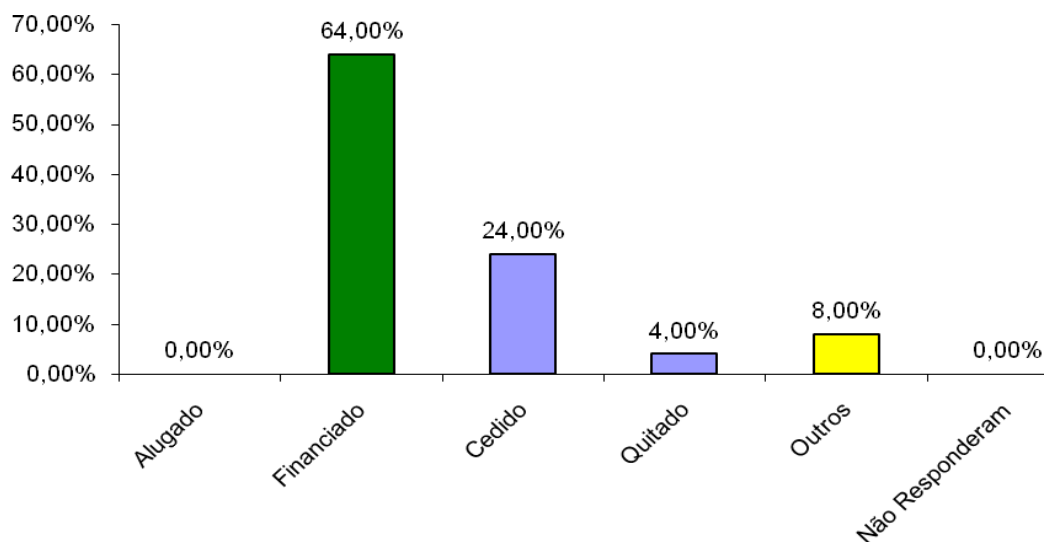


Fonte: pesquisa de Campo
Org.: Cláudio C. Silva

Outro fator relevante se refere à situação dos imóveis. Nessa questão se sobressaem, na pesquisa, os dados do Jardim Copacabana, que por ser um bairro considerado novo, a maior parte das residências ainda não foi quitada (64%) e 24% dos entrevistados afirmaram que a residência é cedida (Figura 14).

Percebemos que, no Conjunto Irmã Daniela, a maior parte dos entrevistados afirmou que suas residências são quitadas. Na área central, 18,6% das residências são financiadas, esse dado é considerado relativamente alto e comprova a ação dos agentes imobiliários no espaço urbano de Itaporã. Em contrapartida, percebe-se que no Conjunto Antonio Rodeline, 50% dos entrevistados residem em casas cedidas e 50% afirmaram que suas residências são alugadas.

FIGURA 14
ITAPORÃ-MS (2011)
Jardim Copacabana
Condição do imóvel



Fonte: pesquisa de Campo
Org.: Cláudio C. Silva

Outra forma de aprofundarmos a comparação entre os bairros analisados é verificar os serviços urbanos existentes nos mesmos. Nesse sentido, constatamos por meio dos dados do Quadro 08, que a maior parte dos serviços está presente na área central e a população da periferia convive com a ausência de infraestrutura, equipamentos e serviços urbanos básicos.

Vale ressaltar a ausência de praticamente todos os equipamentos e serviços urbanos listados no Quadro 10, no Jardim Copacabana. O mesmo é um bairro novo, levando em consideração os demais, e não conta com os equipamentos e serviços presentes nos demais. Em contrapartida, a área central apresenta-se bem equipada, mas também, assim como os demais bairros, não conta com áreas de lazer, praticamente inexistentes na cidade de Itaporã.

QUADRO 10
ITAPORÃ-MS 2011
Equipamentos e Serviços Urbanos

Serviços	Área Central	Vila Irmã Daniela	Conjunto Antonio Rodeline	Jardim Copacabana
Escola	Sim	Não	Não	Não
Posto de Saúde	Sim	Sim	Não	Não
Área de Lazer	Não	Não	Não	Não
Padaria	Sim	Sim	Sim	Não
Mercado	Sim	Sim	Não	Não
Creche	Sim	Não	Não	Não
Telefone Público	Sim	Sim	Sim	Sim
Farmácia	Sim	Não	Não	Não

Fonte: Pesquisa de Campo
Org.: Cláudio C. S. Nogueira

Percebemos que os bairros mais antigos são mais dotados de infraestrutura, equipamentos e serviços que, na maioria dos casos, existem devido às reivindicações dos próprios moradores junto ao poder público. Assim, esses bairros tornam-se “valorizados” e, na maioria das vezes, os indivíduos são obrigados a se deslocarem para outras áreas da cidade, geralmente da periferia pobre. Podemos citar como exemplo a considerável substituição dos primeiros moradores do Conjunto Habitacional Irmã Daniela.

A realidade é evidenciada em diversos bairros de Itaporã, como exemplo, o Conjunto Waldomiro Ferreira dos Reis (objeto de estudos de Alcantara e Silva, 2003), em que, segundo a pesquisa, apresentou substituição de 91,50% dos primeiros moradores. A mesma situação foi pontuada por Cabulão, Luz e Mauricio (2004), ao constatarem a substituição de 85% dos primeiros moradores do conjunto Habitacional Coophaita.

Sobre a questão, Carlos aponta:

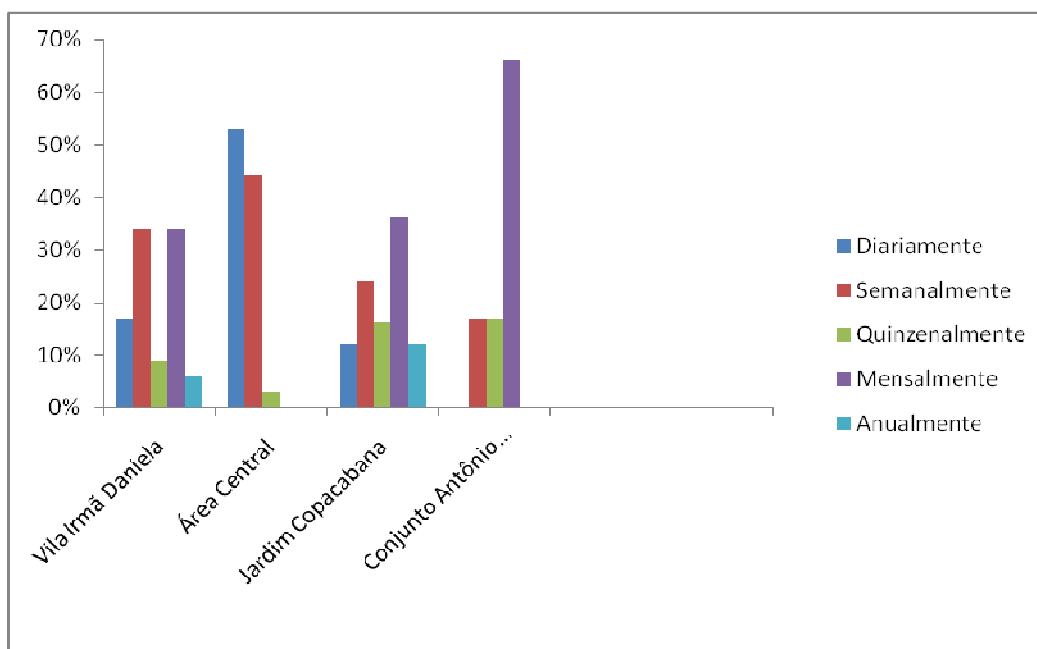
A cidade é uma realização humana, produto e obra, por isso tem a dimensão do movimento da vida humana. Diferencia-se do campo não apenas pelas atividades, mas enquanto construção/realização de um espaço que se distancia da natureza, sem, contudo perder sua dimensão natural. A cidade, através do trabalho humano, transforma-se constantemente e, como, decorrência, modifica a vida do cidadão, seu cotidiano, suas perspectivas, desejos e necessidades, transforma suas relações com o outro e suas relações com a cidade redefinindo as formas de apropriação e o modo de reprodução do espaço (2001, p. 90-91).

As palavras da autora expressam a realidade urbana, a partir das transformações socioespaciais. A realidade se manifesta tanto nas grandes cidades, quanto nas pequenas como

é o caso de Itaporã, onde, se presencia considerável expansão urbana por intermédio do lançamento de novos loteamentos.

Após as breves considerações sobre alguns dos aspectos socioespaciais dos bairros analisados, faremos uma comparação entre os mesmos apontando com que frequência ocorrem os deslocamentos dos moradores de Itaporã em direção à cidade de Dourados (Figura 15).

FIGURA 15
ITAPORÃ-MS (2011)
Deslocamento Itaporã/Dourados



Fonte: Pesquisa de Campo
Org.: Cláudio C. S. Nogueira

Os dados da pesquisa de campo indicam que as pessoas da área central da cidade se deslocam a Dourados com maior frequência, quando comparado aos bairros mais periféricos. Isso ocorre porque a população do centro possui renda mais elevada e a maior frequência nos deslocamentos para Dourados é explicada pelo desejo de consumir. Sobre as relações entre as cidades pequenas e médias, Soares afirma:

Todos os lugares, grandes ou pequenos, têm um potencial de participação na produção econômica. As cidades, estruturadas em rede, passam a complementar-se, num compartilhar de seus equipamentos. Desse modo, pode ocorrer que um centro urbano não necessite possuir em alto grau todos os equipamentos, por deter uma pequena demanda, sendo então mais interessante e economicamente viável compartilhá-los com os centros maiores. Esses serviços, mais especializados, as cidades médias possuem,

para si e para sua área de influência e geralmente, são implantados considerando-se uma demanda regional (2007, p. 488-489).

E continua:

Nesse sentido, as cidades médias têm um importante papel a desempenhar em relação ao seu entorno, especialmente núcleos rurais e pequenos, pois têm a função de contribuir para a reabilitação econômico/social das pequenas cidades, uma vez que as diferenças entre cada cidade em relação ao seu conteúdo socioeconômico revelam, uma vez mais, a força do fator histórico e regional na conjuntura que as determinam (2007, p. 489).

Nesse sentido, reforçam-se os papéis de Itaporã como uma cidade pequena e de Dourados como uma cidade média, que atrai pessoas das áreas próximas, devido aos seus equipamentos e serviços urbanos mais especializados. Enquanto isso, as cidades pequenas se caracterizam como local procurado, principalmente para moradias, devido a inúmeros fatores, que as diferenciam das cidades maiores.

Segundo Endlich:

As pequenas cidades não correspondem a miniaturas das grandes cidades, mas sim a uma expressão do urbano com feições específicas, essas manifestações dos habitantes exprimem um cotidiano marcado por atributos que confirmam essa natureza diversa. São significações edificadas no âmbito de racionalidades que parecem escapar à lógica econômica. (...) Ao assinalar a tranquilidade como algo que se aprecia nas pequenas cidades, remete-se à análise para o tema do ritmo da vida urbana (2009, p. 289).

Para reforçarmos as características das pequenas cidades, destacamos, principalmente, a questão da tranquilidade, do sossego e do menor custo de vida para seus habitantes, especialmente se referindo ao preço de imóveis ou aluguéis. Isso reforça o papel de Itaporã, como uma cidade de pequeno porte, que atualmente se destaca por atrair pessoas à procura de moradia.

São consideráveis suas relações/articulações com a cidade de Dourados. Como se observou na Figura 15 é relevante o percentual de pessoas que se deslocam diariamente para este centro regional à procura de diversos serviços. Conforme salientamos, a Área Central da cidade de Itaporã se sobressai em relação aos bairros considerados periféricos no deslocamento de pessoas a Dourados.

Nesse sentido, conforme se verificou na Figura 13, 53% dos indivíduos do centro se deslocam diariamente; 44% semanalmente e 3% quinzenalmente. Dentre os bairros pesquisados, a Vila Irmã Daniela se desponta em segundo lugar em relação aos deslocamentos para Dourados. Assim, 17% se deslocam diariamente; 34% semanalmente; 9% quinzenalmente; 34% mensalmente e 6% anualmente.

Por sua vez, o Jardim Copacabana, o bairro considerado mais recente, dentre os tomados como objeto de análise, possui 12% de moradores que se deslocam diariamente a Dourados; 24% semanalmente; 16% quinzenalmente; 36% mensalmente e 12% anualmente. Em contrapartida, o bairro que possui menor número de pessoas que se deslocam para Dourados é o Conjunto Antonio Rodeline, reforçando a ideia de menor poder de consumo e de deslocamento da população de menor poder aquisitivo. Assim, 17% de seus moradores se deslocam semanalmente para Dourados; 17% quinzenalmente e 66% mensalmente. Percebemos que a maioria dos entrevistados se dirige a Dourados mensalmente para fazer as compras do mês, geralmente no Atacadão ou no Hiper mercado Extra.

Outra forma de analisarmos as contradições sociais nos bairros analisados foi a partir dos meios de locomoção usados pelos entrevistados no deslocamento para Dourados. Ao nos referirmos aos automóveis próprios, como meio de locomoção, mais uma vez, a Área Central se sobressai com um percentual de 84%. Os demais utilizam o transporte coletivo como meio de locomoção (8%), ou motocicleta (8%), conforme podemos observar na Tabela 03.

TABELA 03
Meios de Locomoção Utilizados no deslocamento Itaporã/Dourados

Meio de Locomoção	V. Irmã Daniela	Área Central	J. Copacabana	C. Antônio Rodeline
Carro Próprio	53%	84%	24%	34%
Transporte Coletivo	44%	8%	68%	66%
Motocicleta	3%	8%	8%	0%

Fonte: Pesquisa de Campo
Org.: Cláudio C. S. Nogueira

Outro bairro em que se destaca uso do carro próprio, porém em menor escala que no centro, é o Conjunto Habitacional Irmã Daniela (53%), contra 3% do uso de motocicletas e 44% do transporte coletivo. Percebe-se que a maioria dos entrevistados do Jardim Copacabana (68%) se desloca a Dourados utilizando o transporte coletivo; 24% de carro próprio e 8% de motocicleta. Os dados ainda demonstram que 66% dos entrevistados do Conjunto Antonio Rodeline utilizam o transporte coletivo para se deslocar a Dourados e 34% se locomovem de carro próprio.

A Tabela 04 indica a opinião dos que utilizam o transporte coletivo no deslocamento a Dourados. Podemos perceber que a maior parcela dos entrevistados considera o transporte como bom, perfazendo um percentual de 44%. Destaca-se também o percentual dos que

consideram o transporte coletivo regular (35%); 18% dos entrevistados responderam que o transporte coletivo é péssimo e apenas 3% o consideram ótimo.

TABELA 04
ITAPORÃ-MS (2011)
Opinião dos entrevistados em relação ao Transporte Coletivo

Ótimo	Bom	Regular	Péssimo
3%	44%	35%	18%

Fonte: Pesquisa de Campo
Org.: Cláudio C. S. Nogueira

Conforme já pontuado, muitos se deslocam diariamente para estudar ou trabalhar. Nesse sentido, são precárias as condições no tráfego, principalmente, no que se refere a super lotação do transporte coletivo, nos primeiros horários para Dourados e nos últimos horários para Itaporã. Quanto à opinião com relação aos horários de ônibus, os entrevistados afirmaram que o transporte deveria fazer o percurso mais vezes ao dia. Os depoimentos a seguir comprovam o exposto⁴⁰.

“O serviço oferecido é regular, poderiam oferecer mais opções de horários”.

“Deixam muito a desejar, são muito desconfortáveis e os horários são muito distantes uns dos outros”.

“Faltam mais horários, pois é muito longo o tempo de uma viagem para outra”.

“São super-lotados e poucos, considerando a quantidade de pessoas que os utilizam”.

A situação descrita reporta-nos à realidade das cidades maiores, em que o uso do transporte coletivo é considerado caótico, haja vista, o tempo gasto no deslocamento e na espera em pontos de ônibus. Mesmo se reportando a outra realidade, as palavras de Carlos descrevem as dificuldades vivenciadas pelos que dependem de transportes coletivos para se dirigir de casa ao trabalho.

No final da tarde, esses trabalhadores, olhos sem brilho, rostos extenuados de uma jornada estafante de trabalho, tomam as ruas em busca do transporte que os levará para casa. Na melhor das hipóteses uma hora de traslado em

⁴⁰ Atendendo aos pedidos dos entrevistados, manteremos suas identidades em sigilo.

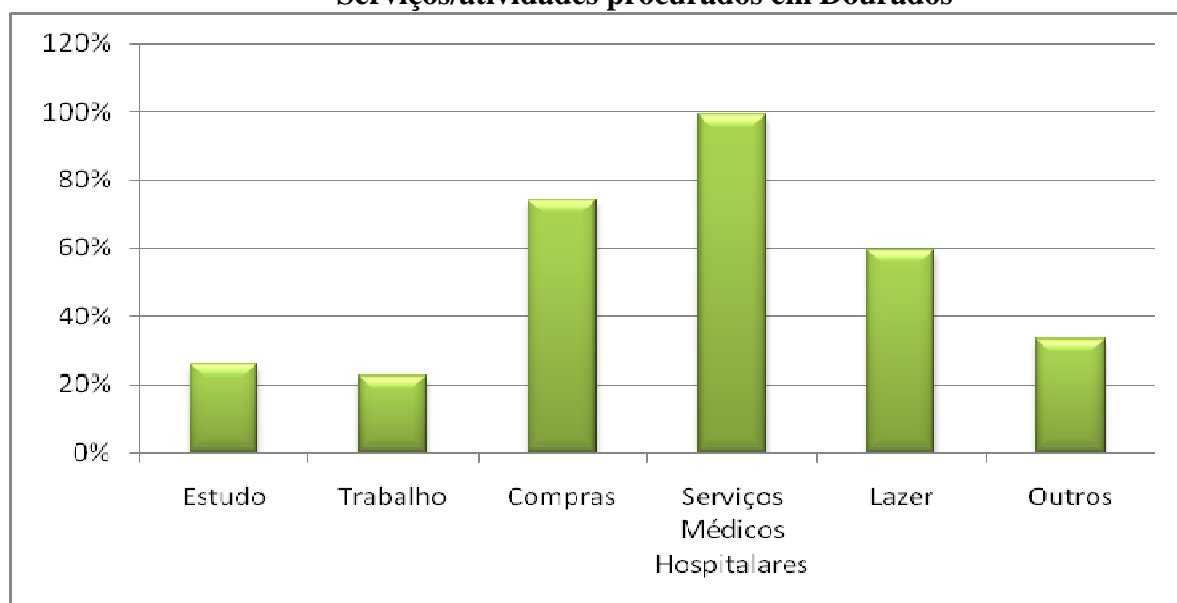
ônibus lotados, sujos, atrasados e caros (para o salário que recebem) (2001, p. 39-40).

Mesmo se referindo à realidade das metrópoles, os apontamentos de Carlos podem ser adotados na situação estudada, principalmente no que se refere à utilização do transporte coletivo pelos que trabalham em Dourados e residem em Itaporã. O tempo gasto no deslocamento é considerado curto, porém, a superlotação e o período de espera nos pontos acarretam desgaste.

A população de Itaporã se desloca a Dourados à procura dos mais diversos serviços e produtos. Percebe-se que nos quatro bairros analisados a maioria dos entrevistados desloca-se para a cidade de Dourados como opção de realização de compras. Assim, se destaca a área Central (Figura 16), em que 74% dos entrevistados realizam as compras necessárias em Dourados e aproximadamente 99% procuram a cidade de Dourados pelos serviços médicos e clínicas especializadas.

Outro setor de destaque se refere à procura por lazer, sendo esse o motivo de, 59% dos entrevistados se deslocarem à cidade vizinha; afirmaram que estudam em Dourados e 22,2% trabalham. Esses dados contribuem para reforçar a ideia de Dourados como uma cidade que exerce papel de polarização regional.

FIGURA 16
ITAPORÃ-MS (2011)
Área Central
Serviços/atividades procurados em Dourados

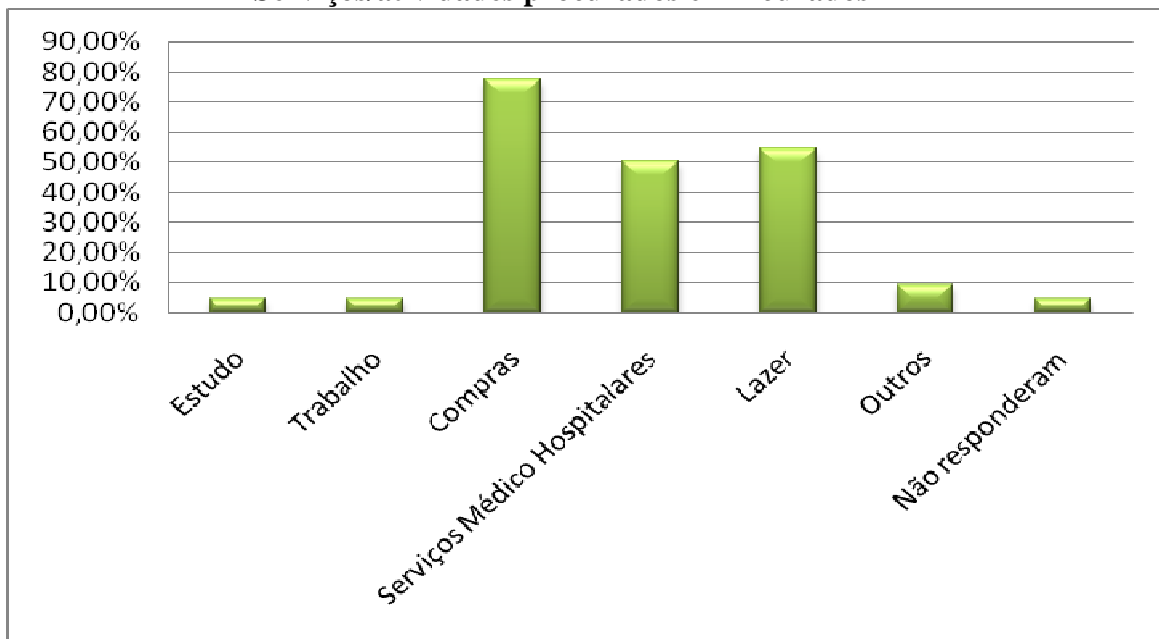


Fonte: Pesquisa de Campo
Org.: Cláudio C. S. Nogueira

Percebe-se que dentre os bairros analisados, a Vila Irmã Daniela desponta em segundo lugar em relação à procura de serviços, compras e lazer na cidade de Dourados. Nesse contexto, percebemos que quanto maior a renda da população, maior é a procura dos serviços oferecidos por Dourados.

O Conjunto Irmã Daniela, conforme já pontuamos, é considerado um bairro de padrão intermediário, no em termos socioeconômicos, dentre os que foram analisados. A Figura 17, demonstra os tipos de serviços/atividades mais procurados na cidade de Dourados: 77% dos entrevistados procuram Dourados como local de realização de compras, enquanto 50% procuram a cidade vizinha pelos serviços de saúde e 54% de lazer. Dentre os entrevistados, percebemos que 4,5% estudam em Dourados e 4,5% trabalham.

FIGURA 17
ITAPORÃ-MS (2011)
Vila Irmã Daniela
Serviços/atividades procurados em Dourados



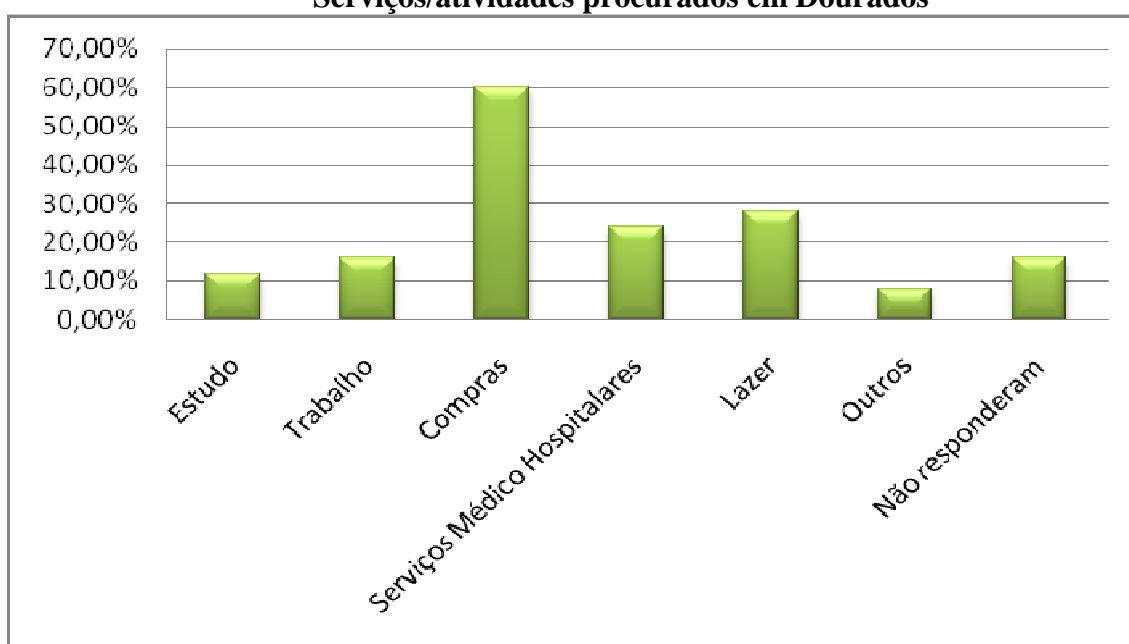
Fonte: Pesquisa de Campo
Org.: Cláudio C. S. Nogueira

Com relação à procura por serviços e produtos na cidade de Dourados, analisamos também a realidade do Jardim Copacabana, que conforme já pontuado é o bairro mais recente dentre os escolhidos como objeto de estudo. Neste, a maior parcela da população entrevistada também realiza suas compras na cidade de Dourados, perfazendo um percentual de 60%. Em

segundo lugar se destaca a procura por lazer (28%), em seguida, a procura por serviços médico-hospitalares com 24% (Figura 18).

Outro fator relevante se refere ao percentual de pessoas que reside no bairro e trabalham em Dourados. Nesse caso, o Jardim Copacabana se encontra em segundo lugar, dentre os bairros analisados apresentando um percentual de 16%. Dentre os entrevistados do bairro, 12% se deslocam a Dourados para estudar e destes a maioria é universitária.

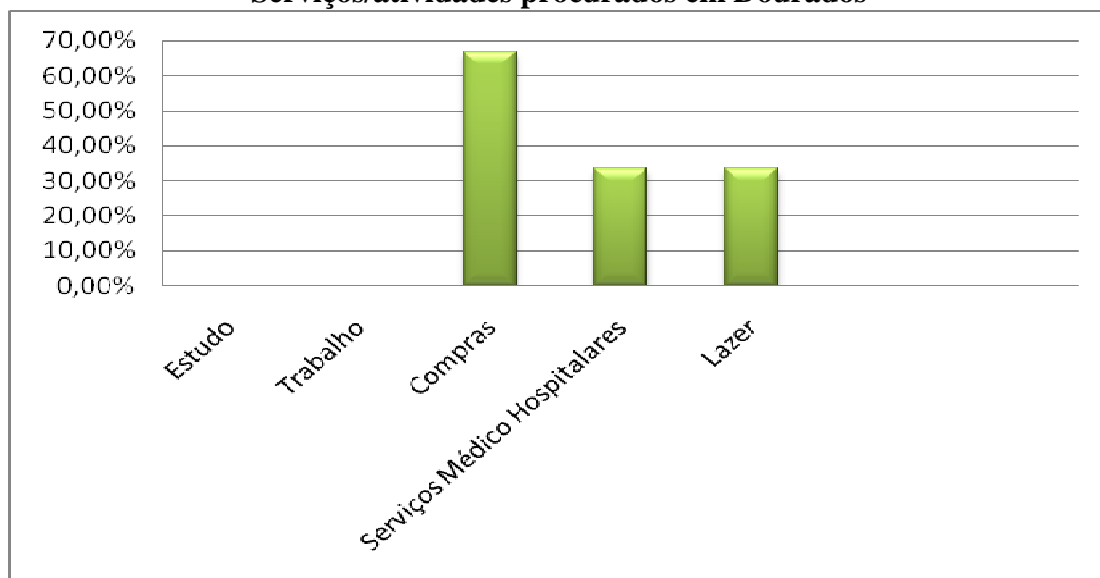
FIGURA 18
ITAPORÃ-MS (2011)
Jardim Copacabana
Serviços/atividades procurados em Dourados



Fonte: Pesquisa de Campo
Org.: Cláudio C. S. Nogueira

Em contrapartida, vale ressaltar o Conjunto Antonio Rodeline em que também se sobressaem os dados relacionados às compras na cidade de Dourados. Assim, 66,6%, dos entrevistados do bairro se deslocam a Dourados para fazerem as compras necessárias; 33,3% procuram pelos serviços médico-hospitalares e 33,3% lazer (Figura 19). O que difere este bairro dos demais é com relação aos serviços educacionais, pois dentre os entrevistados ninguém utiliza este tipo de serviço na cidade vizinha. Percebemos, no decorrer da pesquisa, que este bairro é considerado o mais periférico em relação à oferta de equipamentos e serviços urbanos básicos e que isso pode estar atrelado ao nível de instrução de seus moradores, já que a maioria possui apenas o Ensino Fundamental e nenhum entrevistado afirmou possuir nível superior.

FIGURA 19
ITAPORÃ-MS (2011)
Conjunto Antônio Rodeline
Serviços/atividades procurados em Dourados



Fonte: Pesquisa de Campo
 Org.: Cláudio C. S. Nogueira

A análise reitera a existência de contradições socioespaciais em Itaporã. Percebemos também que a condição financeira da população contribui nas relações travadas com Dourados, referentes à procura por produtos ou serviços urbanos. Nesse sentido, avaliamos como consideráveis as relações entre a população da área Central, e, em segundo lugar, da Vila Irmã Daniela. Em contrapartida, a população do Conjunto Antonio Rodeline se desloca a Dourados com menor frequência (ver tabela 05).

TABELA 05
Itaporã-MS (2011)
Serviços/atividades procurados em Dourados (%)

Bairros	Serviços/atividades						
	Estudo	Trabalho	Compras	Serv. Médicos Hospitalares	Lazer	Outros	Não responderam
Área Central	25,9%	22,2%	74,1%	99,0%	59,2%	33,3%	0%
V. Irmã Daniela	4,50%	4,5%	77,0%	50,0%	54,5%	9,1%	4,5%
Conjunto Antonio Rodeline	0 %	0%	66,6%	33,3%	33,3%	0%	0%
Jardim Copacabana	12%	16%	60%	24%	28%	8%	16%

Fonte: Pesquisa de Campo
 Org.: Cláudio C. S. Nogueira

Com relação aos serviços/atividades procurados em Dourados, percebemos que os entrevistados da área central procuram a cidade vizinha com maior freqüência, principalmente devido seus serviços médico/hospitalares, oferta de centros de lazer e opções para compra. Em segundo lugar destaca-se a Vila Irmã Daniela, seguida do Jardim Copacabana e finalmente do Conjunto Antonio Rodeline.

Dentre os bairros analisados, percebemos que o único que não possui entrevistados que trabalham ou estudam em Dourados é o Conjunto Antonio Rodeline. A realidade contribui para a ideia de que a cidade média necessita de mão de obra mais especializada, haja vista que, no referido conjunto, o nível de escolaridade dos entrevistados é inferior aos demais bairros escolhidos para a pesquisa. As palavras de Calixto *et al*, com base em Davidovich, se referindo às cidades médias, ajudam a fundamentar a realidade exposta.

No início da década de 1990, Davidovich ressalta a existência de um Brasil urbano não metropolitano, composto por mais de uma centena de cidades que se articulam em torno de determinadas atividades, constituindo-se como locais de moradia da classe média e *locus* do trabalho intelectual e também locais de novos e sofisticados serviços associados aos transportes, à informação, à comunicação, à educação e saúde, ao turismo, dentre outros. Esses centros seriam as cidades médias dinamizadas pela expansão do meio técnico-científico-informacional, ampliando o processo de urbanização e conseqüentemente, os papéis urbanos (Relatório ReCiMe - 2010, p. 04).

Nas relações/articulações entre Itaporã e Dourados, tornam-se claros os papéis urbanos das duas cidades, a primeira como uma cidade de pequeno porte com atrativos relacionados à moradia e a segunda como fornecedora de serviços urbanos especializados e trabalho,

reforçando sua característica de cidade média. Assim, as pessoas residem em Itaporã e trabalham em Dourados. Os depoimentos a seguir ajudam a reforçar a premissa.

“Moro em Itaporã porque a cidade é mais tranquila para criar os filhos e se viver” (Professora, moradora da área central).

“Boa parte do meu trabalho concentra-se em Dourados, porém resido em Itaporã pelas boas condições que a cidade oferece” (Advogado, residente na área Central).

“Já trabalhei em Dourados, no momento estou apenas fazendo mestrado na UFGD. Moramos em Itaporã, pois meu esposo trabalha na empresa Mar e Terra e é um local tranquilo” (Professora, moradora no Jardim Copacabana).

“Moro em Itaporã porque não quero pagar aluguel em Dourados, a casa que moro é minha, pago a prestação e o aluguel em Dourados é muito caro” (Segurança, moradora no Jardim Copacabana).

Os depoimentos reforçam a ideia de que as cidades pequenas são procuradas como local de moradia, devido à tranquilidade e baixo custo de vida, principalmente relacionado ao preço dos imóveis ou aluguéis, enquanto que as cidades médias exercem papel de atrair mão de obra, principalmente as consideradas mais especializadas.

“Moro aqui em Itaporã, porque aqui só é bom para se morar e outro motivo é que aqui eu ganhei uma casa e lá em Dourados eu preciso ainda comprar ou pagar aluguel” (Motorista, residente na Vila Irmã Daniela).

“Trabalho autônomo, sou prestador de serviços. Tenho muitos clientes em Dourados e canto nas noites de quinta-feira numa casa noturna ou clube de bailes nos finais de semana. Moro em Itaporã pela facilidade em ir até Dourados e porque tenho casa aqui” (Marceneiro e músico, residente na Vila Irmã Daniela).

Os depoimentos nos ajudam compreender melhor a dinâmica e as relações/articulações entre Itaporã e Dourados. Assim, no decorrer da pesquisa, perguntamos a opinião dos moradores sobre as condições de vida na cidade de Itaporã e o que precisa mudar. Percebemos que a maioria dos entrevistados da Vila Irmã Daniela reclamou da ausência de trabalho. Esse motivo contribui para o deslocamento dos moradores a Dourados, pois a minoria dos entrevistados desse bairro desloca-se para a cidade vizinha por motivo de trabalho.

Outro fator relevante é a realidade dos serviços de saúde em Itaporã. Com relação a isso, 90% dos entrevistados do Conjunto Irmã Daniela levantaram críticas, sobretudo à falta

de iniciativas por parte dos governantes em maiores investimentos, principalmente relacionados à contratação de médicos especialistas, que não existem na cidade, exceto clínico geral e pediatra que não conseguem atender à demanda. Outra insatisfação se refere à inexistência de UTI e aparelhagem mais sofisticadas na cidade, sendo que os casos mais complicados necessitam ser encaminhados para Dourados. Os depoimentos abaixo reforçam essa realidade.

“Em Itaporã, ainda precisa melhorar muito, principalmente na oferta de emprego. É uma cidade boa pra criar os filhos, mas precisamos de melhoras na saúde e na oferta de empregos” (morador na Vila Irmã Daniela).

“Aqui é um lugar tranquilo, ainda bom para educar os filhos, tanto na vida civil, como na religiosa, mas na parte do trabalho e da saúde está longe de ser bom” (morador na Vila Irmã Daniela).

Os depoimentos contribuem para reforçar que a cidade pequena é vista como mais tranquila, em relação às cidades grandes ou médias. A opinião dos moradores da área Central da cidade é praticamente a mesma do bairro citado anteriormente. 100% dos entrevistados reclamam da ausência de trabalho e das péssimas condições nos serviços relacionados à saúde e ao lazer, que é praticamente inexistente na cidade.

“Itaporã é uma cidade boa para se morar, porém para o trabalho, saúde deixa a desejar. Acredito ser a saúde um fator importante e que precisamos de melhores condições e recursos” (Professora, residente na área Central).

“Itaporã está bom, porém se tivéssemos melhores médicos e melhores condições de estrutura na área de saúde, estaríamos perto de uma cidade muito boa mesmo” (Vendedor, residente na área Central).

“Itaporã é uma cidade tranquila, com pessoas de bem. No entanto, precisamos de empregos, lazer e saúde. É necessário prioridade também nos serviços médico-hospitalares e no saneamento básico” (Funcionária pública, residente na área Central).

“Na minha opinião, a qualidade de vida em Itaporã é muito boa quando comparada a outras cidades. Apenas na questão da saúde é que necessita de implementação” (Advogado, morador na área Central).

Apresentamos apenas alguns depoimentos, mas a partir dos mesmos, desponta-se a necessidade de investimentos nos serviços relacionados à saúde, educação, lazer, saneamento básico e, sobretudo, na oferta de emprego.

A opinião dos entrevistados dos bairros periféricos não difere dos relatos acima, porém as reivindicações/indagações não se referem apenas à questão da saúde e da ausência de empregos, mas também a infraestrutura, saneamento básico e equipamentos urbanos como asfalto, telefone público, rede de esgoto, melhoria na coleta do lixo, etc.

“Itaporã é um lugar bom para se morar o que falta é condições melhores para dar trabalho para o povo e um salário justo, pois se trabalha muito e se ganha pouco” (Autônoma, Moradora no Jardim Copacabana).

“O que precisamos na cidade é emprego, UTI, médicos bons, e investimentos na periferia. Meu bairro necessita de muitas melhoras, principalmente creches” (Dona de casa, moradora no Conjunto Antonio Rodeline).

“As condições de vida em Itaporã são boas, mas necessitamos de maiores investimentos na saúde, saneamento e ter mais projetos para adolescentes como oficinas, por exemplo.” (Conselheira Tutelar, residente no Jardim Copacabana).

Nesse sentido, percebemos que mesmo sendo considerada por muitos como uma cidade tranquila, a realidade de Itaporã não difere das cidades de maior porte, principalmente no que se refere às contradições socioespaciais e à ausência de comprometimento por parte do poder público para que a população tenha uma melhor qualidade de vida, com saúde, educação, moradia, saneamento básico, segurança, infraestrutura, etc.

Com relação à atuação do poder público local nos setores de educação, saúde, saneamento básico, infraestrutura, lazer e moradia na cidade de Itaporã, realizamos uma enquete nos bairros escolhidos para análise e percebemos que parcela significativa dos que responderam a enquete não está satisfeita com as “ações” dos governantes.

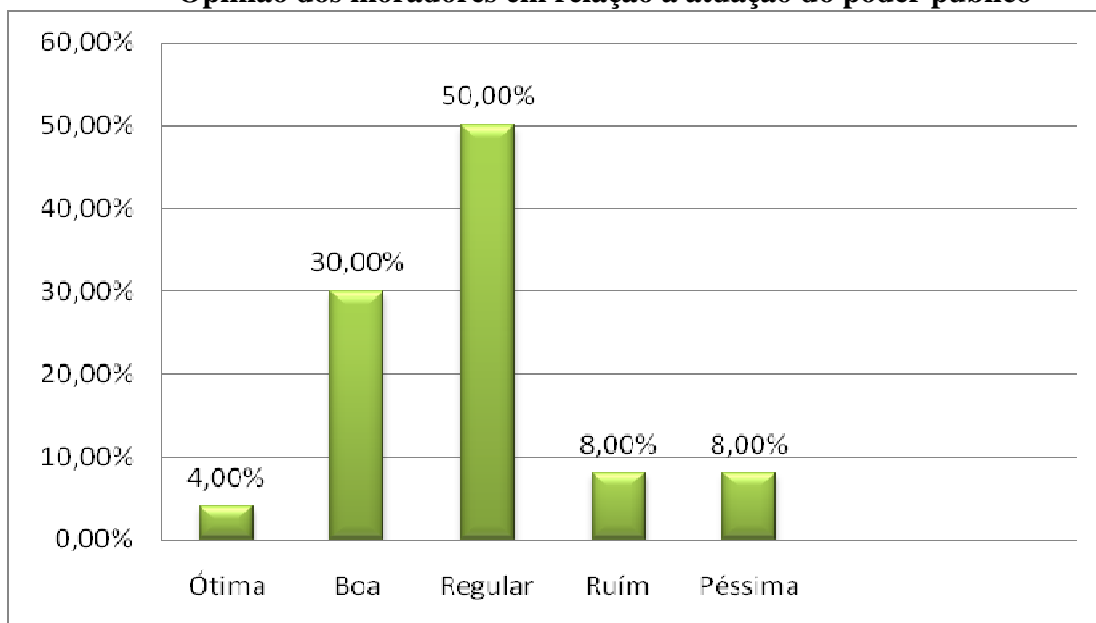
Na área Central da cidade 50% dos entrevistados afirmaram que a atuação do poder público em educação, saúde, saneamento básico, etc. é regular; 30% consideram como boa; 8% ruim; 8% péssima e apenas 4% dos moradores afirmaram que os governantes possuem uma ótima atuação (Figura 20).

Vale reforçar a discussão anterior, a respeito dos serviços procurados pela população da área central, na cidade de Dourados, em que 25,9% dos entrevistados estudam na cidade vizinha e 99% busca atendimento médico-hospitalar. Esses dados coincidem com o percentual que considera regular a atuação do poder público local.

“Considero a atuação do poder público péssima, pois os serviços não são oferecidos por faltas de verbas, e sim, falta de projetos administrativos” (Funcionária pública, residente na área Central).

FIGURA 20
ITAPORÃ-MS (2011)
ÁREA CENTRAL

Opinião dos moradores em relação à atuação do poder público



Fonte: Pesquisa de Campo
Org.: Cláudio C. S. Nogueira

É visível a insatisfação com relação à atuação do poder público local. Se somarmos o percentual dos que consideram regular, ruim e péssima, teremos um resultado de 66%, contra 30% dos que consideram boa e 4% dos que afirmaram que a atuação do poder público é ótima.

Nesse sentido, o depoimento a seguir confirma os dados da figura 19.

“Analiso como ótima a atuação do poder público, na educação as escolas estão bem equipadas, oferecendo material didático e uniforme. Quanto ao saneamento básico, **pelo menos onde eu moro o funcionamento é perfeito**. Em relação à moradia temos no município o maior programa habitacional do estado. Deixa a desejar apenas na saúde, que não tem um hospital capaz de atender casos graves e complexos e também no campo do lazer, sem muitas opções para a população” (Advogado, residente na área Central).

Vale ressaltar que, conforme a pesquisa de campo, a opinião acima não condiz com a dominante, pois poucos entrevistados julgaram ótima a atuação do poder público. Outro fator relevante, é que a realidade pontuada anteriormente permanece apenas no discurso, pois o entrevistado não utiliza tais serviços públicos em Itaporã, pois seus filhos estudam em escola particular. A realidade demonstra que na pequena cidade é considerável o descrédito em

relação à atuação do poder público, por parte da população, porém a minoria “privilegiada”, principalmente os envolvidos na questão política, contradiz a opinião dos demais.

“Cabe ao poder público se empenhar cada vez mais, para proporcionar aos seus moradores melhores condições de vida com saúde e educação de qualidade, empregos, lazer e moradia. Atualmente, tanto aqui, como em todo o Brasil, o poder público não tem feito o seu papel” (Funcionária Pública, moradora na área Central).

“Dentro das possibilidades poderia ser melhor, porque o imposto recolhido é muito alto. A saúde deveria ser melhor e os empregos também. O assistencialismo é muito grande” (Dona de casa, residente na área Central).

A partir dos depoimentos, percebe-se a necessidade de maiores investimentos em Itaporã. Vale ressaltar a questão do assistencialismo, como pontuado acima, que existe, no local, porque o poder público tenta compensar a falta de comprometimento com tais práticas. Isso ocorre com mais frequência nas proximidades de eleições, reforçando o exposto pela maioria dos entrevistados.

É comum, na cidade, o “revezamento” político, em que os mesmos partidos ou pessoas permanecem por vários anos no poder. As reflexões de Endlich, embora se refiram à realidade do estado do Paraná, contribuem para exemplificar tal situação:

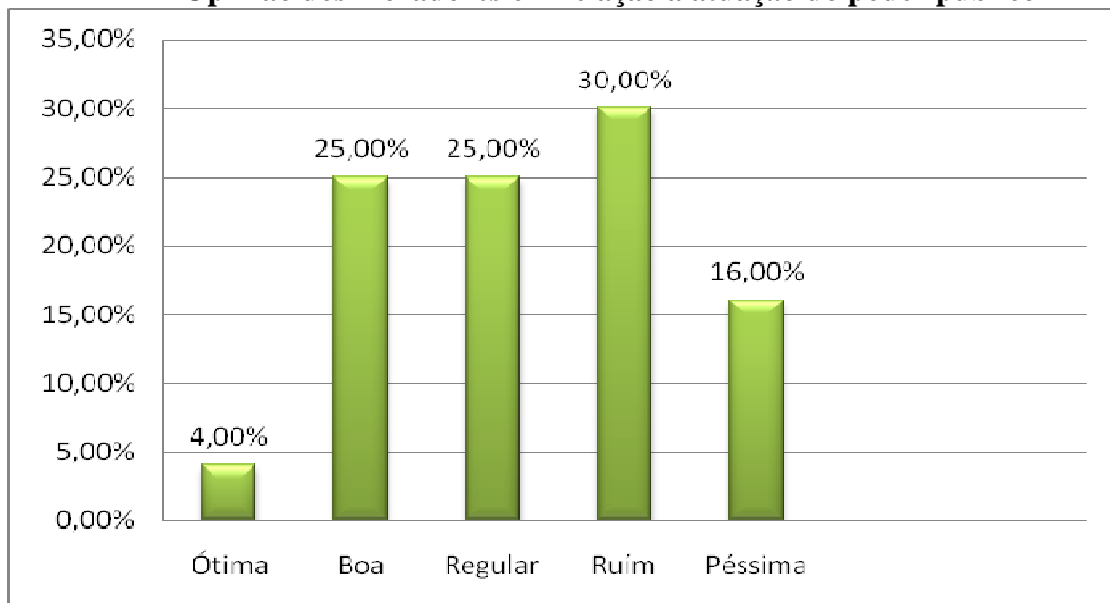
Nas pequenas cidades, de maneira geral, é por ocasião das eleições que ocorrem explicitamente os conflitos políticos, quando se aceita a situação e a oposição. É comum a formação de grupos que se revezam no poder, inclusive por meio de alternância com os mesmos nomes (2009, p. 305).

Nesse sentido, podemos inferir que esses governantes, ao concorrerem às eleições, têm como prioridades conseguir, por meio do voto da população, benefícios próprios. Nas proximidades das eleições tornam-se muito comuns práticas consideradas ilícitas, por parte de alguns candidatos, relacionadas à compra de votos, principalmente da população mais carente.

Prosseguindo a análise sobre a atuação do poder público, na cidade de Itaporã, percebe-se que na Vila Irmã Daniela, a maioria dos entrevistados consideram regular (25%); ruim (30%) e péssima (16%); 25% a considera como boa e 4% como ótima (Figura 21).

FIGURA 21
ITAPORÃ-MS (2011)
VILA IRMÃ DANIELA

Opinião dos moradores em relação à atuação do poder público



Fonte: Pesquisa de Campo
Org.: Cláudio C. S. Nogueira

A seguir, apresentaremos alguns depoimentos sobre a opinião dos moradores da Vila Irmã Daniela em relação às intervenções do poder público em melhorias urbanas.

“Em Itaporã existe uma ação monopolizada em relação ao papel do poder público” (Motorista).

“Infelizmente o poder público está nas mãos de empresários que a cada eleição decide a quem querem dar o poder. A democracia (povo e poder), não existe em Itaporã. Está o caos” (Trabalhador autônomo).

“Nos últimos quinze anos houve um crescimento acentuado da população, aí os serviços estruturais ficaram aquém das necessidades da população, mas mesmo assim ocorrem ações pontuais em educação, moradia, saneamento, etc. (Técnico rural).

A partir da análise da opinião dos moradores, podemos refletir sobre a existência de acordos entre políticos e empresários na época de eleições, para manter no poder os que possam, de alguma maneira, favorecer a minoria que domina o capital e determinam as ações públicas, demonstrando que o poder político está atrelado ao poder econômico.

Segundo Endlich:

Não há abertura política e nem são comuns contestações, bem como são praticamente inexistentes os canais de participação. O comando político constrói-se com base nessas facções e na figura da autoridade política, que não dispensa a referência ao coronelismo, outro forte componente da política local em pequenas cidades (2009, p. 306).

Nesse viés, ainda percebemos nas pequenas cidades a presença do chamado “coronelismo”. Assim, o poder público, se compromete com tais empresários que, na maioria das vezes, financiam suas campanhas e o resultado desponta para falta de investimentos em melhorias em saúde, educação, lazer, infraestrutura, saneamento básico, etc. (Foto 20). Exemplificando o exposto, ressaltamos que dentre os empresários que “contribuem” financeiramente para as campanhas eleitorais destaca-se o proprietário da empresa de armazéns para secagem de produtos agrícolas, empresa esta considerada uma das mais importantes da cidade.

FOTO 20



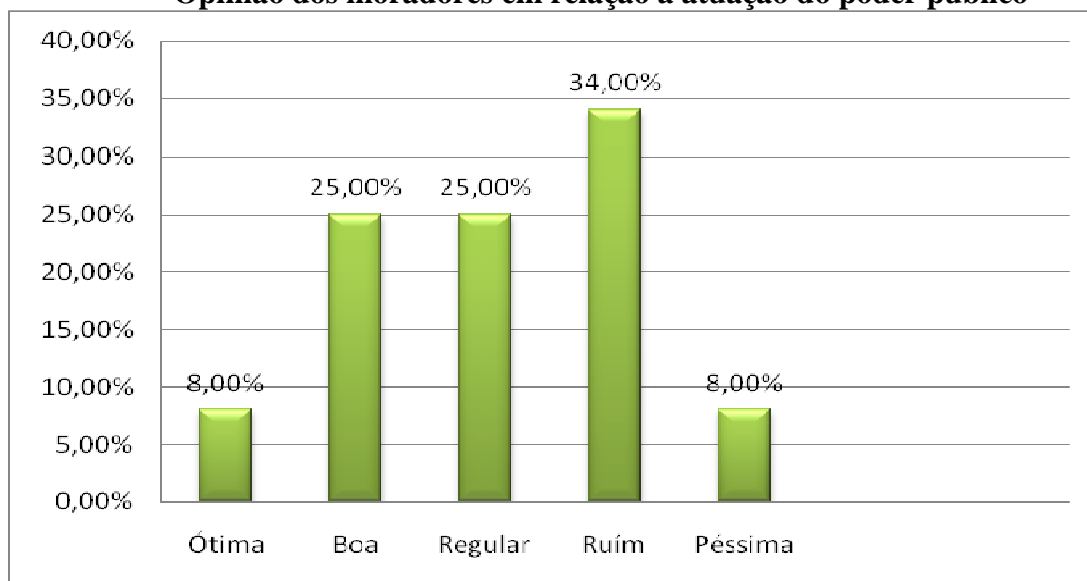
Itaporã-MS (2010) - Alagamento na Vila Irmã Daniela
Foto: Cláudio C. S. Nogueira

No Conjunto Antônio Rodeline, a opinião dos entrevistados não difere da dos outros bairros. Assim, 8% consideram ótima a intervenção dos governantes; 25% avaliaram como boa; 25% consideraram regular; 34% ruim e 8% afirmaram que a atuação do poder público em Itaporã é péssima (Figura 22).

Nesse sentido, afirmamos que a população de baixa renda é a mais prejudicada devido à falta de comprometimento político e investimentos públicos. A população do referido conjunto habitacional reclama a ausência de equipamentos urbanos no bairro, principalmente

creches, já que as mães enfrentam dificuldades para transportarem os filhos geralmente de bicicletas, haja vista a considerável distância entre o bairro e a área Central. Segundo as entrevistadas, nos meses de inverno ou dias chuvosos a situação é ainda mais grave.

FIGURA 22
ITAPORÃ-MS (2011)
CONJUNTO ANTÔNIO RODELINE
Opinião dos moradores em relação à atuação do poder público



Fonte: Pesquisa de Campo
Org.: Cláudio C. S. Nogueira

Conforme já pontuado, tornam-se claras as contradições socioespaciais e, nesse sentido, podemos salientar a realidade do Conjunto Antônio Rodeline, em que seus moradores se encontram numa situação de descontentamento com o poder público.

A análise dos dados da figura 20 permite observar que 66% dos entrevistados não aprovam a situação vivenciada. Assim, parcela dos indivíduos da cidade não possui efetivamente o “direito à cidade”, e nesse caso, não se referindo apenas à existência de moradia digna, mas também a outras necessidades primordiais, como por exemplo, o acesso a saúde e educação de qualidade, lazer, saneamento básico, etc.

Nesse contexto, Calixto (2008), com base em Carlos (2004), afirma:

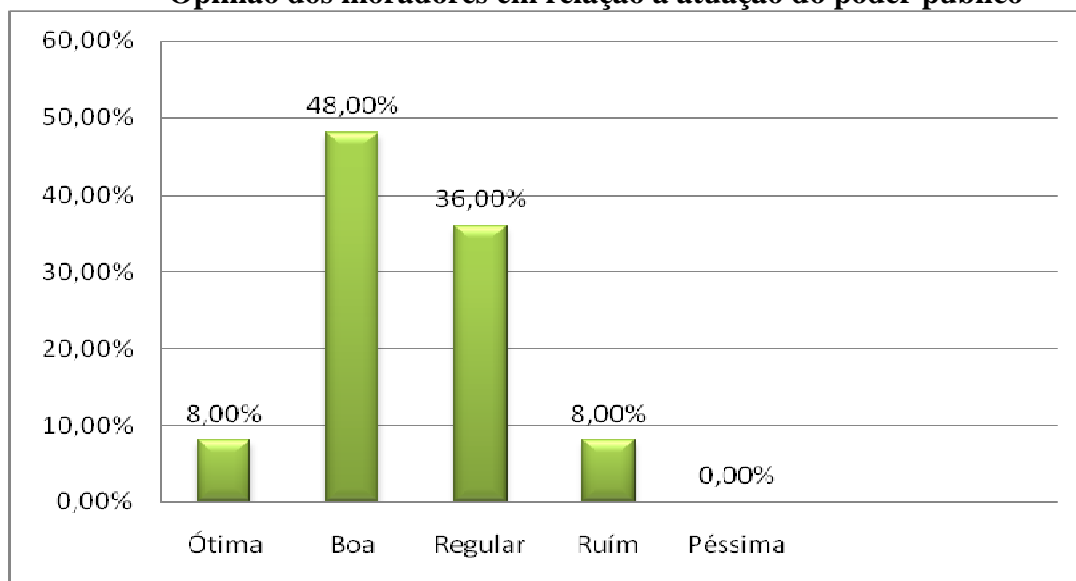
Essa realidade se agrava quando consideramos que o tratamento dado à problemática habitacional, na maioria das vezes, fica reduzido à gestão da cidade, desconsiderando a desigualdade/conflitos que estão na base ou que fundamentam a produção do espaço urbano. Nesse sentido, nega-se o “direito à cidade” em sua forma plena, reduzindo esse direito à provisão de moradias, ignorando as contradições e tentando esconder o caráter dominador-estratégico-político-eleitoreiro das ações do poder público. Essa

relação caracteriza o que Carlos (2004) chama de esvaziamento do sentido do direito à cidade, na medida em que há o deslocamento do social para o plano político (2008, p. 159).

Assim, há a negação do que é considerado como direito dos moradores, acentuando as desigualdades socioespaciais. Nessa questão o poder público se revela como um agente desencadeador, dentre outros fatores, do que Carlos (2004) chama de esvaziamento do “direito a cidade”.

A opinião dos moradores do Jardim Copacabana, em relação ao papel desempenhado pelo poder público em Itaporã, revela que contraditoriamente aos dados predominantes nos demais bairros, a maioria dos entrevistados considera como boa e ótima a atuação do poder público (Figura 23).

FIGURA 23
ITAPORÃ-MS (2011)
JARDIM COPACABANA
Opinião dos moradores em relação à atuação do poder público



Fonte: Pesquisa de Campo
Org.: Cláudio C. S. Nogueira

Os dados indicam que 8% dos entrevistados do Jardim Copacabana consideram como ótimo o desempenho do poder público na cidade; 48% afirmaram que a atuação é boa; 36% a consideram como regular e 8% como ruim.

Vale reforçar que este foi um dos últimos loteamentos implantados na cidade, no ano de 2009, e conta com poucos investimentos relacionados à infraestrutura equipamentos e serviços urbanos.

A realidade descrita não difere Itaporã de uma cidade de maior porte. Conforme já pontuamos, existem “problemas urbanos”, relacionados à precariedade na questão da moradia, falta de recursos para a saúde (em relação à insuficiência de postos de saúde, ausência de UTI e aparelhos sofisticados no hospital e médicos especialistas), há deficiência nos setores de infraestrutura e saneamento básico, ausência de áreas de lazer, dentre outros. Apesar de tudo isso, a cidade destaca-se pela considerável procura por moradia.

Nesse viés, conforme a pesquisa de campo, consideramos que a procura por moradia, em Itaporã explica-se por suas características enquanto uma cidade de pequeno porte, principalmente relacionado ao pequeno fluxo de pessoas e automóveis, colocando-a numa condição de cidade pacata. Outro fator relevante é a proximidade da cidade de Dourados, que desempenha na rede urbana regional papel de uma cidade média. A realidade aponta para um significativo crescimento demográfico em Itaporã, enquanto que Dourados, segundo dados do IBGE, apresentou na última década crescimento mais lento.

Com relação às características das pequenas cidades, Endlich, em pesquisa realizada afirma:

Nas pequenas cidades, é possível percorrer alguns trajetos cotidianos a pé, e mais, caminhar devagar, pois não há uma multidão impondo um ritmo forçado. Então a tranquilidade está relacionada a outro item apontado pelos respondentes – a facilidade de locomoção, pela proximidade que permite o pedestrianismo ou pelo trânsito descongestionado para os que utilizam veículos automotores. Essas percepções também decorrem de uma apreciação comparada a outros ritmos impostos por outros cotidianos, marcados pela sofreguidão. De qualquer maneira, as manifestações locais mostram que se tem consciência desse atributo e o fato de emergir de maneira tão contundente o sagra como algo valorizado por seus moradores (2009, p. 291).

Nesse sentido, outra maneira de caracterizar as pequenas cidades está relacionada às relações de vizinhança, ao maior acesso aos fatos que acontecem com as pessoas na cidade, já que praticamente todos se conhecem. É muito comum em Itaporã, como em outras cidades de pequeno porte, as relações mais afetivas entre as pessoas, atreladas a esse ritmo mais lento, que não mais existe nas cidades maiores. “As pequenas cidades são parte do urbano marcado por um ritmo mais lento e humanizado” (Endlich, 2009).

Em seu estudo, relacionado às pequenas cidades no estado do Paraná, Endlich, aponta que:

Outros elementos destacados pelos respondentes estão vinculados à afetividade e ao apreço, que comparece nas menções de relações familiares e de amizade referentes ao lugar, tendo em vista o enraizamento e a adaptação, e ainda de forma mais específica à casa, aos eventos e à dimensão lúdica.

Apesar de terem sido apontados como atributos separados, na realidade os elementos assinalados são combinados, pois as relações familiares e de amizade mais intensas estão ligadas ao ritmo mais tranquilo e simples de vida que, por sua vez, tem relação com a proximidade física e social (2009, p. 295).

A realidade exemplifica o ritmo da vida em Itaporã, em que parcela significativa das pessoas ainda tem o hábito de sentar em frente às suas casas, principalmente para conversar e/ou tomar o tereré. As crianças ainda utilizam a rua como área de lazer, onde ainda se presencia brincadeiras tidas como antigas. Aos domingos, jovens, principalmente das áreas periféricas, se concentram na praça central (Foto 21), onde se encontra o calçadão municipal, considerado única área destinada ao lazer na cidade, local em que é realizada a denominada “Paquera na Avenida” (Foto 22).

FOTO 21



Itaporã-MS (2010) - Área Central (Praça/Calçadão)
Fonte: Foto Santana

FOTO 22



Itaporã-MS (2011) - (Praça central – “Paquera na Avenida”)

Fonte: www.itaporanews.com.br

Grupos de jovens mantêm relações com a igreja, através das missas ou cultos, encontros de jovens, festas religiosas (porém já com caráter econômico), promoções para ajudar alguém com necessidade, bazares de roupas usadas, visando arrecadar fundos para entidades ligadas à saúde ou assistência social. Enfim, mesmo com a imposição do novo, do moderno, da tecnologia, ainda persistem nas pequenas cidades e, sobretudo, em Itaporã, relações tradicionais marcadas pela afetividade.

Em relação à questão da religiosidade em Itaporã, destaca-se considerável quantidade de centros religiosos, para uma cidade considerada de pequeno porte. Segundo pesquisa de campo, percebe-se que Itaporã conta com 5 unidades da Igreja Católica e 24 unidades de Igrejas Evangélicas e 1 Centro Espírita (Quadro 11), perfazendo um total de 30 centros.

QUADRO 11
ITAPORÃ-MS 2011
CENTROS RELIGIOSOS

CENTROS RELIGIOSOS	QUANTIDADE	CENTROS RELIGIOSOS	QUANTIDADE
Igreja Católica	05	Batista	01
Assembléia de Deus	05	Mundial do Poder de Deus	01
Deus é Amor	03	Cristã	01
Presbiteriana	02	Internacional da Graça	01
Quadrangular	01	Jerusalém Avivamento	01
Deus é Verdade	01	Testemunhas de Jeová	01
Estrela da Manhã	01	Comunidade Vida e Paz	01
Comunidade Sara Nossa Terra	01	Centro Espírita	01
Universal do Reino de Deus	01	Adventista	02
TOTAL		30	

Fonte: Pesquisa de Campo
Org.: Cláudio C. S. Nogueira

Dentre as características da cidade de Itaporã, está presente o papel exercido pelas igrejas sobre a população. Constantemente ocorrem festas com objetivo de arrecadação, principalmente na Igreja Católica, conforme já pontuado. A realidade contribui para intensificação de laços de afetividade entre as pessoas, que nas cidades grandes ou médias tornam-se mais restritos.

Caracterizando as pequenas cidades Endlich afirma:

... as relações familiares e de amizade mais intensas estão ligadas ao ritmo mais tranquilo e simples de vida que, por sua vez, tem relação com a proximidade física e social. Os vínculos de afetividade confundem-se à afeição pelo espaço, tornando-o singular pelos laços específicos que cria. Comumente **em pequenas cidades, o isolamento é pouco freqüente**, o que amplia o significado dessas localidades no que se refere à sociabilidade que promove (2009, p. 295 – Grifo nosso)

São consideráveis as diferenças entre o ritmo da vida nas cidades pequenas em relação às de maior porte. Predominam nos centros menores relações de amizade ou até mesmo familiares mais intensas, devido a proximidade entre as pessoas. Mesmo com as transformações socioespaciais em Itaporã, permanecem relações de afetividade entre os moradores.

Enquanto ainda persistem relações consideradas mais tradicionais, se intensificam também as articulações com a cidade de Dourados, principalmente atreladas à procura por produtos, equipamentos (e, nesse caso, também para a área rural), serviços médicos-

hospitalares, escolas e universidades, conforme já pontuamos. Nesse sentido, Dourados se efetiva enquanto uma cidade média que polariza a região, sobretudo do seu entorno mais imediato.

Bessa, ao se referir às cidades médias e suas relações com as menores aponta o seguinte:

O desenvolvimento econômico nessas cidades é também visível em função da concentração e diversificação das atividades comerciais e de serviços, ambas aliadas à ampliação do consumo, o que inclui a instalação das modernas formas de consumo – hipermercados e *shopping Center*, assim como os consumos vinculados à educação, saúde, cultura, lazer e outros, apontando para a existência de segmentos socioeconômicos de maior poder aquisitivo, quer dizer, de uma classe média urbana, e indicando estratégias eficientes no sentido de capturar consumidores numa escala regional, seja de outras cidades, seja dos espaços rurais modernizados (2005, p. 1924).

Assim, se efetivam as relações/articulações entre Itaporã e Dourados, em que, a primeira desponta como uma cidade com características de ambiente tranquilo e, nesse sentido, é procurada como local para moradia, exercendo, na rede urbana regional, papel de cidade dormitório, enquanto que Dourados exerce papel articulador entre as cidades pequenas e o campo, a partir da oferta de produtos e serviços especializados.

Sobre as relações entre Dourados e as cidades do sul do estado, Silva afirma:

Com relação à área de influência de Dourados de acordo com a Regic (2000), esta abrangia 26 centros e 450.922 habitantes. Por sua vez, os dados da Regic (2008), mostram que Dourados ampliou a sua área de influência, com a participação de 33 centros de ligação imediata [...]. Os municípios que compõem a região de influência de Dourados, segundo os dados da Regic (2008), são: Angélica, Caarapó, Deodápolis, Douradina, Fátima do Sul, Glória de Dourados, **Itaporã**, Ivinhema, Jateí, Juti, Laguna Carapã, Maracaju, Novo Horizonte do Sul, Rio Brilhante, Sete Quedas, Tacuru, Vicentina, Coronel Sapucaia, Paranhos, Eldorado, Iguatemi, Japorã, Terra Roxa/PR, Itaquiraí, Antônio João, Aral Moreira, Caracol, Ponta Porã, Naviraí, Mundo Novo, Amambai, Guairá/PR e Bela Vista (2011, p.48- Grifo nosso).

E continua:

A articulação desses municípios com Dourados ocorre fortemente no consumo de bens e serviços ligados à agricultura, ao atendimento médico-hospitalar e de ensino superior. Desse modo, apresentamos a cidade de Dourados como possibilidade de compreendê-la como cidade média, em razão das relações que estabelece com seu entorno, da influência que exerce, dos serviços que oferece, da dinâmica econômica que desenvolve, bem como da importância e do estratégico papel de centro gestor regional no estado de Mato Grosso do Sul (2011, p. 51).

Percebemos que Dourados, exerce um “comando” sobre as demais cidades do sul do estado, reforçando o seu papel de centro polarizador na rede urbana regional. Nesse sentido, é intensa a relação entre Dourados/Itaporã, nos aspectos relacionados ao lazer, saúde, educação, comércio, serviços urbanos especializados, etc.

Em contrapartida, Itaporã apresenta expansão territorial urbana, como consequência da procura por moradias nos últimos anos, acarretando transformações no espaço físico e nas relações sociais. Por outro lado, a expansão urbana não é acompanhada de investimentos em infraestrutura, lazer, saneamento básico, “moradia digna”, saúde de qualidade, etc. intensificando as disparidades e contradições socioespaciais.

Assim, é visível a situação de interdependência entre os dois centros, em que, mesmo possuindo papéis e funções diferenciados, se articulam na rede urbana regional a partir da procura por moradias, no caso de Itaporã, e de serviços urbanos especializados, lazer, produtos, empregos, dentre outros, na cidade de Dourados. A realidade contribui para intensificar as relações/articulações entre as cidades.

*"Antigamente a cidade era o mundo, hoje o mundo
é uma cidade."*

Lewis Mumford

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa teve como propósito analisar as relações entre uma cidade considerada pequena e uma considerada média. Assim, procuramos apontar alguns elementos que se fazem presentes a partir das relações/articulações estabelecidas entre as cidades de Itaporã e Dourados.

Tentamos compreender alguns aspectos dessas cidades considerando os papéis desempenhados, buscando destacar elementos que caracterizam uma relação de interdependência. Assim, a pesquisa não se preocupou em elaborar uma classificação das cidades como pequenas ou médias, mas tentou analisá-las a partir de suas relações/articulações.

As cidades do sul do estado de Mato Grosso do Sul se redefinem, dentre outros fatores, com a mecanização da agricultura, a partir da década de 1970, momento em que parcela da população rural se dirige para a cidade, como consequência das mudanças nas relações de trabalho e de produção no campo.

Com o advento do meio *técnico-científico-informacional*, as mudanças nas relações de trabalho e de produção tornam-se mais intensas, implicando em transformações nos papéis urbanos. Nesse contexto, a denominada hierarquia urbana, ganha nova característica, pois por menor que possa ser, determinado centro urbano, pode estabelecer as relações em escala nacional e/ou global, sem necessariamente passar pela regional. Essa realidade é percebida em Itaporã, que possui vínculos econômicos externos, definidos a partir da exportação de produtos da agropecuária e, sobretudo, do frigorífico Mar e Terra (exportador de peixes).

Itaporã possui, segundo os dados divulgados pelo IBGE no ano de 2010, população de 20.879 habitantes. Levando em consideração o número populacional e, sobretudo, os papéis urbanos estabelecidos, é considerada como uma cidade de pequeno porte, que apresenta relativo crescimento, tanto no viés populacional, como na expansão do tecido urbano.

Vale ressaltar que, mesmo considerada uma cidade pequena, Itaporã desempenha importante papel regional, a partir da produção de cereais, da pecuária e principalmente da exportação de peixes para países como Estados Unidos, Japão, Inglaterra, dentre outros. Percebe-se considerável interdependência com a cidade de Dourados, nos mais diversos aspectos, como econômico, comercial, de lazer e serviços urbanos especializados, reforçando os seus papéis urbanos na rede urbana regional.

Assim, compreendemos que o espaço urbano de Itaporã, se redefine, dentre outros fatores, devido às relações/articulações estabelecidas com Dourados, tanto pela proximidade, quanto pelos papéis assumidos por estas cidades.

Nos últimos anos, foi considerável a implantação de novos bairros e/ou loteamentos na cidade de Itaporã, tanto pela iniciativa pública, como pela privada. Esse cenário se reforça à medida que se torna cada vez mais comum pessoas optarem por morar em Itaporã, se deslocando diariamente para Dourados, para trabalhar, consumir determinados tipos de produtos ou serviços, tais como: ensino superior, serviços médico-hospitalares mais especializados, atividades de lazer, etc.

Considerando que atualmente as cidades médias intensificam a relação/articulação com as cidades de menor porte, pois abrigam maior conteúdo da ciência, de tecnologia e informações, além do desenvolvimento de novas dinâmicas, por acolherem atividades relacionadas ao comércio e serviços urbanos especializados, essa realidade reforça e assegura o papel de Dourados como cidade média. A ampliação e concentração de atividades consideradas modernas em Dourados redefine sua espacialidade, seus conteúdos e suas relações/articulações com o entorno, reforçando seus papéis regionais.

Por sua vez, a reprodução do espaço urbano, e o próprio papel desempenhado por Itaporã, ocorre atrelado a Dourados, pois enquanto Itaporã se caracteriza como uma cidade pequena, com papéis urbanos pouco expressivos, Dourados tem seus papéis redefinidos em razão da presença e papel das cidades de menor porte do seu entorno.

Embora se caracterize por ser considerada uma cidade dormitório, a proximidade entre as duas cidades impõe redefinição socioespacial em Itaporã, pois nos últimos anos, conforme já pontuamos, apresenta significativa expansão urbana.

Sendo assim, pensar as relações entre Dourados e Itaporã implica compreender as dinâmicas econômica, social e cultural. Nota-se que mesmo com a proximidade de Dourados, que apresenta um comércio mais diversificado, ainda persistem em Itaporã estabelecimentos considerados tradicionais, que contribuem para desmistificar a ideia de que o moderno substitui o tradicional. Muitos estabelecimentos comerciais de Itaporã está presente na cidade desde a década de 1970.

Mesmo com a proximidade de Dourados, o comércio local persiste. Por sua vez, proprietários de estabelecimentos comerciais de Itaporã compram por atacado no comércio de Dourados para revenderem, reforçando a relação de interdependência entre as duas cidades.

Outro fator relevante refere-se ao papel polarizador de Dourados nos serviços de educação e saúde. Nesse sentido, é considerável a procura por serviços médicos e clínicas especializadas. Na questão educacional, os dados demonstram, por exemplo, que Itaporã apresenta melhor desempenho no IDEB, porém é significativa a procura por escolas de educação básica em Dourados, além de universidades.

Com relação ao deslocamento Itaporã/Dourados, percebe-se que os moradores do centro da cidade, realizam esse percurso com maior frequência, principalmente para realização de compras, procura por lazer e serviços médico-hospitalares. A pesquisa revelou que quanto mais periférico o bairro, menor é o deslocamento para Dourados, como foi possível observar na análise do conjunto habitacional Antonio Rodeline. Assim, a própria frequência com que as pessoas se deslocam a Dourados, os serviços que procuram e os meios de transportes utilizados, contribuem para evidenciar as contradições socioespaciais na cidade de Itaporã.

Também vale reforçar que mesmo sendo uma cidade de pequeno porte, Itaporã também se depara com problemas semelhantes aos das cidades maiores. Com relação à questão da moradia, por exemplo, são construídos conjuntos habitacionais geralmente na periferia desprovida de meios de consumo coletivo urbanos básicos, com residências de tamanho exíguo, reforçando que as características da moradia variam de acordo com o poder aquisitivo.

Assim, se intensificam as relações/articulações entre Dourados/Itaporã, evidenciando a interdependência, reforçada principalmente em função da diversificação de bens e serviços presentes nas cidades médias. A própria relação que estabelece com Itaporã acaba por reforçar os papéis da cidade de Dourados como uma cidade média. Isso também é favorecido pela condição de acessibilidade, devido à proximidade e facilidade no deslocamento.

Tornam-se perceptíveis as relações de interdependência entre as duas cidades, desmistificando a ideia de que as cidades pequenas apenas dependem dos centros maiores. Enquanto Dourados exerce atração relacionada à procura por serviços urbanos especializados, empregos, lazer, dentre outros, Itaporã depende da mão-de-obra mais qualificada e, nesse sentido, apontamos como exemplo, que os funcionários que exercem cargos mais especializados, como é o caso dos gerentes da empresa Mar e Terra, residem em Dourados e se deslocam diariamente para Itaporã. Ao mesmo tempo, várias pessoas fazem o percurso inverso, principalmente para servirem de mão-de-obra no comércio de Dourados.

Outro fator que caracteriza tais relações refere-se ao papel desempenhado pelas imobiliárias de Dourados na comercialização de imóveis em Itaporã, reforçando a articulação entre as duas cidades.

As relações/articulações entre Itaporã/Dourados se efetivam também, em função da procura por mercadorias em Dourados pelos proprietários comerciais de Itaporã, que compram em Dourados, geralmente no Atacadão e no hipermercado Extra, para revenderem no varejo em Itaporã.

Nesse sentido, por meio da análise da realidade de Itaporã, na sua relação com Dourados, ressaltamos o papel regional de uma cidade média e as articulações com uma cidade pequena, no viés econômico, social, comercial, de lazer e serviços urbanos especializados, estreitando as condições de interdependência.

6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALCANTARA, Adriana Martins; SILVA, Elisabete Maria de Sousa. **A problemática habitacional em Itaporã-MS: o conjunto habitacional Waldomiro Ferreira dos Reis.** Dourados, 2003. Monografia (Bacharelado em Geografia) – UFMS/Câmpus de Dourados.

ARROYO, Maria Mônica. Dinâmica territorial, circulação e cidades médias. In: SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão (org.). **Cidades médias: produção do espaço urbano e regional.** Expressão Popular. São Paulo, 2006, p. 71-85.

ASMUS, Rosa Maria Farias. **Qualidade de vida na agricultura familiar.** (Tese de Doutorado) Universidade de Brasília. Centro de Desenvolvimento Sustentável. 2004.

ASSIS, Lenilton Francisco. **As redes de comércio e de serviços entre a cidade média de Sobral e algumas cidades pequenas da região norte do Ceará.** In: Anais do X Encontro de Geógrafos da América Latina. USP. São Paulo. 2005.

BERNARDELLI, Mara Lúcia Falconi da Hora. **As pequenas cidades na região de Catanduva – SP: papéis urbanos, reprodução social e produção de moradias.** Presidente Prudente, 2004. (Tese de Doutorado em Geografia) – FCT/UNESP.

BERNARDELLI, Mara Lúcia Falconi da Hora; MATUSHIMA, Marcos Kazuo. **Reprodução social e produção de moradias em pequenas cidades de Mato Grosso do Sul – Brasil.** In: Anais do Encontro de Geógrafos da América Latina, 2009.

BESSA, Kelly Cristine. **Reestruturação da rede urbana e meio técnico-científico-informacional: reflexões sobre as cidades médias brasileiras.** In: Anais do X Encontro de Geógrafos da América Latina. USP. São Paulo. 2005.

BIRDI, Juliana; SOARES, Beatriz Ribeiro. **A modernidade nos espaços rural e urbano das pequenas cidades do cerrado mineiro: estudo em Tupaciguara – Minas Gerais.** Disponível em <www.igeo.uerj.br/VICB-2004/Eixo1/E1_136.thm>. Acesso em julho de 2004.

CABULÃO, Welis Garcia; LUZ, Rogério Gregório; MAURÍCIO, Alexandre Zanan. **O processo de redefinição do espaço urbano de Itaporã-MS: uma análise do conjunto habitacional Coophaíta.** Dourados, 2004. Monografia (Bacharelado em Geografia)-UFMS/Câmpus de Dourados.

CALIXTO, Maria José Martinelli S. **O papel exercido pelo poder público local na (re) definição do processo de produção, apropriação e consumo do espaço urbano em Dourados-MS.** Presidente Prudente, 2000. (Tese de Doutorado em Geografia)-FCT/UNESP.

_____. **O espaço urbano em redefinição: cortes e recortes para a análise dos entremeios da cidade.** Dourados, 2008. Ed. UFGD.

----- **Produção, apropriação e consumo do espaço urbano: uma leitura geográfica da cidade de Dourados-MS.** Campo Grande, 2004. UFMS.

----- **Ensaando a reflexão sobre a produção habitacional nos municípios da Bacia do Médio Ivinhema-MS.** In: LAMOSO, Lisandra Pereira. Transportes e políticas públicas em Mato Grosso do Sul. UFGD. Dourados, 2008, p. 135 – 162.

CALIXTO, Maria José Martinelli Silva; BERNARDELLI, Mara L. F. da Hora; MATUSHIMA, Marcos Kazuo. **Os papéis da cidade de Dourados na rede urbana sulmatogrossense.** In. Anais do XVI Encontro de Geógrafos da América Latina. Porto Alegre, 2010.

CALIXTO, Maria José Martinelli S. **Análise dos agentes econômicos e da reestruturação urbana e regional em Dourados, uma cidade média do estado de Mato Grosso do Sul.** Dourados, 2010. (Relatório ReCiMe). FCH-UFGD.

CAMPOS FILHO, Cândido Malta. **O processo de urbanização visto do interior das cidades brasileiras:** a produção, apropriação e consumo do seu espaço. Cidades brasileiras: seu controle ou caos. São Paulo: Nobel, 1999, p. 45-70.

CARLOS, Ana F.A. **A cidade.** São Paulo: Contexto, 2001.

----- **O espaço urbano:** novos escritos sobre a cidade. São Paulo: Contexto, 2004.

CLAIR, Saint C. Trindade Jr (Org.). **Pequenas e médias cidades na Amazônia.** Belém, PA. UFPA e FASE-Amazônia, 2009.

CORRÊA, Roberto Lobato. **O espaço urbano.** São Paulo: Ática, 1989.

----- Globalização e reestruturação da rede urbana - uma nota sobre as pequenas cidades. In: **Revista Território**, ano IV, nº 6, jan./jun. 1999. P. 43-53.

----- **Estudos sobre a rede urbana.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. 2006.

COSTA, Wanderley Messias da. **O modo industrial de produzir no campo:** um aspecto atual da modernização capitalista. São Paulo: USP, 1985.

ELIAS, Denise. Agricultura e produção de espaços urbanos não metropolitanos: notas teórico-metodológicas. In: Sposito, Maria Encarnação Beltrão (Org.). **Cidades médias:** espaços em transição. Expressão Popular. São Paulo, 2007, p. 113-138.

ENDLICH, Ângela Maria. **Pensando os papéis e significados das pequenas cidades.** São Paulo, 2009. UNESP.

FABRINI, João. Edmilson. A Reprodução contraditória do rural nas pequenas cidades. In. **Revista Terra Livre**, nº 32. 2009, p. 137-152.

FARIA, Giovanni S. Marin; CALIXTO, Maria José M. Silva. Ocupação “irregular”: a outra faceta do processo de apropriação do espaço urbano. In. CALIXTO, Maria José Martinelli S

(org.). **O espaço urbano em redefinição:** cortes e recortes para a análise dos entremeios da cidade. Ed. UFGD. Dourados – MS, 2008.

LEFEBVRE, Henri. **O direito à cidade.** São Paulo: Centauro, 2001.

LOPES, Diva Maria F. Cidades pequenas no semiárido: dinâmicas sociodemográficas e marginalização. In: LOPES, Diva Maria F e HENRIQUE, Wendel. **Cidades médias e pequenas:** teorias, conceitos e estudos de caso. Sei. Salvador, 2010.

MELO, Nágela Aparecida. **Pequenas cidades:** reflexões em torno das suas funções sócio-econômicas em áreas de modernização agrícola. In: Anais do X Encontro de Geógrafos da América Latina. USP. São Paulo. 2005.

MIZUSAKI, Márcia Yukari. **Território e reestruturação produtiva na avicultura.** Dourados: UFGD, 2009.

NOGUEIRA, Cláudio Cristhiano da Silva. **A produção habitacional em Itaporã-MS.** Dourados, 2005. Monografia (Especialização em Geografia)- UFMS/Câmpus de Dourados.

PEREIRA, Fabiana Paula e NOGUEIRA, Cláudio Cristhiano Silva. **O papel do poder público na produção habitacional nos municípios da Bacia do Médio Ivinhema.** Dourados, 2003. Monografia (Bacharelado em Geografia) – UFMS/Campus de Dourados.

PEREIRA, José Carlos Matos. **Importância e significado das cidades médias na Amazônia:** uma abordagem a partir de Santarém (PA). UFP, 2004. Dissertação (Mestrado em Geografia).

RAMOS, Soraia. Sistemas técnicos agrícolas e meio técnico-científico-informacional no Brasil. In: SANTOS, Milton & SILVEIRA, Maria Laura. **O Brasil:** território e sociedade no início do século XXI. Record. São Paulo, 2008

RODRIGUES, Arlete Moysés. **Moradia nas cidades brasileiras.** São Paulo, 2001. Contexto.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização:** do pensamento único à consciência universal. São Paulo, 2008. Record.

----- **A urbanização brasileira.** São Paulo, 2005. 5 ed. Edusp.

_____ **O espaço do cidadão.** São Paulo, 1987. Nobel.

----- **Técnica, Espaço, Tempo:** globalização e meio técnico-científico-informacional. São Paulo, 2008. 5 ed. Edusp.

----- **O espaço dividido:** os dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos. São Paulo, 2008. 2 ed. Edusp.

----- **A natureza do espaço:** técnica e tempo, razão e emoção. São Paulo, 2009. 4 ed. Edusp.

_____ **Pensando o espaço do homem.** São Paulo, 2004. 5 ed. Edusp.

SANTOS, Milton & SILVEIRA, Maria Laura. **O Brasil:** território e sociedade no início do século XXI. São Paulo, 2008. Record.

SILVA, Mario Cezar T. **Os novos rumos da política habitacional e o processo de urbanização de Dourados-MS.** São Paulo, 2000. Tese (Doutorado em Geografia)-FFLCH/USP.

SILVA, Valéria Ferreira da. **Os papéis de Dourados – MS no contexto regional:** apontamentos para análise de uma cidade média. Dourados, 2010. Dissertação (Mestrado em Geografia) - FCH/UFGD.

SOARES, Beatriz Ribeiro. Pequenas e médias cidades: um estudo sobre as relações socioespaciais. In: SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão (org.). **Cidades médias:** espaços em transição. São Paulo, 2007, p. 461-494. Expressão Popular.

SOARES, Beatriz Ribeiro; MELO, Nágela Aparecida. Cidades médias e pequenas: reflexões sobre os desafios no estudo dessas realidades socioespaciais. In: LOPES, Diva Maria F e HENRIQUE, Wendel. **Cidades médias e pequenas:** teorias, conceitos e estudos de caso. Salvador, 2010. Sei.

SPOSITO, Maria Encarnação. WHITACKER, Arthur M. **Cidade e campo:** relações e contradições entre urbano e rural. São Paulo, 2006: expressão popular.

SPOSITO, Maria Encarnação. **Para pensar as pequenas e médias cidades brasileiras.** Belém, 2009. FASE (ICSA-UFPA).

SPOSITO, Maria Encarnação (Org.). **Cidades médias:** espaços em transição. São Paulo, 2007. Expressão Popular.

----- **Cidades médias:** produção do espaço urbano e regional. São Paulo, 2006. Expressão Popular.

VILLAÇA. Flavio. **Espaço intra-urbano no Brasil.** São Paulo, 1998. Studio Nobel/FAPESP.

WANDERLEY, Maria Nazareth. **Urbanização e ruralidade** - relações entre a pequena cidade e o mundo rural: um estudo preliminar sobre os pequenos municípios em Pernambuco. Disponível em <www.ipease.com.br/manabawa.itf>.

7 ANEXOS

Anexo A

Roteiro de Entrevistas com Moradores e Proprietários de Estabelecimentos Comerciais

Anexo B

Relatório de ocorrências do Conselho Tutelar de Itaporã (2010-2011)